



Os Tecelões do Destino

Romance do
espírito Domitila

Psicografia de Eurípedes Kühl

Os Tecelões do Destino

Romance do espírito Domitila

Psicografia de Eurípedes Kühl

OS TECELÕES DO DESTINO

Romance do espírito Domitila
Psicografia de Eurípedes Kühl

Data da publicação: 03/05/2018

CAPA: Cláudia Rezende Barbeiro

REVISÃO: Cíntia Cortegoso

PUBLICAÇÃO: EVOC – Editora Virtual O Consolador

Rua Senador Souza Naves, 2245

CEP 86015-430

Fone: (43) 3343-2000

www.oconsolador.com

Londrina – Estado do Paraná

Dados internacionais de catalogação na publicação

Domitila (Espírito)

D721t

Os tecelões do destino / ditada pelo Espírito Domitila, psicografado pelo médium Eurípedes Kühl ; revisão de Cíntia Cortegoso; capa Cláudia Rezende Barbeiro. - Londrina, PR : EVOC, 2018.

155 p.

1. Literatura espírita-romances. 2. Espiritismo. I. Cortegoso, Cíntia. II. Barbeiro, Cláudia Rezende. III. Título.

CDD 133.93
19.ed.

Bibliotecária responsável Maria Luiza Perez CRB9/703

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	6
1. A LAGOA ADORMECIDA.....	8
2. A CONSCIÊNCIA É UMA BÚSSOLA.....	24
3. AMAR SEM SER AMADO.....	41
4. LEVITAÇÃO	63
5. LUZ E SOMBRA	85
6. A TECELAGEM DIVINA.....	104
7. OS TAMBORINS DA ESTRELA D'ALVA	113
8. MODIFICANDO CÓDIGOS.....	135

GRATIDÃO

Todos os passos que até esta data conseguimos caminhar na iluminati estrada da Literatura Espírita, os devemos à Caridade de Jesus, a espelhar o Amor Infinito de Deus.

Nossa gratidão ao Mestre e ao Pai só podemos expressá-la quando, com sinceridade, temos transferido o incentivo recebido dos leitores, para os Autores Espirituais que pela psicografia ou pela intuição presenteiam-nos com tão proveitoso aprendizado.

É deles o mérito integral dos ensinamentos doutrinários dos quais posicionamo-nos como simples estafeta e primeiro aprendiz.

É alegria nossa, saber também que anônimos amigos folheiam com algum proveito as páginas doutrinárias que por meio desse nosso aprendizado têm vindo "lá do Alto".

Por fim, nosso fraternal agradecimento vai para a doce e meiga Domitila — autora espiritual desta obra.

(O Médium)

PREFÁCIO

Ante qualquer desconforto ou sofrimento, no suceder das provas e expiações que visitam a alma, muitos dos que sofrem tais vicissitudes da existência terrena fazem disso pesado débito "ao destino".

Destino, contudo, é expressão humana, atribuindo *sorte* ou *azar* à vida física, dando assento ao *acaso*.

Repetimos aqui o que muitos Espíritos e espíritas já afirmaram: esses quatro vocábulos perderam credibilidade quando Allan Kardec codificou o Espiritismo, unificando racionalmente seus significados, sob a processualística da Lei de Justiça Divina: plantação e colheita — livre aquela, compulsória, esta.

Se tivéssemos que espiritualmente lucubrar sobre a bênção das reencarnações, sob a égide da Lei de Ação e Reação, diríamos, em termos da linguagem terrena, que a vida é uma infinita peça a ser tecida. Além do tear, fios e excelsos modelos, Deus coloca incessantemente à disposição de cada um de nós, pacientes mestres e supervisores a nos ensinar a fiar o bem. Empregar os meios, ouvir os mestres e copiar seus modelos — tudo isso é da nossa opção.

Essa, a plantação. Às vezes, numa única existência.

No tempo certo, colheremos aquilo que plantamos.

Colheitas... essas por vezes se estendem a várias vidas...

Tal entendimento do passado nos induz a promover demissão da revolta e a substituir, no presente, a queixa pela resignação, com o que a fé no futuro deflagrará nossa reconstrução moral.

Nesta nossa humilde narração registramos as dificuldades e os embates de um pequeno grupo de pessoas, apenas no presente.

Por se tratar de recente realidade, propositadamente deixamos a cargo dos leitores as análises e reflexões dos dramas de cada um dos personagens, com o que imaginamos não será difícil perceber e identificar alguns reflexos do passado unindo-os, bem como cada um deles reestrutura seu futuro.

Lição para todos nós, sem dúvida...

Não será difícil perceber, afinal, que cada Espírito — e apenas ele — é o tecelão do próprio *destino*.

A autora espiritual

1. A LAGOA ADORMECIDA



A Lua, num abraço de paz, despejava suave claridade na pacata cidadezinha.

A noite, por sua vez, solidária à Lua, derramava silêncio na amplidão, mais parecendo que em cada uma das milhares de cidades contempladas havia uma Lua, só daquele lugar.

Aguardado há meses, um grande acontecimento social teria início dentro em pouco: o baile das debutantes.

A cada ano os organizadores procuravam superar o baile anterior. O daquele ano, decisivamente, ficaria na história do município pois nada mais, nada menos do que a filha do prefeito, fazia parte das debutantes.

Aliás, "fazer parte" não era bem a realidade: o que se podia notar é que Turmalina, embora não fosse a mais bonita, era a mais rica, motivo pelo qual era a mais adulada, sendo eleita rainha da turma, formada por duas metades: ela e as demais jovens.

Turmalina — "Lina", como era chamada — no verdor dos seus quinze anos acreditava-se a mais formosa; não tanto pelos seus belíssimos olhos azuis, que dependendo da luz solar apresentavam tons violeta, razão de ser do seu nome, mas mais por causa dos bajuladores do seu pai, não poucos, que viviam afirmando-o. Tinha os olhos mais belos dentre todos, mas sua presença, no conjunto, não era a mais bela. Isso não era mesmo...

Felício, o prefeito, que todos chamavam de "doutor Felício", embora ele não tivesse formação acadêmica para tanto, já que apenas concluía o ensino médio, fizera questão de que sua filha tivesse o melhor. E ter o melhor, no caso, seria, como de fato foi, ter a festa abrilhantada pela mais famosa orquestra: a "Sonho Azul", que atravessara três Estados para estar ali, naquela noite.

No ano seguinte seriam realizadas eleições municipais...

Felício, matreiro e calculista, considerou que para colocar sua cidade nos comentários sociais da TV e dos jornais da região, valeria a pena todo gasto. Usando sua autoridade de presidente municipal do partido da situação, majoritário junto à bancada da câmara municipal, convencera os vereadores a aprovar um projeto caprichado de festividades comemorativas do cinquentenário da cidade, coincidente com o *debut* de Lina.

Se o projeto era "caprichado", fácil deduzir que seria também oneroso: só para a "Sonho Azul" iria a terça parte da verba destinada às festividades daquele cinquentenário. De nada adiantaram as poucas vozes de dois vereadores da oposição, contrários a tais gastos. Inclusive, tiveram ambos o desprazer de não serem convidados para o baile, isso porque a "comissão das fadas" (Lina, a presidente da turma assim a denominou) recebeu ordens veladas de Felício para excluí-los.

Às vinte e duas horas, no "Clube das Valsas" — o único da cidade —, ouviram-se os harmoniosos acordes iniciais da imortal valsa *O Danúbio Azul*, de Johann (II) Strauss (1825-1899). Com essa execução, considerada "o hino do Clube das Valsas", a orquestra dava seu tom e marcava presença.

O salão, decorado com algum exagero, contava com iluminação predominante na cor azul (agrados à orquestra...).

Quando a orquestra terminou a citada execução, Tom — o locutor da rádio local — anunciou:

— Senhoras e senhores, boa noite!

Poucos responderam. Tom prosseguiu:

— Honrados com a presença de todos, nesta magnífica noite em que nossa cidade está de gala, ninguém melhor que o seu cidadão número um para agradecer-lhes o apoio, que nunca faltou e nunca faltará...

Aqui, já se podia notar o sentido nada oculto do que estava por vir, pois aquele "nunca faltará" soou mais como um "esperamos que vocês o reelejam...".

Continuou o prestativo chefe do cerimonial:

— É com grande honra que como cidadão, mas com maior alegria no coração, como amigo, que passo neste momento a palavra ao excelentíssimo senhor doutor Felício, nosso insigne magistrado municipal.

Chamar o prefeito de "doutor" já era uma heresia pedagógica, mas de "magistrado municipal", excedera a tabela do cabotinismo possível, indireto, naquelas circunstâncias.

A orquestra, conforme o combinado, fez soar acordes solenes, relembrando a "Canção do Toureador", da ópera *Carmen*, do famoso compositor francês Georges Bizet (1838-1875).

Pobre Bizet: o que fez para merecer tão imprópria lembrança?

Num impecável "smoking" Felício surgiu de detrás do palco, indo a passos lentos até o centro, onde o subserviente Tom passou-lhe o microfone. Ouviram-se algumas palmas.

Respirando fundo Felício iniciou:

— Meus concidadãos, meus amigos, Deus nos abençoou esta noite, pois temos estrelas no céu e também na Terra: nossas lindas debutantes, que hoje saem da adolescência para se tornarem moças.

Gostando muito dessa introdução, emendou:

— Essa reunião é uma rara oportunidade para nossos corações se irmanarem na apreciação das flores da beleza desta cidade, que estão desabrochando para encantar os olhos do mundo...

Gostou mais ainda desse arremate.

Aliás, agora, foi muito aplaudido, já que ali estavam mesmo todos os familiares das nove jovens a debutar.

Dando tempo para os aplausos se esticarem, cravou a cunha política que há meses vinha preparando:

— A prefeitura, que não mediu esforços para o brilhantismo desta festa, assim como não mede jamais sacrifícios para o bem-estar do nosso município, sente-se recompensada por tudo que fez. Eu, como depositário da confiança de vocês e como pai de uma das "fadas", sinto-me cada vez mais fortalecido a dar tudo de mim para

o engrandecimento da nossa cidade. Não posso nem devo tomar seu tempo, mas se Deus quiser e vocês me ajudarem, há probabilidade real de que, no próximo ano, uma grande realização minha, irá resolver definitivamente nosso problema crucial: a falta de água. Para tanto, já me liguei com importantes amigos deste Estado, que acenaram com o apoio a este humilde servidor. Esta era uma notícia que eu não poderia mais guardar só para mim.

Só mesmo um político para misturar comemorações de cinquentenário com baile de debutantes e este com falta de água, problema que, na verdade, naquela cidade só atingia famílias pobres, da periferia. E jogando com o futuro...

Sem nenhum preconceito: deveria ser até proibido, em nome do bom senso, mas principalmente do respeito à pobreza, que alguém trajado a rigor se ponha a falar de problemas municipais, que afetam quase que só às famílias carentes.

Mas essa é outra história e nós não desfilaríamos nela.

Por falar em desfile, as nove jovens, que sequer prestavam atenção às palavras do prefeito, por detrás do palco aguardavam impacientes sua vez de adentrarem no salão.

E o prefeito prosseguia, empolgado:

— Nunca — repito: nunca, como agora, nossa cidade, hoje aniversariando, esteve tão linda, tão limpa, tão acolhedora! Todos os nossos esforços não têm sido em vão. O município, no passo em que nossa gestão está fazendo ele andar, não tardará para ter seu parque industrial e aí o progresso que disso resultar será traduzido pela solução dos nossos atuais problemas, todos graves.

Agora surgiam problemas "graves"... Para todos...

De forma demagógica, numa única tirada, começava por dizer que a cidade era linda mas lembrava dos seus "problemas atuais". Tudo bem equacionado e preparado para o fecho que não tardou. Colocando a mão direita na frente e a esquerda sobre o coração, disparou, em tom ao mesmo tempo exaltado e pungente:

— Meus pensamentos são todos voltados para o engrandecimento da nossa terra e é por isso que preciso de mais algum tempo

para resolver nossos problemas e acabar com a dor que sinto aqui quando vejo tanta gente sem um mínimo de conforto.

Esse amor pela "nossa terra", Felício sentia-o pela metade. A outra metade, sentia-a pelo poder e as mordomias auferidas com seu cargo. Bem se vê que até relógios parados estão certos duas vezes por dia assim como toda meia-verdade contém meia-mentira...

Enquanto falava batia suavemente a mão na frente e com a outra massageava a região cardíaca.

Tímidos aplausos...

Tal como se tivesse sido delirantemente ovacionado Felício completou:

— Sei que vocês não me faltarão, tanto quanto eu jamais lhes faltarei. Minha vida pertence a esta cidade. Quero-a bela e progressista! Obrigado, senhoras e senhores.

Os aplausos, eram muito mais pelo término do discurso do que pelo seu conteúdo. Tom, o chefe do cerimonial, retomou:

— Com o coração transbordante de emoção, após a magnífica profissão de fé e amor à nossa terra que acabamos de ouvir, passo sem demora a palavra às "fadas". Assim, convido-as a pisarem este palco.

Novamente a orquestra fez ouvir o *Danúbio Azul*, ao tempo que as moças iam surgindo das duas extremidades do palco, até se postarem de frente para o público.

Tom, todo meloso, suspirou:

— Ah, meus quinze anos...

Um anônimo brincalhão não resistiu e gritou:

— Você debutou também?...

Gargalhadas gerais do público e sorrisos amarelos do locutor espantaram em parte as nuvens políticas que sobrepairavam sobre o salão. Tom aprumou-se com algum esforço:

— Convido a senhorita Turmalina, rainha das debutantes deste ano, a dizer-nos duas ou três palavras.

Turmalina, ao centro do grupo, dirigiu-se ao microfone, sendo cumprimentada por Tom:

— Boa noite, linda rainha.

Turmalina não perdeu tempo:

— Boa noite para todos, em meu nome e em nome das outras "fadas".

O público gostou. Tom fingiu intimidade:

— Lina, diga-nos o que sente seu coraçõzinho neste momento.

— Felicidade, muita felicidade!

— Como foram os preparativos para esta noite?

— Complicados, pois coincidiram com os exames finais. Se não fosse mamãe eu nem quero pensar...

Todos olharam para a mesa do prefeito, onde Elenise, a mãe de Lina, estava com os pais. Lina não tinha mais avós paternos. O entrevistador continuou:

— Ah, é mesmo: ia me esquecendo que muitas de vocês estão concluindo o ensino médio. Parabéns à excelentíssima primeira dama.

Tímidos aplausos não constrangeram Tom que seguiu:

— Aliás, parabéns a todas as valorosas mães que em sua graça e amor maternal acompanharam as "fadas" — suas filhas —, para que elas estivessem hoje aqui, tão lindas, sem que seus estudos fossem prejudicados.

Agora os aplausos foram calorosos.

— Mas, diga-me, rainha: no que pretende se formar?

— Ainda não sei... estou pensando em Medicina...

— Que bom para todos nós desta cidade, que iremos ter uma médica tão prendada a atender-nos. Por falar nisso, qual foi o presente que ganhou do papai?

— Além desse belo anel e de um novo mobiliário no meu quarto, uma viagem de uma semana na praia.

— Magnífico, magnífico! Quer dizer-nos algo mais?

— Quero sim: agradeço a todos pela presença, mas não posso deixar de mandar um *beijão* especial para a pessoa que com tanta

sensibilidade proporcionou-nos tudo isso. Essa pessoa que todos admiramos, pelo seu amor à nossa cidade e que tenho a certeza que na hora certa terá o retorno na forma de gratidão, confiando-lhe um novo mandato, para engrandecer os destinos desta terra. Como todos já sabem, refiro-me ao meu pai — nosso prefeito.

Impregnadas de sinceridade — fruto mais do amor filial — as palavras de Lina promoveram aplausos que por isso mesmo também foram sinceros. Felício, na verdade, era operoso e dedicado. Turmalina, cabo eleitoral de moto próprio, enaltecera virtudes paternas, existentes mesmo.

Tom, prosseguindo, entrevistou uma a uma das debutantes, mantendo com elas breve diálogo. Após, convidou os padrinhos das moças a subirem ao palco, anunciando a atração principal da noite: Alex, o astro de TV (televisão) nacionalmente conhecido, ali o par-ninfa das "fadas". O famoso galã, oculto até então, logo saiu de trás do palco e beijou a mão de uma por uma das debutantes. A seguir, chegou defronte de Lina, curvou-se em reverência à *rainha* e convidou-a a inaugurar o baile, com ele.

As colegas quase morreram de inveja...

Lina, com o coração disparado e quase saltando para fora do peito, deslizou por todo o salão, "só dela e do seu belo par", ao som da valsa *Voz da Primavera*, do mesmo compositor da *Danúbio Azul*.

A seguir, conforme o estabelecido no cerimonial, Alex dançou por mais ou menos dois minutos, com cada uma das debutantes. Fotógrafos profissionais contratados pelas famílias das moças iam espocando seus *flashes* e aproveitavam todos os ângulos, tanto do salão decorado quanto da movimentação das "fadas". Depois, o salão foi liberado para todos os presentes.

E justamente dentre os presentes, desconhecido de todos, um coração desesperado como que vertia lágrimas de tristeza, vendo a sua amada em braços que não os seus...

O desespero, fácil de entender, advinha da grande diferença social que separava Daniel — o dono desse coração — do objeto do seu amor, nada mais nada menos do que Lina...

Daniel, mesmo fazendo parte daquelas pessoas, sem pronunciar uma única palavra, clamava aos céus:

"Por quê? Por que ela nem me olha, nem sabe que existo? Eu que a amo tanto... que sofro por ela nem saber do meu amor... será que um dia, nesta vida, a terei em meus braços, e serão meus os seus beijos?"

Muito pobre, órfão de pai e mãe, Daniel naquela noite fazia "hora extra" trabalhando no clube como copeiro. Com dezessete anos, vivia a sorver o sabor amargo do caldo da pobreza. Viera da zona rural para trabalhar como empregado naquele clube, onde era tido por todos como um serviçal. Nada mais que um serviçal. Assim, ali não tinha amigos.

Quando o pai de Lina ainda não era prefeito e ia com a família ao clube, onde ficavam quase o dia todo, muitas vezes Daniel os atendera, levando-lhes refrigerantes ou sorvete, na piscina ou no salão de refeições.

O que sentira por Lina fora fulminante, ao vê-la pela primeira vez: ela tinha apenas doze anos e ele quatorze. Assim, há três anos mais ou menos vinha sufocando aquele sentimento que oculto e prisioneiro no peito, à custa de tantos muros sociais, convertera-se em paixão alucinada.

Vendo-a naquela noite de esplendor, o nível do seu sofrimento aumentou, pois, paradoxalmente, cada vez que se aproximava de Lina, sentia que mais distante ficava a possibilidade de um dia unir seu destino ao dela.

A madrugada já ia em meio.

O elevado consumo de bebidas alcóolicas, como de praxe em quase todas essas ocasiões, fez com que muitas pessoas já houvessem ultrapassado a fronteira da normalidade. Na verdade, não eram poucos os que estavam bêbados. Homens e mulheres...

As nove debutantes viviam seu "sonho azul". Empolgadas, com o coração transbordando felicidade, cada uma se autoproclamava a mais bela, dentre as belas. Com seus vaporosos vestidos longos, tendo colares valiosos adornando-lhes o pescoço e o colo juvenil,

exuberantes de graça e vitalidade, as jovens estavam mesmo com aparência mais bonita do que usualmente. Duas delas — Clarice e Eva —, inclusive, deslumbraram aos que as conheciam pois com a esmerada maquiagem para a festa-baile pareciam outras pessoas. Fruto da associação do próprio porte com o traje de muito bom gosto e a maquiagem adequada, restou aos presentes a grata surpresa de descobrirem ali, em sua cidade, duas moças extremamente belas.

Turmalina, como filha do prefeito e rainha das "fadas", por isso e por julgar-se a mais bela, imaginava-se com direito não à exclusividade, mas sim merecedora de mais atenção por parte do jovem artista da TV. E não foi isso que aconteceu... Sentiu-se ofendida ao ver Alex dançar por três vezes com a Clarice ("Cla", como era chamada pelas amigas), ao passo que com ela e com as demais só dançara os instantes iniciais do baile.

O sentimento de frustração que visitava o coração de Lina visitava também os das demais sete "fadas".

Clarice, esfuziante e coquete por estar sendo cortejada pelo astro da TV, estava mais bela ainda, se é que isso fora possível.

Num intervalo da orquestra, em que as moças foram ao toalete para retoques na maquiagem, melhor teria sido Clarice ter ficado com a família... Pois, vendo-a irradiando felicidade, as colegas que a invejavam não disfarçaram. Turmalina, julgando-se com autoridade e direito ("pois ela não era a *"fada-rainha?"*") de repreender tal súdita, advertiu-a:

— Oi, Cla, que coisa feia você está fazendo...

— Eu? Ora, Lina... não faço a menor ideia do que seja.

— Não se faça de santinha: você não é dona dele...

— De quem você está falando?

Catarina, uma das debutantes, apoiou a *rainha*:

— Olhe aqui, Cla, não é justo que você monopolize o Alex. Ele foi pago com dinheiro de todas nós para estar com todas as "fadas" e não para ficar de dengues com apenas uma.

— Meu Deus! Eu não estou monopolizando ninguém. Se ele me tira para dançar, o que vocês querem que eu faça? Que lhe vire as costas e mande ele ir procurar outra?

— Não é isso. Se você fosse nossa amiga de verdade, já teria dito a ele que não fica bem essa exclusividade.

Clarice olhou bem às colegas, uma a uma, percebendo que elas estavam, isso sim, com enorme inveja dela. Ante tal situação, exacerbou-se-lhe do fundo da alma o perigoso sentimento da vaidade, cuja especialidade é construir pedestais e tronos sobre a areia movediça.

Clarice, naquele instante, situou-se bem acima das amigas e com indisfarçado orgulho desafiou-as:

— Se vocês acham que o Alex já é meu, por que não tentam roubá-lo de mim?

As moças mal acreditaram no que tinham acabado de ouvir. O desafio de Clarice, a todas, foi insuportável. Ali, em poucos segundos, as amigas e Clarice — ou melhor, a inveja, de mãos dadas com a vaidade — viram explodir a amizade que há meses cultivavam. Mais que meses: há anos...

Clarice, com ar desafiador, deixou-as, saindo com pose de vitoriosa, queixo empinado, forçando o tórax exageradamente à frente do resto do corpo.

Eva dirigiu-se às amigas:

— Vocês viram isso?

— Sim, vimos — respondeu Turmalina, acrescentando: o que vamos fazer?

— Nós, não: você! — repreendeu-a, Eva, aduzindo: como nossa rainha e como filha do prefeito, que foi quem contratou o Alex, fale para seu pai chamar a atenção dele...

As amigas apoiaram a opinião de Eva.

Sentindo-se mesmo rainha, além de "mais bela dentre todas", Turmalina acatou o que as amigas propuseram. Procurou o pai:

— Papai, quero pedir um favor para o senhor....

— O que você mandar cumprirei, minha linda rainha!

— É o seguinte: minhas amigas querem que o senhor mande o Alex dançar com todas e não só com a Cla...

— Ai, ai, ai... isso pode dar confusão...

— Já deu: se o senhor não fizer nada, nem sei o que poderá acontecer, logo, logo...

O prefeito sabia perfeitamente do que sua filha era capaz: rebelde, jamais aceitando ser contestada, vivia revoltada, maldizendo o "destino que a trancafiara naquela inútil cidadezinha". Por mais que ele e Elenise tentassem agradá-la, mais descontente ficava.

Felício, temeroso de algo desagradável, interrogava-se intimamente: "Mas, aqui, em público, como abordar o ilustre paraninfo e pedir a ele para dar mais atenção às demais "fadas"? Se dependesse do meu poder político, até que daria um jeito, fazendo pressão na pessoa certa e no momento mais indicado. Mas, agora, diante de todos, o que posso fazer?"

Ficou a pensar alguns minutos, sem encontrar resposta para nenhuma das dúvidas. Sabia que a qualquer momento Lina poderia "aprontar" uma confusão. De repente, teve um estalo: "Como é que não pensei nisso, logo? Mas é claro: eu não sou fiscal e sim o dono deste acontecimento. Tenho auxiliares e esse serviço é para escalão inferior".

O "escalão inferior", no caso, era Tom. Ia chamá-lo, mas...

Quando a orquestra fez ouvir os primeiros acordes da romântica composição *A Lagoa Adormecida*, um leve tremor perpassou pelas debutantes, todas, na expectativa de dançar com Alex. Mas, para isso acontecer, seria necessário que ele escolhesse aquela que seria seu par. As jovens, incapazes de disfarçar o que sentiam olhavam para ele, sentado à mesa reservada, com dois profissionais da equipe de TV que o assessorava.

Sem o saber, a orquestra prestava homenagem à *A Lagoa dos Sapos*, existente naquela cidade. Os presentes aplaudiram.

O cantor da orquestra, em tom romântico, sapecou:

— *A noite desceu, a Lua surgiu, na calma laguna...*

Vários pares saíram a dançar.

Alex, como se nem estivesse ali, bebia e conversava com seus auxiliares. As "fadas", com o coração aflito, foram sendo convidadas por rapazes e não puderam negar fazer-lhes par na dança. Sete delas já estavam dançando: só Lina e Clarice não tinham sido convidadas, nem por rapazes, nem por parentes, nem por ninguém.

Quanto a Clarice, o fato é que os rapazes, vendo-a toda derretida pelo galã televisivo, resolveram boicotá-la, isto é, num pacto não celebrado conscientemente, nenhum deles iria tirá-la mais para dançar naquela noite.

Já com Turmalina, outro era o motivo: considerada pedante pela turma que a conhecia, principalmente os colegas da escola, estes sim, sem disfarces, para se vingarem, combinaram deixá-la "esquentando a cadeira". A vingança, no caso, devia-se ao fato de Turmalina viver maldizendo *aquela cidadezinha sem nada interessante, inclusive os rapazes...*

Por isso, excluiu a primeira dança, a de abertura do baile, e outras mais, com o pai, o avô e Tom, Turmalina não fora convidada por nenhum moço.

Clarice, a contragosto, logo estava dançando com um primo.

Alguns rapazes, já sob efeito da bebida, tendo perdido a noção dos bons costumes (será que perderam ou que nunca os possuíram?...) passavam próximos à mesa de Turmalina, com gestos indelicados, denotando-lhe desprezo. Tais gestos deveriam ser notados apenas pela vítima, isto é, por Turmalina, mas não foi o que aconteceu. O avô de Lina, "derretido" pela única neta, captou a ofensa que um rapaz em silêncio desferira contra ela; fingiu que não viu, mas ficou atento para confirmá-la. E o mesmo rapaz, após dar a volta pelo salão, quando passou perto dali, voltou a provocá-la.

Turmalina, tão humilhada quanto irritada, vendo Alex beber, sem parar, tomou uma decisão que quebrou de forma violenta todo o protocolo, como a demonstrar aos rapazes o quanto os desprezava. Contrariando o arraigado costume do cavalheiro escolher com que dama dançar, ergueu-se e sem vacilar foi até à mesa da segunda estrela da noite, pois ela era a primeira. Dirigiu-se a Alex:

— Oi...

Ele sequer ouviu-a. Então, tocou-o no ombro:

— Oi, Alex...

Algo surpreso, o galã virou-se e olhou-a sem entusiasmo:

— Sim?

— Você não vai dançar?

Surpreendido pela pergunta-convite, mesmo como profissional que era, sentiu um grande aborrecimento que não pôde disfarçar. O álcool, que já lhe invadira parcialmente o cérebro, roubara-lhe o controle, a postura profissional e a educação (quanto a esta última, repetimos a pergunta: será que a tinha, para ser roubada?).

Turmalina, só agora se dando conta do absurdo que estava protagonizando, começou a sentir um frio na barriga. Trêmula, de repente apercebeu-se do ridículo a que se atirara. No limite da humilhação, viu esse limite ser transposto: o insólito acontecimento era testemunhado por diversas pessoas, cujas atenções estavam em permanente foco no jovem galã. E mais: várias "fadas", senão todas, vendo Turmalina à frente da mesa do paraninfo, fizeram questão de ficar dançando pelas proximidades. Não pretendiam, ou melhor, não podiam perder um único lance.

Em poucos instantes todos os pares, dançando sem gosto, só olhavam para aquele ponto: o ponto de intersecção da latitude Lina, longitude Alex...

Constrangido, Alex balbuciou para Turmalina:

— Você está bem, menina?

Ser chamada de menina...

Ofensa maior não poderia ter sido dirigida a Turmalina.

Já agora sem qualquer controle, com as emoções fervilhando, ainda conseguiu formular um juízo íntimo: "Quem ele pensa que é? O presidente do mundo? Em vez de me tirar para dançar, me chama de menina. Está bêbado e pergunta a mim se estou bem...". Escorada nesse pensamento, disparou:

— Você foi pago para ficar bebendo?

A pergunta da jovem, direta, cruel, evidenciava que ela queria atenção dele. As pessoas que estavam próximas de imediato repassaram às que não ouviram o ataque de Turmalina a Alex. Em segundos, todo o salão já sabia o que estava acontecendo.

Torpedos agem submersos, ocultos, anônimos, silenciosos. Quando se sabe deles costuma ser tarde. Assim, gostaria Turmalina que seu diálogo acontecesse. Mas, como suas palavras foram ditas quase aos gritos, aí já se assemelharam a um míssil, devidamente qualificado quanto à origem e motivação: raiva, por não ter sido mais par de Alex.

Alex, com pouco expediente para aquela inusual situação, em grande desconforto, tentou superar a crise, com classe:

— Se a rainha ordena, eu obedeco...

Ergueu-se, com pouco equilíbrio e já tomava Turmalina nos braços quando Ana Cláudia, uma das "fadas", sem qualquer freio na revolta íntima, também em alto e bom som debochou:

— Rainha de quê? De quem?

Embaraçado, o astro de TV foi diplomático:

— Até onde sei, ela é a rainha das debutantes...

— Você está louco — indignou-se Ana Cláudia, repreendendo-o: Olhou bem para ela? Sequer sabe seu nome?

Alex, com Lina já em seus braços, prestes a dar os primeiros passos da dança com ela, deixou-a. A situação tornara-se constrangedora para todos. Ana Cláudia e seu par afastaram-se, mas agora foi Catarina quem provocou nova confusão:

— Estava ouvindo vocês... posso saber se você veio aqui para dançar com todas nós, as debutantes?

— É claro que sim — respondeu Alex. Catarina atacou:

— Então por que não parou de beber e até agora só dançou com a Clarice?

— Olhe aqui, senhorita, sou profissional, no meu contrato está escrito que deveria dançar ao menos uma vez com cada uma das debutantes e foi exatamente o que fiz. A partir daí, com quem eu

danço ou quantas vezes danço, seja com quem for, bem como o quanto bebo, são problemas meus.

— Você não passa de um mal-educado...

Lina, até então deixada parcialmente fora do belicoso contexto que ela própria iniciara, agora com ódio no olhar, dirigido às duas colegas, cujo intrometimento fizera com que ela saísse dos braços de Alex, disse a Catarina:

— Por que você não vai cuidar da sua vida e nos deixa em paz?

— Ah, que romântico! A "fera" defendendo o "belo"...

À maldosa inversão dos personagens centrais do conto infantil "A bela e a fera", Lina perdeu de vez o *restinho* de controle que mantinha e esbofeteou a amiga.

O míssil detonou e a partir daí instalou-se o pandemônio: Catarina, furiosa, investiu sobre a "rainha das fadas" e atracou-se com ela, em combate onde o que mais se via eram cabelos sendo puxados e vestidos serem despedaçados.

Alex, agora longe do compromisso profissional, agindo por instinto protetor, além de sentir-se co-responsável por aquela triste cena, precipitou-se sobre as duas briganças, para separá-las, pois estavam engalfinhadas numa luta bizarra.

Milton, o namorado de Catarina e que com ela dançava, estando bastante alcoolizado, valeu-se da situação e quando pôde esbofeteou Lina. Alex, que se esforçava em pôr termo àquela briga, ante a covardia que presenciara, por sua vez esbofeteou o rapaz, que se estatelou sobre uma mesa próxima. Ao cair, Milton derrubou tudo que estava sobre a mesa, com isso espirrando bebida nos que estavam sentados ao seu derredor, inclusive atingindo outras pessoas das proximidades. Alguém proferiu um sonoro palavrão, recebendo um soco no rosto, ninguém sabendo quem xingara e menos ainda de onde veio o soco.

A briga, que era de poucos, logo virou de muitos e em instantes transformou-se de quase todos, generalizando-se.

A orquestra, impassível, mesmo diante da balbúrdia, prosseguia com os suaves acordes da *A Lagoa Adormecida*.

Se não fosse tão triste tudo aquilo, até se poderia brincar e dizer que nem o barulho despertou a tal lagoa, porém, longe dali, de face voltada para o céu estrelado, a calma lagoa da cidade era palco de um vai e vem infindo de insetos e animais noturnos. O repetitivo coaxar dos sapos e o chirriar dos grilos demonstravam que lá a vida de superfície era mais intensa à noite e que dormindo, só os peixes, no fundo das plácidas águas.

No salão, de repente, ouviu-se o estampido de um tiro e um grito de dor. Como que por mágica, ou como num filme de ficção, praticamente todos se imobilizaram. Os habitantes daquela pequena cidade, ainda não contaminados pela violência dos grandes centros urbanos, assustaram-se ante a abrupta realidade: ali, naquele ambiente de alegria, alguém atirara em alguém e talvez a morte — a convidada mais certa da vida, mas como sempre a menos esperada — quem sabe, tinha vindo participar da festa?...

Estupor geral.

A orquestra fez instantâneo e absoluto silêncio, como se um poderoso raio e um trovão houvessem mesmo despertado a tal lagoa, acabando com a música...

Todos queriam saber quem atirara... E em quem?

Um segundo grito — este de pavor, de Lina — respondeu à última pergunta: Alex! Ambos os gritos, na verdade, fatiaram a noite em duas metades, sendo uma formada de tantos sonhos individuais somados e a outra, de pesadelo coletivo.

O impecável traje a rigor do paraninfo encharcou-se de sangue, conferindo um pungente contraste entre o branco e o vermelho. Lina foi a primeira a romper a inércia coletiva: atirou-se sobre Alex, tombado imóvel. Ergueu-lhe delicadamente a cabeça inerte e logo exclamou entre lágrimas:

— Meu Deus! Ele... morreu!

2. A CONSCIÊNCIA É UMA BÚSSOLA



Os danosos efeitos do álcool no cérebro têm sido os responsáveis por incontáveis tragédias. Ali, era apenas mais uma, desse triste, imenso e por enquanto infinito rol. Sim, por enquanto, pois tempo virá em que o homem se conscientizará do quanto desrespeitoso ao Criador é descaracterizar bênçãos naturais, tais como a abençoada cana-de-açúcar, o nutriente milho, os grãos do malte ou da cevada, as flores femininas do lúpulo, além de uma infinidade de frutícolas.

Perguntamos: para quê Deus colocou no mundo essas bênçãos e ainda tamanha e tanta variedade de frutos? Para tudo isso ser submetido a uma equivocada alquimia, transformando-se em caldos fermentados ou destilados — bebidas alcoólicas?...

Respondamos com bom senso.

Para ajudar-nos à resposta, busquemos na memória a lembrança do que já vimos acontecer com pessoas embriagadas... seus empregos... suas famílias... sua saúde... a própria sociedade...

Milton, ao ser esbofeteado por Alex, na frente de todos, rolou pelo chão e não suportou a humilhação. De pé, Alex olhava-o, em guarda contra eventual revide. Aliás, a ideia de vingança em Milton surgiu-lhe fulminante, antes mesmo de estatelar-se. Sendo socorrido por um tio, que lhe deu a mão, entreviu um revólver na cintura dele e como um felino apoderou-se da arma. Ainda caído, sem qualquer cuidado, apontou-a para Alex e disparou. Usou a arma que lhe pareceu providencial, pois Alex era muito mais forte que ele. Tudo isso não demorou mais que alguns segundos.

O prefeito, como que emergindo naquele mar confuso, assumiu, ou pelo menos tentou assumir as rédeas da situação:

— Deixem-me passar... deixem-me passar...

Vendo a filha aos prantos, com sangue nas mãos e Alex caído, inerte, com ferimento no peito, agarrou a filha:

— Lina, minha filha, o que aconteceu? O que você está sentindo? Está ferida?

Sem poder falar Lina apenas balbuciou:

— Eu... estou bem... Mas ele...

Apontou para Alex e sentenciou:

— ... ele está morto!

— Um médico! O doutor Mário, o doutor Mário! Alguém vá chamá-lo, com urgência urgentíssima — ordenou o prefeito.

"Urgência urgentíssima" sempre foi uma expressão que Felício utilizava, quando queria demonstrar poder.

Desnecessário dizer que a festa acabou ali.

Com Lina em estado de choque, seus pais retiraram-se do clube e no carro oficial, dirigido por Tom, levaram-na para casa. Tom, muito obsequioso, servil, invocando o direito que lhe concedia a recíproca amizade com a "família número um do município", fez questão de dirigir o carro, "naquele momento de grande dor". Quem gostou disso foi o motorista do prefeito que, dispensado, foi para casa mais cedo...

No trajeto, aflita por não saber exatamente como as coisas tinham acontecido, Elenise perguntou à filha:

— Pelo amor de Deus, Lina, o que você fez?

Felício interferiu:

— Isso não é hora de briga. Amanhã providenciaremos...

O "amanhã providenciaremos" era atitude típica de alguém que, com a autoridade do exercício de algum cargo, político ou não, joga com o tempo, transferindo (ou excluindo) responsabilidade.

Na verdade, o prefeito não poderia se ausentar da cena dos tristes acontecimentos, pois vendo que sua filha não estava ferida, apenas abalada psiquicamente, a mãe cuidaria dela. E ele, como autoridade maior da cidade, teria que contemporizar, acalmando os ânimos. Mas não foi o que fez: com a desculpa de atender à filha, saiu apressado do baile.

Lina, numa inesperada reação agarrou as mãos do pai e quase sem abrir a boca, com os dentes cerrados, murmurou:

— Eu o matei! Eu o matei!

Elenise quase teve um ataque nervoso:

— Não diga bobagens.

Felício reforçou:

— Lina, minha filha: quem atirou no Alex foi o doido daquele rapaz, o Milton.

— Mas a culpa foi minha, pai.

— Como assim?

— Isso mesmo! Se eu não tivesse ido lá na mesa dele, nada disso teria acontecido... eu só queria que ele dançasse comigo...

— Você não tem juízo mesmo — voltou Elenise a admoestar a filha, comentando: imagina ter ido tirar aquele ator para dançar... Essa gente não presta... Ou você acha que ele...

Felício intercedeu, justificando:

— Não continue, Nise (assim tratava a esposa): o rapaz foi atencioso com a Lina.

— Você não perde ocasião para ficar contra mim, não é, Felício?

— Não estou contra você: estou do lado da verdade...

— Parem! — gritou Lina, com todas as forças do pulmão. Ainda reverberava-lhe no ouvido o estampido fatídico.

O grito foi tão agudo que fez Tom quase perder a direção e embora a jovem estivesse se dirigindo aos pais, o locutor, agora motorista, breiou o veículo com energia.

Felício repreendeu-o:

— O que é isso? Quem mandou você parar?

Tom ia responder quando Lina atalhou:

— Mandei vocês pararem de discutir...

Encabulado, Tom pôs o carro em movimento. Lina ordenou-lhe:

— Siga direto para a Santa Casa!

Tom olhou para Felício aguardando que o chefe homologasse a ordem, ou não. O prefeito, atarantado, olhou para a filha e depois

para Elenise. Foi esta que falou mais alto, sobrepairando absoluta sobre os dois e dissipando suas dúvidas:

— Nada disso: não será bom aparecer lá essas horas, ainda mais se o rapaz morreu mesmo...

— Mãe! Agora a senhora não manda mais em mim... já sou adulta!

Lina baseava *sua maioria* no fato de ter debutado...

— Ah, é? E desde quando uma fedelha como você já é adulta? Você é uma tonta, isto sim.

Voltando-se para Tom, Elenise ordenou:

— Para casa!

— Quero vomitar! — avisou Lina, contorcendo-se.

— Pare o carro — ordenou Felício a Tom.

Tom obedeceu e inclusive desceu do carro, deu a volta e solícito, abriu a porta para Lina descer também e não sujar o interior do veículo. Ajudou-a, educado, dando-lhe a mão.

Mas, tão logo viu-se fora do Carro, Lina disparou em louca carreira. Na verdade, não estava sentindo nenhum mal-estar, apenas arranjara um estratagema para não ir para casa, e sim, para ir à Santa Casa, ver Alex.

Aflito, sem saber o que fazer, Tom olhou para Felício que reagiu de pronto. Ele, o prefeito, assumiu a direção e acelerou o carro em direção à filha. Tom foi deixado no meio da rua...

Felício alcançou e ultrapassou Lina, que sequer vencera dois quarteirões e já estava quase sem fôlego. Parou o veículo, desceu e ficando à frente dela, ameaçador, determinou:

— Entre agora mesmo, senão...

— Pode me matar até, mas primeiro vou ver o Alex. Sou a responsável pelo tiro que tirou a vida dele.

Elenise, que também descera, foi contundente:

— Se ele morreu, para quê você quer ir lá?

— Não sei, mãe, não sei. Só sei que preciso vê-lo... uma última vez...

Tom, que também viera correndo atrás do carro, chegou e para ser agradável, ventilou uma hipótese positiva:

— Será que ele morreu mesmo?

A pergunta funcionou como se um raio houvesse caído na mente daquelas pessoas, substituindo, em alvoroço, certeza por dúvida. Felício dirigiu-se à filha:

— Diga-me uma coisa: quem disse que o Alex morreu?

A mãe sedimentou, com sarcasmo:

— Vai ver ele só desmaiou, mais pelo que bebeu do que pelo tiro...

Lina, de repente, ante a esperança que invadiu-lhe a alma, experimentou um sentimento de supremo reconforto. Pensou: "É mesmo! De fato, não sei se o Alex morreu. Talvez esteja vivo".

Navegando na prosperidade do seu intento em ser útil ao chefe, Tom, que os alcançara, respondeu a pergunta dele:

— É mesmo: ninguém sabia direito se o rapaz tinha morrido, O doutor Mário, pelo telefone, determinou que não mexessem no rapaz e que logo chegaria ao clube, para os primeiros socorros e de lá conduziria o ferido à Santa Casa, onde poderia atendê-lo no que pudesse.

— Como maior autoridade desta cidade preciso mesmo — decidiu Felício, para felicidade de Lina — saber qual o estado do Alex. Vamos para a Santa Casa.

Ao chegarem Lina desceu e sem parar, quase correndo, passou pela recepção e dirigiu-se à sala de cirurgias. Seus pais seguiram-na, afobados. Nem o guarda noturno, nem o atendente, ambos de plantão, ousaram impedir a invasão da "família real" (como jocosamente tratavam, intramuros, o prefeito e seus familiares).

Pelo visor da porta do centro cirúrgico Lina olhou para o interior. Estava fracamente iluminado, não havia ninguém lá.

Dessa vez, um torpedo mental disparado pela incerteza, atingiu-a no cérebro: "Será que ele morreu? Se não está aqui... é porque nada havia a fazer..."

Mais calmos, Felício e Elenise envolveram a filha num abraço carinhoso e condoídos de sua mágoa tentaram encorajá-la:

— Lina, Lina — disse-lhe a mãe — você está cometendo um grande erro em julgar-se culpada da...

Embaraçou-se e não conseguiu concluir. Lina o fez:

— ... da morte dele, não é, mamãe?

— Não é isso que sua mãe quis dizer — atalhou Felício, complementando: o que queremos é que você pare de se sentir uma criminosa. Como é que você foi arranjar uma bobagem dessas para nos aborrecer desse jeito?

— Então... isso é o que vocês dois estão sentindo? Aborrecimento? E que sou eu a causadora?

Felício ainda quis consertar:

— Não foi o que eu quis dizer. Você está colocando palavras na minha boca e isso não é ético.

— Ética? O senhor vem me falar de ética, numa hora dessas? Papai, papai: o senhor não está num palanque, eu não sou sua eleitora, tenho apenas quinze anos, se lembra? Por isso pare de me tratar como se eu fosse um título eleitoral...

— Não fale assim com seu pai — interferiu Elenise.

— É verdade que também estou aborrecendo à senhora?

— Está sim. A mim e ao seu pai. Está se portando como uma criança. O que aconteceu já aconteceu e agora não adianta você ficar se martirizando e discutindo dessa maneira.

Felício tentou esclarecer os fatos de forma conclusiva:

— Pela última vez, vou repetir, minha filha: você não tem culpa do acontecido; você não atirou no Alex: você não é uma assassina!

Os poucos funcionários de plantão, embaraçados, assistiam àquela áspera conversa familiar, à qual o prefeito, após seu veredito final, julgando-se dono da situação, decretou:

— Vamos voltar para casa.

— Vão vocês dois — disse Lina, acrescentando: ficarei aqui até o Alex chegar.

Pretendendo dar uma lição na filha, Felício ordenou a uma auxiliar de enfermagem:

— Alaíde: diga ao Tom que já vamos embora.

A mulher atrapalhou-se, pois o carro oficial, com o chefe do cerimonial ao volante, estava à entrada e com o motor ligado.

Percebendo o ridículo de ter dado ordens desnecessárias, Felício resmungou e deixou o interior da Santa Casa, no que foi acompanhado pela esposa. Entraram no carro e foram embora.

Vendo-se sem os pais, apenas com os funcionários, que sequer piscavam, surpresos com aquilo tudo, só aí foi que Lina deu-se conta de que estava frio. De repente, conscientizou-se que nada tinha a fazer ali, naquele ambiente hospitalar, que com movimento de pacientes, visitas, enfermeiros e médicos para cá e para lá, é uma coisa; porém, àquela hora, alta madrugada, o "astral" era quase que fantasmagórico.

Lina sentiu-se só no mundo.

Tinha vontade de chorar, mas as lágrimas fugiram.

Pensamentos em tumulto provocaram-lhe perigosa congestão mental, a traduzir-se por um tremor crescente.

Alaíde, captando o clima emocional da jovem, cujos sintomas prenunciavam para breve eclosão de estado de choque, confortou-a, tirando o agasalho que vestia e ofertou-o a ela:

— Vista esta blusa de lã para não se resfriar, se é que já não se resfriou. Vou fazer um chá bem quentinho para você.

Lina, sem reações, com os olhos vidrados, deixou-se agasalhar pela blusa. Alaíde sugeriu-lhe ainda:

— Não é bom ficar aqui, sozinha. Tenho certeza que já já o doutor Felício virá buscá-la, pois, indo embora, só quis dar-lhe um pequeno susto.

Percebendo que a jovem agora estava mesmo em estado de choque, ocorreu a Alaíde orar. Para tanto, convidou-a:

— Vamos até à capela? Lá as paredes são forradas de madeira e por isso não é tão frio como aqui.

A Capela a que se referia Alaíde havia sido fundada na Santa Casa há mais de cinquenta anos. Lina há anos não ia ali...

Alaíde conduziu Lina à Capela, onde acendeu as duas arandelas que proporcionaram fraca mas colorida iluminação no interior. Poucos e pequenos bancos de madeira mobiliavam o acolhedor, porém, acanhado recinto. Alaíde acomodou Lina no banco da frente e captando que ela necessitava com urgência de auxílio espiritual, tomou caridosa decisão: aplicar um passe na jovem, mesmo sabendo que ali, embora ambiente de oração, não era necessariamente o mais indicado. Assim, colocou a destra sobre a cabeça dela, fechou os olhos e murmurou com fé: "Amigo Jesus, abençoa nossa irmãzinha Lina".

Na verdade, Alaíde aplicou um benéfico socorro fluidoterápico em Lina, na forma de um passe (transusão de energias magnéticas e espirituais), sem que a assistida o soubesse. Sinalizando que a prece de Alaíde fora atendida por Deus e ao mesmo tempo demonstrando a força da fé e da caridade pura, Lina sentiu-se algo revigorada, saindo do estado de choque.

Frequentadora assídua e pontual do único Centro Espírita da cidade, era lá que, quando no sagrado exercício mediúnico da cura — faculdade essa que possuía —, Alaíde atendia mais doentes do que na Santa Casa, quando no exercício profissional de enfermagem.

Vendo a jovem mais equilibrada, Alaíde recomendou-lhe:

— Fique aqui alguns minutinhos e me espere pois logo voltarei com o chá, para espantar o frio.

Há uma passagem de Jesus que radiografa à perfeição o que aconteceu ali, na Capela: foi quando o Mestre encorajou seus discípulos, prometendo-lhes que onde quer que dois ou três se reunissem em seu nome, Ele ali estaria; no caso, Jesus não especificou endereço para tal reunião de fé.

Ora, Alaíde e Lina, de fato não formavam "uma reunião", contudo, nem sempre, mesmo com os olhos bem abertos, vemos tudo à nossa frente...

Sem nenhum subterfúgio e com grande propriedade, Hyppolite Léon Denizar Rivail (1804-1869), insigne pedagogo francês que sob o pseudônimo de Allan Kardec codificou a Doutrina dos Espíritos — o Espiritismo —, registrou no "O Livro dos Espíritos", à questão número 459, que os Espíritos influem em nossos pensamentos e atos muito mais do que imaginamos, a tal ponto, que, quase sempre, são eles que nos dirigem.

Hoje, já não ocorre a nenhum cristão dedicado ao estudo do Evangelho de Jesus a interpretação "ao pé da letra" dos textos do Novo Testamento. Sabem esses cristãos que ao se valer das parábolas, Jesus deixou seus ensinamentos para a eternidade, bastando apenas que deles sejam alijados os radicalismos interpretativos, para com isso dar assento à razão e à lógica. Por exemplo: nesse caso da presença de Jesus junto "a dois ou três reunidos sob Sua bênção", não será desrespeito, menos ainda perjúrio, aceitar que prepostos do Mestre, sintonizados pois com o Bem e com o Amor ao próximo, atendam sob inspiração e em nome sim, d'Ele — Jesus —, a todas as súplicas que Lhe forem dirigidas.

Num outro exemplo, uma pessoa sozinha em prece sincera pedindo algo para si ou para outrem, já será atendida conforme o merecimento, sem necessidade de que chame mais uma ou duas pessoas para completar o "quorum" textual bíblico. Até porque, se quem ora acredita em anjos em geral, ou anjo da guarda em particular, ou Espíritos protetores, ou "guias", será de crer que um ou mais se aproxime(m) e com esse alguém irmane(m) pensamentos e fé em Deus. Se aliada à razão, a fé exalta essa compreensão e disso não há o que duvidar.

A madrugada sempre causa impacto psíquico a todo aquele que por uma razão ou outra se vê abraçado por ela. O conforto de um lar, a segurança da companhia dos familiares, a temperatura agradável das roupas de cama, a maciez de um colchão — tudo isso, todas as noites, é bênção pouco avaliada por muitos.

Aves nos ninhos ou empoleiradas em galhos frondosos; roedores em pequenos buracos; lobos nos covis; leões, tigres e onças, em furnas; morcegos nos grotões; muitos peixes nas locas ou inquilinos gratuitos de embarcações naufragadas, ou em formações de calhaus... enfim, praticamente toda a natureza descansa quase que toda a noite, como que dispensando o Sol por algumas horas.

Os seres humanos, desde seu ingresso na racionalidade (originários que são dos reinos inferiores), observaram a natureza e a copiaram. Vêm fazendo isso até hoje! Sim: todas as invenções humanas, na verdade, são pálida cópia daquilo que sempre existiu na natureza, que dadivosa, de nada registrou patente e nem cobra direitos autorais. Ao contrário: cada vez mais a vida, que é a "empresária" da natureza, como sua porta-voz, clemente, incentiva ao homem imitá-la.

Assim, seguir à natureza é trilhar por caminhos pavimentados por Deus.

Longe do lar na madrugada, Lina se sentia qual náufrago perdido em alto mar ou um beduíno, isolado no deserto: solidão... solidão... solidão... Solidão, tendo por companhia solidão. E cada vez, mais solidão chegando. E com ela, desespero, angústia, medo.

O reconforto fluidoterápico que Alaíde lhe dispensara evitou que a mente da jovem se desorganizasse por completo.

Ainda sem conseguir pôr as ideias em ordem, olhou uma pequena imagem à sua frente: Nossa Senhora do Rosário. No mesmo instante lembrou-se parcialmente das aulas de catequese, onde aprendera que a Mãe de Jesus (ali representada), numa das suas aparições, há muitos séculos atrás, trazia um colar de muitas contas, composto de quinze mistérios e que por isso passou a ter mais essa outra designação, dentre tantas.

Ante tal lembrança seu cérebro aquietou-se e a mente, qual um relâmpago, endereçou um pensamento a Jesus, na forma de uma aflita súplica: "Oh, meu Jesus, salva o Alex!"

Sem que conseguisse explicar, sentiu muita calma. E essa calma ensejou-lhe um pensamento: "Jesus... Será que o Filho de Deus está por aqui para ouvir a Alaíde? Ou a mim?..."

Consciente de que a morte, esta sim, rondava por ali, querendo ou "já tendo" Alex, intuiu que no mundo nada poderia impedir tal tragédia. Mas, das distantes e algo imprecisas lembranças do Catecismo, deixadas de lado na adolescência, Lina recordou de uma: aquela na qual Jesus tirou Lázaro dos braços da morte. "Só Jesus — dissera o padre — poderia realizar tal milagre".

Súbito, Lina compenetrara-se que só mesmo Jesus poderia salvar o Alex. Ajoelhou-se. Nesse deslembado gesto olhou para a pequena imagem da Santa e orou: "Mãe Santíssima, pede ao Seu filho para salvar o Alex...".

Surpreendente: a Capela encheu-se de uma suave claridade em tom safira, que partindo do nicho se sobrepôs à tênue iluminação das arandelas, estas, pintadas de rosa.

Paz, calma e equilíbrio visitaram a alma da Lina.

Encorajada, subconscientemente sabendo-se "ouvida" por N.S.do Rosário, entregou-se a um inesperado momento de devoção, desarquivando da mente desconhecida fé que repousava em sua memória profunda. Julgou que seria ingratitude não se dirigir diretamente a Jesus e assim acrescentou uma segunda prece: "Jesus, Jesus: se Sua Santíssima Mãe puder, pede a Ela para deixar o Senhor trazer o Alex de volta à vida".

Fizera isso pois imaginava que só seria atendida em suas preces se fizesse os dois pedidos, cruzados...

O Bem, expresso em sentimento puro — como naquele momento — não faz gradação de valores, pondo-se a estabelecer hierarquia, entre esse ou aquele destinatário dessa ou daquela invocação. As preces de Lina trilharam atavismo secular, nascido do equivocado costume corrente dos dogmas que vêm no Puríssimo Espírito de Maria sobrevalor moral em relação ao Seu filho. Houve atendimento divino dada a intenção sincera e caridosa das preces, plenas de singularidade, conquanto equivocadamente hierarquizando valores espiri-

tuais e determinando trâmites daquilo que rogava (qual alguém que pede a uma mãe que autorize o filho médico a realizar um exame num doente).

Com efeito, no mesmo instante Alex adentrava na Santa Casa, acompanhado do doutor Mário e de várias pessoas.

Ao ser atingido pelo tiro o astro de TV perdera muito sangue e desmaiara. As pessoas, segundo ordens do médico, não o removeram, colocando apenas um chumaço de algodão sobre a ferida, na expectativa de estancar a hemorragia. Logo chegou o doutor Mário e procedendo a cuidados imediatos orientou a remoção do paciente para a Santa Casa.

Conduzido à sala de cirurgia, o doutor Mário realizou os preparativos para o atendimento de urgência. Ficou feliz em saber que Alaíde estava de plantão. Aliás, quando Alaíde deixou Lina na Capela o telefone tocou e a enfermeira atendeu: era o doutor Mário informando que estava para chegar com um paciente gravemente ferido e por isso pedia-lhe que preparasse o centro cirúrgico. Rapidamente Alaíde cumpriu a ordem e foi fazer o chá para Lina. Quando o chá ficou pronto Alex chegou e Alaíde informou ao doutor Mário:

— Em um instante estarei à sua disposição. Só vou levar este chá à Capela para a filha do prefeito, que não está passando muito bem.

Alaíde, aliás, mantivera-se em oração, desde que atendera Lina. Atravessou o pátio, àquela hora em absoluto silêncio. Ao aproximar-se da Capela, já de fora ficou algo surpreendida ao divisar maior claridade no interior, no tom azul...

A Lua, lá no alto, sereníssima...

Uma estrela brincalhona, como se fosse um confete colorido atirado à imensidão celestial pelo sopro do Supremo Criador, mudou de endereço em vertiginosa velocidade, deixando atrás de si um traço vermelho.

Alaíde, imaginando que aquele era um "sinal", apenas um "sinal", conjeturou: "Tem Espíritos bons por perto..."

Quando chegou na porta da Capela preocupou-se pois não viu Lina, onde a deixara há poucos minutos. Pensou: "será que ela foi embora?". Ao fixar melhor a vista no interior da Capela a caneca quase caiu-lhe da mão, por um dos maiores sustos que alguém pode levar: viu Lina pairando no ar, ajoelhada no vácuo, a cerca de metro e meio de altura, quase que rosto a rosto com a pequenina imagem de Nossa Senhora do Rosário! A jovem não tinha sustentação alguma e estava imóvel!

— Lina...

Ainda imóvel, na mesma posição e de olhos fechados, a jovem começou a perder altura e em poucos segundos, com suavidade, estava ajoelhada no nível do piso, de olhos fechados.

A claridade azul começou a desaparecer, dando lugar à tradicional e fraca iluminação em tom rosa.

Alaíde, trêmula, achegou-se à jovem e perguntou-lhe:

— Como... como é que você foi lá para cima?!

Abrindo os olhos Lina assustou-se um pouco com Alaíde e sem entender o que se passava, por sua vez perguntou:

— Eu? Lá em cima, onde? Do que você está falando?

Alaíde compreendeu no mesmo instante que Lina não se dera conta do formidável acontecimento. Com muito cuidado, medindo cada palavra, disfarçou:

— Tive a impressão que você flutuava no ar... mas agora percebo que foi ilusão de ótica, pois como aqui está com pouca iluminação, as arandelas não permitem uma boa visão para quem vem lá da recepção, onde a luz é forte.

No íntimo Alaíde sabia que não se enganara: Lina realmente estivera no ar, embora sem consciência disso. Tal certeza alicerçou-se mais quando Lina comentou:

— Estranho... estranho... Estava em oração e de repente parece que dormi... Acordei com você me chamando.

— Quando você... adormeceu... lembra-se de algum "sonho"?

— Sim: vagamente, recordo-me que comecei a sair do chão, bem devagarinho, qual uma pluma... e quase encostei meu rosto no de Nossa Senhora do Rosário...

— Bem, tome esse chá e depois falaremos mais sobre isso.

Só depois de Lina tomar o chá é que Alaíde informou:

— Ele chegou... O doutor Mário trouxe-o e neste momento está atendendo-o.

— Alex!!! Como ele está? Está...

— ... desmaiado. Preciso ir, pois o doutor Mário está precisando de mim. Só vim aqui trazer-lhe o chá. Tenho que ir.

Mal acabara de dizer isso e o guarda noturno da Santa Casa entrou na Capela e após persignar-se pediu a Alaíde:

— Dona Alaíde, o doutor Mário está chamando a senhora para auxiliar na cirurgia que está para realizar no rapaz que foi baleado e que está passando muito mal. Ouvi o médico dizer que ele tem que ser operado com urgência.

Alaíde fez um pequeno afago em Lina e em passo apressado deixou a Capela.

Novamente sozinha na Capela Lina sentia-se fortalecida. Lembrou-se de Deus e sem se dar conta, agora tinha uma certeza: Alex se salvaria! Ante essa confiança, seu coração juvenil devaneou e viu-se abraçando-o com ternura, sendo correspondida. Nesse abraço imaginário, sem palavras, ela e Alex confessaram amor recíproco. Saber-se amada por ele era algo maravilhoso, sentimento esse que aqueceu-lhe "até a alma".

Subtraiu-a desse êxtase romântico de alguns minutos um enérgico chamamento de seu pai, que à entrada da Capela disse-lhe:

— Minha filha! O que está fazendo aqui, sozinha? Vamos para casa. Sua mãe está aflita e eu não me perdôo de tê-la deixado ficar aqui, nesse frio...

"Frio?", pensou Lina, "como papai está sentindo frio se está um calor tão gostoso"?

Felício trouxera uma blusa de lã que acabou não sendo usada pois Lina, agasalhada com a que Alaíde lhe emprestara, não quis

tirá-la. O pai enlaçou-a carinhosamente e conduziu-a ao carro, tranquilizando-a:

— O rapaz está sendo operado e assim que for possível o doutor Mário vai telefonar lá para casa, informando-nos qual o resultado da cirurgia. Por isso, minha filha, não adianta ficarmos aqui. Vamos embora.

Aninhada na proteção paterna, Lina demonstrando extraordinária calma, deixou a Santa Casa. Chegando em casa ela decidiu ficar acordada, ao lado do telefone. Contudo, foi vencida pelo sono, sendo levada ao leito. Passava do meio-dia quando acordou. Vendo que horas eram, deu um pulo da cama:

— Mamãe! Mamãe!

Elenise atendeu-a, bem calma:

— Querida, você dormiu bastante, hein?

— Mãe, o Alex... Como ele está?

— Fora de perigo.

— Graças a Deus! Vou tomar um banho e irei visitá-lo.

— Isso não será possível, querida...

— Por que?!

— Porque veio um helicóptero lá da Capital e levou-o.

— Mas isso não podia acontecer... Ele não podia ir embora sem antes eu vê-lo!

— Pois é, querida, agora está tudo em paz e o pesadelo se acabou.

— Pare de me chamar de "querida"! Detesto o tom que a senhora emprega quando me trata assim. E não compreendo como é que a senhora pode ser tão insensível. Eu nunca me perdoarei se não falar com ele, ao menos para pedir desculpas.

— *Turmalina*, pense bem: ele é famoso, bonito, onde vai muitas garotas ficam entusiasmadas, mas é bem orientado por seu empresário para não se envolver com nenhuma delas. Trata-as com gentileza, seus modos são treinados mas sem carinho sincero e sempre com estudado charme.

— Não quero saber nada disso. Não é todo dia que ele está falando com uma garota e leva um tiro, que poderia matá-lo, ou talvez ainda o mate. Essa garota fui eu, mãe! Eu! E não as centenas ou milhares de fãs, sei lá, a que a senhora se refere.

— Mais um motivo para você se afastar dele, pois está aberto um inquérito policial e não serão poucas as complicações para todos nós...

— O que a senhora quer dizer com isso?

— Exatamente o que você ouviu: sendo menor e filha do prefeito, nada acontecerá a você, mas o Milton...

— Aquele mal-educado, bandido... quase matou o Alex... Por minha causa...

— Até agora não entendi direito o que aconteceu...

— Vou repetir o que já disse: quando eu vi o Alex sem dançar com ninguém fui falar com ele e aí o Milton se intrometeu, deu-me uma bofetada e o Alex me defendeu, dando um safanão nele. Quando o Milton caiu pegou o revólver do tio e atirou no Alex. Foi isso que aconteceu.

— E o que é que você tinha que ir falar com o Alex?

— É que...

— Diga a verdade!

— ... eu queria dançar com ele mais uma vez. É tão bom sentir o calor do corpo dele, tão perfumado, tão atraente...

— Meu Deus! Mais uma! Mais uma que se apaixonou por ele, dentre milhares.

Nisso, Felício chegou da rua, acompanhado do delegado de Polícia, que viera dar andamento à triste ocorrência.

— Papai, ele foi embora mesmo?

— Foi, minha filha. O doutor Mário fez uma boa operação, mas o Alex precisa ficar uns dias numa UTI (Unidade de Terapia Intensiva), coisa que nossa Santa Casa ainda não tem.

— Ele... estava consciente? Perguntou... por alguém?

— Isso eu não sei dizer. Mas, vamos falar do incidente, para isso o delegado Silveira fez a gentileza de vir aqui.

Lina narrou o acontecido e o delegado ao se despedir tranquilizou a família:

— A Lina e o Alex são vítimas. Já ouvi algumas testemunhas e não haverá dificuldades para a ação da Justiça.

Na mente de Lina só havia uma ideia: saber o que Alex estaria pensando de tudo aquilo e principalmente o que pensava dela.

3. AMAR SEM SER AMADO



— Quem, na vida, um dia não experimentou a angústia de amar sem ser amado?

À tardinha, Daniel dirigiu-se à casa do prefeito. Ia com o coração afogueado, reflexo das chamas da realidade que na alma consumiam-lhe as esperanças do seu infeliz amor por Lina. Ir à casa dela era um desses arroubos que só visitam corações perdidamente apaixonados, a tal ponto que arremessam para longe a razão e a calma. De fato, não tinha a menor ideia do que poderia acontecer. Só sabia uma coisa: se não visse Lina, depois daquela tempestade que ela provocara no baile, ele, que nada tivera a ver com o caso, seria a maior vítima, pois "não sobreviveria" ante o sofrimento da criatura amada. Assim, imaginando-a sofrendo, sofria mais ele com dificuldades para socorrê-la.

Dessa forma, até que eram boas as intenções do rapaz...

"Tanto amor para dar à Lina e ela tão distante da minha vida", pensava agoniado.

Outros vagos pensamentos tentavam, sem êxito, despertar-lhe a razão, demonstrando a insensatez daquela visita: "O prefeito é tão rico e você é pobre"; "Lina tem mais cultura que você"; "Ninguém daquela família jamais disse algo para você, a não ser dar ordens para servi-los, lá no Clube".

Contudo, a angústia maior, que mais o atormentava, era a dúvida se ela tinha "outro" amor...

O amor em ebulição no peito de Daniel expulsava todos esses pensamentos, permitindo que apenas um projeto se alicerçasse na mente: "Ver Lina!".

A casa tinha campainha mas Daniel ficou em dúvida se batia palmas. Não fez nem uma coisa nem outra. Dando meia volta

apressou o passo para ninguém o ver retirar-se daquelas imediações. Temia, não sabia o quê. Apenas receou ser ridicularizado, fato que não resistiria, pois imaginou que melhor era amar sem ser amado do que amar e ser desprezado.

Afastou-se logo e nem tinha vencido um quarteirão quando um súbito pensamento feriu-lhe a razão: "Se o presente me possibilita amparar a Lina, quem sabe isso é um aceno do nosso futuro, meu e dela?".

Nem pensou mais: deu nova meia volta e quase correndo chegou à casa do prefeito. Tocou a campainha e bateu palmas. Felício atendeu-o:

— Sim?

Aquele "sim", teve sabor de "não". Sentiu que a recepção foi tão fria qual o gelo que ouvira dizer que serve de boina à Terra...

— Eu... eu...

— Sim?

Esse outro "sim" era mais frio ainda. Um repentino e enorme arrependimento assaltou-o. Mas agora já era tarde. Não havia possibilidade de retrocesso. E também não podia avançar. Estático, não sabia o que fazer. Indeciso, o cérebro pouco o ajudou, fazendo-o dizer palavras desconexas:

— Eu... estava passando e por causa de ontem pensei em ajudar...

— Você não é o rapaz do clube?

— Sou — respondeu e pensou: "Oba!, ao menos ele se lembra de mim; mas será possível que só sai gelo da boca desse homem?"

— Então diga logo o que quer. Veio trazer algum recado de algum amigo meu, hipotecando-me solidariedade?

— Não senhor, não vim trazer recado...

— ?!

"Decididamente", pensou Daniel: "esse prefeito não tem coração dentro do peito. É isso mesmo: deve ter um minicongelador". Bastante atrapalhado, tentou explicar o motivo da sua visita:

— Vim porque pensei que a Lina... É que ela ontem à noite...

Ante o contrariado olhar de Felício o rapaz engasgou, qual veículo cujo câmbio trava de vez, não indo mais nem para a frente nem para trás. O prefeito ralhou com ele:

— Minha filha?! O que você quer com ela?

Ele próprio respondeu:

— Já sei: ela deve ter perdido algum objeto no baile e você veio devolver, é isso? Agora me lembro: você é o faxineiro do clube.

Daniel pensou: "cada vez mais gelo, mais frio...". Disse:

— Não, não senhor, não vim trazer nada, é que ontem à noite, na hora daquela confusão, fiquei com medo da Lina se machucar.

— Obrigado, muito obrigado. Ela não se machucou. Agora, me dê licença.

Assim dizendo Felício fechou a porta, sem sequer despedir-se de Daniel que, arrependidíssimo por ter feito papel de bobo, retirou-se, completamente arrasado.

— Quem era? — perguntou Lina ao pai.

— O faxineiro do clube.

— E o que ele veio fazer aqui?

— Trazer-me a caneta que esqueci ontem à noite na nossa mesa, lá no clube.

— Papai, quero pedir-lhe um grande favor: telefone para o hospital em que está o Alex... preciso saber como ele está.

— Vou fazer isso, aliás, como prefeito é mesmo meu dever demonstrar zelo e cuidado com tudo aquilo que acontece na minha cidade.

Depois de alguns telefonemas, acompanhados sofregamente por Lina, Felício conseguiu falar com o médico plantonista do hospital no qual Alex estava internado. Pela extensão telefônica, Lina ouviu o doutor dizer:

— *Não temos ainda um parecer final sobre o paciente, sendo certo que seu estado é grave. Amanhã, quando se completarem trinta e seis horas do ocorrido, o cirurgião-chefe e os outros dois médicos que estão cuidando do paciente irão emitir um boletim médico para a imprensa. Outra coisa, senhor prefeito: cumprimente*

por nós o médico da sua cidade, que fez um bom trabalho no ferido, senão...

Ao desligar o telefone Felício espantou-se ante o olhar esgazeado da filha. Envolveu-a num abraço carinhoso e sentiu-a tremer. Confortou-a:

— Se Deus quiser, ele vai ficar bom.

— Quero ir àquele hospital e ficar ao lado dele!

— Nem pensar, minha filha, nem pensar. Não há nada que você possa fazer lá. Nada! Nem lá, nem aqui...

— Aqui há sim — exclamou Elenise, que saíra do banho a tempo de entender parte do que se passava. Acrescentou, em tom confiante: "Em qualquer situação difícil, há sempre uma coisa que se pode e se deve fazer: orar! Buscar Deus! Buscar Jesus! No caso do Alex, nada mais! Só buscar auxílio dos céus.

Ante a negativa dos pais Lina contornou:

— Vou rezar lá na Capela da Santa Casa e aproveitar para devolver a blusa da Alaíde.

— Está bem, minha filha — disse Felício, ofertando: vamos levá-la até lá agora mesmo. Mas, diga-me: desde quando você passou a se interessar por orações? Desde criança você nunca mais entrou na Capela e assim mesmo quando nós a levávamos...

— Pois é, agora gosto de lá.

Quando chegaram à Santa Casa, Lina disse aos pais que queria ficar sozinha na Capela. Atenderam-na. Estavam aguardando o término das orações da filha quando o doutor Mário chegou e disse-lhes:

— Ora, viva! Fui visitá-los e sua empregada me contou que vocês tinham vindo para aqui. Quero ver como está a Lina pois a Alaíde disse-me que ela esteve em estado de choque. Onde está "nossa fada-rainha"? Vocês trouxeram-na para consulta?

— Obrigado, doutor Mário, mas outro foi o motivo pelo qual viemos: a Lina queria orar na Capela, onde está agora.

— Ah, ainda bem. Vocês me deram um susto.

— Por que o senhor não vai até lá, na Capela? Ela não quer que nós a vejamos orando, mas temos a certeza de que gostará de vê-lo, para saber detalhes do atendimento àquele moço que levou o tiro. Aliás, ela precisa mesmo de uns conselhos do senhor sobre o acontecido, pois está querendo ir para a Capital para ficar ao lado daquele seu paciente... A propósito, o médico do hospital lá da Capital elogiou seu trabalho.

A Capela guardava o interior envolvido em penumbra, aliviada apenas por um pequeno vitral com o desenho de Nossa Senhora do Rosário, a Padroeira daquela cidade. Sob o vitral, uma pequena cruz iluminada. Ao lado, o nicho que abrigava a imagem da Santa.

Ajoelhada, Lina mantinha-se imóvel, em profunda contrição. Chegara pensando em Deus, mas depressa só conseguia pensar em Alex... Mantinha ideia fixa no ator ferido, revivendo as cenas de cada segundo desde a tragédia.

— Lina — murmurou o doutor Mário.

Absorta em mil reflexões, todas dirigidas para Alex, a jovem não ouviu. O médico aproximou-se e tocou-lhe o ombro.

— Doutor Mário!

— Sim, Lina, vim aqui também para rezar e estou feliz por encontrá-la.

— O Alex... será que ele...?

— Fique sossegada, minha filha, ele ficará bom, se Deus quiser.

— Mas há pouco papai telefonou para o hospital e disseram que ele está na UTI e que só amanhã...

— Filha, filha: onde estamos? O que fazemos aqui?

Dizendo tais palavras o doutor Mário olhou para toda a Capela. Lina baixou a cabeça, envergonhada. Balbuciou:

— Tenho medo... dele morrer.

Lágrimas escaldantes rolaram pela face da jovem.

— Deus é Pai e vela por todos os Seus filhos— disse o médico, prosseguindo: é verdade que a morte dói para aqueles que ficam, dói muito, mas é preciso lembrar que ela obedece à engenharia da

Vida. O mundo é um grande lar e cada um de nós faz parte da grande família que é a Humanidade. Os que vão na nossa frente apenas partem primeiro, mas num dia do futuro, distante ou próximo, o Criador nos reunirá a todos, numa grande festa de corações.

Fez pausa e arrematou:

— Mas, posso assegurar-lhe, minha menina, que aquele rapaz vai ficar bom. Primeiro porque tem muita saúde, mas principalmente porque o ferimento, embora provocasse grande perda de sangue, não foi mortal, além do que foi atendido logo. Confie em mim. Mas, sobretudo, confie em Deus!

Lina abraçou-o, enternecida e grata. O médico retirou-se.

A jovem mergulhando sua alma em preces, pela salvação de Alex.

Como Lina demorasse para deixar a Capela, Felício, impaciente, questionou Elenise:

— O que será que nossa filha tanto tem para rezar?

— Acalme-se, meu bem. Ela sabe o que faz. Pediu-nos que a deixássemos a sós e é isso que estamos fazendo. Lembre-se que o doutor Mário foi lá e nos disse que conversou com ela um pouco, deixando-a bem calma. Por isso, o tempo que ela precisar ficar lá, nós a esperaremos.

Algum tempo depois, tendo já escurecido, Felício já não aguentava esperar mais. Decidiu ir buscar a filha. Nesse momento, viu Alaíde e solicitou-lhe:

— Dona Alaíde, por favor, vá até a Capela e veja porque nossa filha está demorando tanto. Há mais de duas horas está lá.

— Boa noite, doutor Felício, boa noite, dona Elenise. Com todo gosto, vou sim. Aliás, vim para cá porque há mais de uma hora comecei a pensar na Lina e uma força íntima fez-me imaginar que ela estava lá na Capela, por isso estou aqui, caso possa ser-lhe útil em alguma coisa.

Felício e a esposa estranharam bastante aquelas palavras...

Ao chegar à Capela, logo à entrada, Alaíde sentiu uma agradável sensação percorrer-lhe o corpo. Sensitiva e muito equilibrada,

captou o envolvimento espiritual e pensou em Jesus. Adentrou. Bem atenta dessa vez, qual não foi seu espanto ao ver, pela segunda vez, Lina flutuando no ar, sem qualquer sustentação pois. Como na madrugada anterior, na mesma postura: ajoelhada, com a face bem em frente à imagem de Nossa Senhora do Rosário.

Mesmo assustando-se, diante da insólita cena, nada disse.

Sentou-se num dos pequenos bancos e em preces aguardou os acontecimentos.

Mentalizou Espíritos amigos e pediu-lhes que amparassem aquela jovem, tão angustiada. O que viu, então, foi incomparavelmente mais fantástico do que a própria levitação¹ de Lina: a imagem iluminou-se e dela partiram feixes luminosos dirigidos à frente da jovem.

Alaíde pôde perceber que Lina mantinha fechados os olhos, sendo banhada por aquela luz emitida da imagem, por cerca de dois minutos. A seguir, de forma lenta, começou a perder altura, vindo posicionar-se ao nível normal.

Com as emoções sob controle, Alaíde permaneceu em prece de gratidão a Jesus, por aquela sublime manifestação. Com delicadeza tocou o ombro de Lina. A jovem demorou um pouco a despertar do transe, mas logo voltou-se e ficou alegre em ver a enfermeira:

— Oi, Alaíde, que bom que você está aqui...

— Sim, Lina, de vez em quando venho orar nesta Capela.

Algo cautelosa, inquiriu:

— Você... sabe o que aconteceu aqui? Com você?

— Comigo?! Nada. Isto é, vim aqui rezar pelo Alex e acabei dormindo... Interessante... do mesmo jeito da noite passada...

— Então... sonhou outra vez?

¹ LEVITAÇÃO: Suspensão espontânea de corpos, contrária em aparência à lei da gravitação. Segundo o Espiritismo, trata-se de um fenômeno físico de ordem natural, sob a ação de Espíritos, valendo-se de fluidos próprios, acoplados aos de um (ou do) médium. Tal fenômeno pode ou não depender da vontade desse médium, o qual quase sempre está inconsciente. Vide "O Livro dos Médiuns", Cap II, nº16 (referente às levitações de São Cupertino e do médium Daniel Dunglas Home) e ainda Cap IV, item 74, nºs VIII a XVIII. (Nota da Editora).

— Sonhei. Não estou entendendo o que se passou comigo aqui na Capela. Essa é a segunda vez que venho para orar e acabo dormindo e sonhando. O sonho de há pouco foi quase o mesmo de ontem: comecei a flutuar lentamente, só que hoje a Nossa Senhora do Rosário veio até mim, também no ar e sorrindo. Ao sorrir, luzes fortes saíram dos seus olhos e ao invés de me cegarem, faziam-me é muito bem.

— Então foi um sonho bom...

— Foi. Aliás, os dois sonhos foram bons.

De repente, olhou Alaíde com grande alegria e adjuntou:

— Acabo de me lembrar de uma coisa. Neste meu segundo sonho alguém me conduziu até o hospital onde está o Alex. Vi-o, Alaíde! E ele me viu também!

— Que bom! Assim, imagino que você está mais tranquila.

— Em parte... Ele ainda corre risco de vida...

Alaíde desconversou:

— Seus pais estão esperando-a lá no saguão. Vamos?

— Tão depressa? Não fazem nem cinco minutos que estou aqui...

Alaíde perturbou-se um pouco, mas logo contornou:

— Seu relógio parou... na verdade você está aqui há quase três horas.

Lina não acreditou e quando saíram Felício repreendeu-a:

— Minha filha, como você demorou!

— Eu?! Mas fiquei só uns minutos lá na Capela.

Felício olhou para Elenise, também algo desorientado, mas depressa superou o impasse:

— Vamos para casa. Depois conversaremos.

Lina estranhou que já estivesse escuro, pois chegará "há pouco na Santa Casa"... Toda feliz, contou aos pais:

— Vocês nem imaginam o que sonhei lá na Capela...

— Conte, minha filha, conte — pediu Elenise.

— Sonhei que fui voando até o hospital onde está o Alex.

— Ótimo — atalhou Felício, deduzindo: assim você se acalmou, não é?

— Como o Alex me viu eu fiquei mesmo mais feliz, pois ele não estava magoado comigo. Mas...

Felício desconversou:

— Muito bom, muito bom. Então agora você pode retornar à sua vida, à escola, aos estudos e esquecer tudo isso.

— De jeito nenhum, pai. Só darei este caso por encerrado quando encontrar-me com o Alex. Embora bem atendido, ele ainda está correndo risco de vida.

Desacreditando totalmente do que a filha dizia, Felício apenas fingiu:

— Mas você não acabou de dizer que ainda há pouco vocês se viram e que ele não está magoado com você? E então?

— É verdade, mas acontece que ele está precisando com urgência de uma coisa...

Elenise atalhou:

— Ora, Lina, sonhos são sonhos... Não vá me dizer que você acreditou nesse...

— Acreditei sim, mãe. Estou certa que o Alex só se salvará se receber uma coisa...

— "Coisa"? — intercedeu Felício, irritado — que coisa?

— Um remédio, não sei.

— Ora, ora, lá na Capital tem tudo o que ele precisar.

— Não sei explicar, mas tenho certeza de que está faltando alguma coisa para ele, um remédio, um atendimento, não sei...

— E posso saber como é que você sabe isso?

— Porque ele me falou.

— No sonho?

— É.

— Meu Deus! Você não sonhou: você delirou, Lina.

— Prometo uma coisa para o senhor: se eu estiver errada, nunca mais nem repetirei o nome dele.

— Assim é que se fala. Assim é que eu gosto da minha Lina.

— Mas o senhor também vai me prometer uma coisa...

— Qualquer coisa, Lina, qualquer coisa...

— Muito bem: ligue para o hospital e pergunta como ele está.

— Mas... eu já liguei... E além disso, se os médicos não gostam de ficar dando informações pessoalmente, imagine por telefone.

Elenise interveio e propôs:

— Seu pai tem razão. Mas tenho uma ideia: vamos chamar o doutor Mário e pedir que ele telefone para o colega que está atendendo ao Alex. Entre médicos não há ressalvas.

— Ótimo, mamãe, faça isso, por favor.

Como o doutor Mário ainda estivesse por ali, Felício contou-lhe sobre o sonho de Lina, sobre Alex. Por bondade e fazendo a jovem prometer acalmar-se de vez, caso estivesse enganada, o médico ligou dali mesmo para o colega da Capital.

Ao desligar o telefone o doutor Mário estava lívido. Olhou Lina demoradamente e balbuciou:

— O Alex piorou... Está necessitando de uma transfusão de sangue com urgência e o estoque hospitalar esgotou-se. Fizeram contato com bancos de sangue e eles também não têm. O tipo sanguíneo do Alex é o *O, fator RH negativo* e por isso ele só pode receber sangue desse tipo.

Agora quem teve um sobressalto foi Felício: primeiro, por confirmar o sonho da filha, o que era simplesmente inacreditável, inexplicável; segundo porque ele, justamente ele, era portador daquele raro tipo sanguíneo.

Elenise, vendo o médico e o marido algo perturbados, perturbou-se também.

Lina, em absoluta calma.

— Meu sangue é desse tipo — murmurou Felício.

Lina nem pensou para implorar:

— Pai, pelo amor de Deus, doe sangue para ele! Por mim, pai!

Os três, estáticos, fitavam Felício.

— Sim, doarei sangue para ele!

Literalmente, Lina voou em direção ao pai, cobrindo-o de beijos. No mesmo instante o doutor Mário retornou ligação para o hospital onde estava Alex e entendendo-se com o colega, doutor Gérson, responsável pelo paciente, acertou com ele a ida de Felício à Capital, o mais rápido possível.

A despeito de todas as objeções Lina manteve-se decidida a acompanhar o pai e o doutor Mário. Ante a teimosia de Lina e a concordância dos pais em levá-la, já que Elenise quis ir também, o doutor Mário convocou Alaíde para acompanhá-los. Levava a enfermeira por prudência, visando que ela o auxiliasse em algum imprevisto, pois aquela família estava muito agitada...

Felício ofereceu o carro do prefeito, mas o doutor Mário aconselhou que fossem no carro dele, pois Felício estava agitado e além do mais deveria poupar-se de esforços, para a doação sanguínea. E além disso, tencionava levar Alaíde, o que completava a lotação do veículo.

E assim, em menos de duas horas os cinco adentravam no hospital no qual Alex estava internado, onde apresentações curtas e sem afeição puseram frente a frente os que chegavam com os pais dele — Adriano e Alessandra.

Pela expressão do doutor Gérson, que os recepcionou, de pronto perceberam os visitantes que as coisas não iam bem...

Para confirmar a sensação o doutor Mário perguntou:

— Como vai "nosso" paciente?

Algo cauteloso, como aliás todos os médicos agem diante de casos graves, o doutor Gérson apenas comentou:

— Tendo o melhor atendimento, contudo, o quadro não deixa de ser grave...

Ninguém conseguiu dizer mais nada.

A autoridade dos dois médicos foi pródiga barreira a impedir insultos que habitavam em turbulência nos corações dos pais de Alex, que consideravam Turmalina a responsável exclusiva pelo grave problema do filho.

— Vamos à doação? — inquiriu o doutor Gérson, olhando para Felício e o doutor Mário, os quais, em uníssono, responderam "sim".

Como quase todos fizeram menção de acompanhá-los, o doutor Gérson esclareceu-lhes:

— Por favor, apenas o doador e o doutor Mário.

Elenise, Lina e Alaíde, impedidas de presenciarem os procedimentos médicos da transfusão, foram para a sala de espera, onde acomodaram-se.

Elenise, em poucos instantes, não querendo ficar na companhia "daquele casal mal-educado", logo ergueu-se e disse à filha que ia "espairecer", retirando-se dali.

Os pais de Alex resolveram aguardar o retorno dos médicos e por isso acomodaram-se ali.

Na mente de todos daquele grupo bailavam pensamentos em profusão, misto de angústia, temor, raiva, expectativas...

Nesses momentos há sempre inversão da contagem do tempo, pois os minutos se transformam em horas, eis que toda espera posiciona a pessoa no patamar onde, paradoxalmente, aceleram-se os pensamentos, que parecem refrear os ponteiros do relógio.

Aliás, vivemos todos a esperar:

- a mãe, o filho nascer
- os pais, o filho crescer, talvez partir e retornar
- o professor, lecionar e os alunos aprenderem
- o aluno, aprender e ser aprovado
- o estudante de medicina, ser médico, para curar
- o doente, curar-se
- o(a) namorado(a), a chegada de quem ama
- o subordinado, a promoção
- o viajante, partir
- o vendedor, vender
- o devedor, pagar

- o trabalhador, o fim da jornada, para retornar ao lar e o fim da semana para o descanso; o fim de um ano, para as férias e o fim do ciclo profissional para a aposentadoria.

Mas de todas as esperas, a maior é a do Tempo, aguardando que um por um, todos os Espíritos evoluam e sejam felizes, porque afinal de contas tal é a destinação sublime e inexorável pela qual Deus nos criou a todos!

No Céu, esperam os anjos nossa companhia.

Tantas são as esperas na Terra e no Céu...

São tantas que Deus, o Sublime Criador, houve por bem doar-nos a magistral bênção da eternidade, para que todos, sem exceção, tivéssemos, como temos, todo o tempo que quisermos para com esforço próprio merecer a felicidade.

Lacrando as Leis Morais na consciência dos Seus filhos o Pai tornou evidente que para serem felizes tudo poderiam eles realizar, desde que sob a chancela do Amor. Em paralelo, concedeu-lhes o direito de escolha, de forma que todos os nossos projetos de construção, teriam Sua homologação, e os de destruição, a reprovação da consciência, como fiscal infalível.

Responsabilidade pura e simples, em última análise.

Às infelizes iniciativas decididas por invigilância ou incúria evangélicas (desrespeito às Leis do Bem), corresponderia sempre, em contrapartida, a reparação dos prejuízos causados a si próprio e a outrem, expressando-se tal ressarcimento em provas e expiações.

Nas esperas críticas de cada um dos sessenta segundos do minuto formam-se e logo esboroam-se duas reflexões, das quais a mais rápida, no Espírito, tem a velocidade do relâmpago, mas no cérebro físico a do trovão, causando angústias infindas nas almas sem agasalho da fé, em expectativas que poderão ou não se concretizarem.

Houvesse fé, ainda que do peso de um grão de mostarda, segundo o magistral aconselhamento de Jesus, que isso exemplificou à exaustão, só esperanças existiriam naquele que espera. E isso não

é simples jogo semântico ou artifício de concordância gramatical, senão sim postura de equilíbrio existencial.

A esperança é virtude divina doada por inteiro à Humanidade, trazida por Jesus, como salvaguarda para os momentos de incerteza.

"A esperança", disse-o um poeta, "é a única das virtudes que Deus não tem, porque Ele, onisciente, detém integral certeza do progresso moral de todos os Seus filhos. E se há certeza integral não há mesmo necessidade da esperança, que é própria só de alguém que não sabe se vai conseguir o que almeja".

(Só mesmo um poeta para louvar ao Pai dessa forma, algo complicada...).

Quando Felício foi doar sangue Alaíde captou o clima de hostilidade que provinha em direção a Lina, oriundo dos pais de Alex, que olhavam-na com manifesta indignação. Intuiu que melhor seria retirá-la dali e por isso convidou-a para um breve passeio.

Saíram da sala de espera e foram caminhando pelo interior do hospital e logo divisaram uma indicação: "Capela". Foram até lá, adentraram e acomodaram-se, pondo-se cada a uma a orar do seu modo. Lina, de repente, sentiu-se sonolenta, passando por breve cochilo, que Alaíde, intuitivamente, captou ser transe...

Decorridos mais ou menos trinta minutos, concluída a transfusão sanguínea, o doutor Mário deixou Felício refazendo-se, recomendando que ficasse por dez ou quinze minutos em repouso, após ingerir um copo duplo de uma gostosa laranjada. Chegando à sala de espera, assim que Adriano viu-o, perguntou, aflito:

— E então, doutor, como está meu filho?

Alessandra, antes da resposta do médico à pergunta do marido, adicionou mais uma pergunta:

— Ele vai ficar bom, não vai, doutor?

Olhando àqueles pais aflitos o doutor Mário confortou-os:

— Acima da boa saúde do Alex, acima dos excelentes cuidados médicos que ele vem recebendo, bem acima, pairam os desígnios

divinos. Até onde um simples médico pode opinar, eu lhes digo que em poucos dias seu filho estará no lar, refeito e sem sequelas físicas, a não ser a cicatriz da cirurgia.

Fazendo prudente pausa acrescentou:

— Não nos esqueçamos que para o nosso paciente os cuidados terão que ter em mira a recuperação psicológica, espiritual...

Algo desentendidos e mesmo assustados, pai e mãe interrogaram o médico, a uma só voz:

— Como assim?!

— Refiro-me aos sentimentos que brotam da alma, em tais circunstâncias. Segundo os fatos que ocorreram, suas consequências e principalmente, como o processo todo for administrado pela mente, ou melhor, pelo Espírito, direcionando seu entendimento e forjando conclusões, tudo poderá acontecer.

Desentendendo mais ainda, Alessandra questionou:

— O quê exatamente o senhor está querendo nos dizer?

O médico, que há algum tempo vinha estudando o Espiritismo, complementou:

— Pela vivência em casos semelhantes, afirmo que tanto a vítima, quanto principalmente seus familiares e amigos devem excluir dos seus corações qualquer revolta, geratriz de ódio, vingança ou mesmo desprezo. Na crise — em qualquer crise — os agentes não agem isoladamente...

Ante o espanto que notou aumentar no casal, elucidou:

— Há mais de dezoito séculos o Apóstolo Paulo advertia que "vivemos rodeados por uma nuvem de testemunhas"². Pois bem: essa é uma das maiores verdades jamais pronunciadas e seu entendimento nos conduz à convicção de que as almas dos que já partiram, muitas vezes, mas sempre por sintonia vibracional, estão próximas dos seus afins, conhecidos ou não. Tão forte será sua aproximação quanto maior for nossa decisão em realizar algo — de bom ou de mau, cuja intenção seja "comum de dois".

Alessandra interrompeu:

² Epístola aos Hebreus (12.1) - (Nota da Editora).

— Desculpe, doutor, mas não vejo onde quer chegar...

— Vejamos, por exemplo, o acontecido com o seu filho: tantas vezes esteve em festas e de repente, numa delas é alcançado por uma tragédia. É de se perguntar: se Deus é o Pai de bondade suprema, por que permitiu que isso acontecesse? O Alex, ao que sei, não ofendeu a ninguém, não maltratou pessoa alguma, estava ali em caráter profissional, sempre se mostrou gentil e educado, principalmente com as moças... E no entretanto ele, que dentre todos os presentes deveria ser o último a receber qualquer ofensa, embora envolvido na confusão foi justamente o único a ser gravemente ferido. Por que?

Adriano atalhou:

— Vivo me perguntando isso. Por que meu filho?!

— Do ponto de vista da Justiça divina — a única perfeita, infalível —, só podemos concluir que as dores pelas quais o Alex passou e o desconforto que vem passando só podem ser algo assim como a quitação de alguma dívida...

Doutor Mário, por força da profissão, buscara o Espiritismo justamente para compreender tantos e tantos dramas, tantas e tantas tragédias, tantas e tamanhas angústias, que no seu dia-a-dia presenciava. Ele próprio vivera momentos tormentosos ao "ser derrotado pela morte" no tratamento a um amigo, "pessoa sem maldade". Isso trouxe-lhe infelicidade, pois ao sentimento de perda adicionou-se-lhe na mente a dúvida quanto ao significado da Vida, que só tristezas colocava na vitrine da existência. Comentando com Aláide seu não-entendimento do porquê das dores da Humanidade, principalmente "com inocentes", a enfermeira, com cautela e respeito, ofertou-lhe um exemplar do precioso livro "O Evangelho Segundo o Espiritismo", de Allan Kardec. Recomendou-lhe que lesse, em primeiro lugar, o capítulo V *Bem-aventurados os Aflitos*, principalmente o item *Justiça das aflições (causas atuais e causas anteriores)*.

Pois no dia seguinte o doutor Mário, com júbilo inaudito, disse a Alaíde que naquela leitura encontrara respostas lógicas quanto às incertezas que lhe povoavam a mente. Com os olhos marejados, confessou: "E pensar que cheguei a questionar a Bondade e a Justiça de Deus!...E a amaldiçoar o destino..."

Os pais de Alex ouviam-no com interesse crescente, até porque a serenidade daquele médico, que atendera seu filho num momento crítico, infundia-lhes um profundo sentimento de confiança e gratidão. O médico prosseguiu:

— Sempre que algum fato não encontra explicação, prudente será que não se emitam juízos, no caso apressados, taxando-os de insolúveis. O exercício da lógica, do raciocínio e da humildade, tenderá a demonstrar-nos que nós, embora criaturas inteligentes, ainda pouco sabemos das coisas de Deus.

— Puxa vida, doutor Mário — atalhou Alessandra — tenho a impressão que o senhor quer nos dizer uma coisa, mas exagera nos cuidados com as palavras. Se estou enganada, perdoe-me. Contudo, se tenho razão, peço que seja franco, mais direto. Nosso filho quase morreu, estamos assustados e com medo...

— Não, minha senhora, a senhora não está enganada: de fato, neste momento, compreendo sua ansiedade. O que tenho para comentar com vocês é algo tão simples e ao mesmo tempo tão profundo, que me penitencio de estar escolhendo as palavras. Vocês já ouviram falar em Lei de Causa e Efeito e de vidas sucessivas?

Adriano assumiu a resposta:

— *Causa e efeito* são conceitos da Física. *Vidas sucessivas...* de religiões reencarnacionistas.

— Exato! Vamos mesmo à Física: invertendo os conceitos, teríamos que se eu, com as mãos desprotegidas, pegar num pedaço de metal aquecido a, digamos, 100°C, desconhecendo esse pré-aquecimento, certamente me queimarei. Esticando o exemplo, se eu — sempre desconhecendo o antecedente — tocar num fio elétrico desencapado, ligado à corrente elétrica, receberei um choque. Nes-

ses dois exemplos podemos assegurar que o desconhecimento do calor e da eletricidade (as causas) feriram (o efeito) ao desavisado. Imaginem agora isso acontecendo várias vezes... Pois bem: a vida nos é dada por Deus, logo é boa. Se nela sofremos, de quem é a culpa? De Deus? Jamais! Ele nos daria o viver para sofrermos? Nossas dificuldades só podem ter origem na nossa desatenção. Se apelarmos agora para a Lógica, teremos que todo conseqüente traz, na sua expressão, um antecedente.

— Percebo vagamente onde o senhor quer chegar...

— Antes de qualquer conclusão, senhor Adriano, dou-lhe mais uma peça importante na montagem do processo existencial, agora a bordo da Razão: partindo da premissa do Amor do Pai, como aceitar que Ele, sendo a Justiça Perfeita, permitiria danos a inocentes?

Respondeu ele mesmo, com ênfase:

— Não! Deus não o permitiria! Somando os dados da Física com os da Vida — expressão de Deus —, no caso do Alex podemos inferir que seus tormentos de agora, aos quais não deu azo desde que nasceu, só podem estar reequilibrando equívocos de um passado que tem que estar distante. Quando digo distante, refiro-me a outras vidas...

Imersos em graves reflexões, Adriano e Alessandra baixaram o olhar. As palavras do doutor Mário descortinava-lhes um imenso horizonte, que cada um deles, a seu modo, configurou num leque fatiado de infinitas pétalas.

O médico, apelando para a Física, a Lógica e a Razão, sem qualquer afetação, ao contrário, até com humildade, incutira-lhes na mente conceitos ao mesmo tempo simples e de inimaginável alcance filosófico. Ia perguntar por Elenise, Lina e Alaíde quanto Felício, chegando, após o pequeno descanso, interrompeu-os, de bom humor:

— O que vejo? Parece que estão todos orando... Que bom!

Os pais de Alex vivenciavam naquele momento a sensação de estarem dentro de um caldeirão de emoções em ebulição: a aflição do filho em perigo, a raiva contra Lina, que julgavam a responsável

por aquilo tudo, e mais que raiva, ódio, dirigido ao "bandido" Milton. Porém, mais forte ainda, vendo em Felício a salvação de Alex, a gratidão sincera pela doação de sangue anulava os sentimentos contra Lina e atenuava os relativos a Milton. Felício perguntou:

— Onde estão minha esposa e minha filha?

— Ia justamente procurá-las — respondeu o doutor Mário.

— Então, vamos! — convidou Felício ao médico.

— Prefeito... isto é, senhor Felício — interrompeu Alessandra, aproximando-se dele — posso... abraçá-lo?

Sem esperar a resposta, a mãe de Alex, em lágrimas súbitas, abraçou o pai de Lina. Adriano aproximou-se também e estendeu as mãos a Felício, num cumprimento que represadas lágrimas atestaram a gratidão que lhe ia na alma.

Felício e o doutor Mário foram à procura de Elenise e Lina e Alaíde. Vendo a seta indicativa de "Capela" Felício, por intuição, sugeriu que para ali se dirigissem. Quando alcançaram o limiar da Capela, em cujo interior dominava o silêncio, viram Alaíde, em atitude de prece, com a destra sobre a fronte de Lina, que parecia estar dormindo, pois nesse momento captaram que a jovem despertava, como que saindo de um transe. No caso, transe mediúnico inconsciente.

Os pais de Alex tiveram tempo de ver Lina "acordar" pois tinham decidido se despedir de Felício e por isso vieram atrás dele.

Alaíde, vendo-os, murmurou:

— Louvado seja o Mestre Jesus! A Lina... de vez em quando faz essas coisas. Parece que sua alma... se desliga do corpo...

— Eu... estava conversando com o Alex — murmurou Lina, com tão grande simplicidade que mais desorientou aos quatro que chegavam.

— Ah, é? — inquiriu Alessandra, algo irônica, logo acrescentando: o que conversavam, se podemos saber?

— O Alex estava me dizendo que sentia sede. Aí, acordei.

Adriano entreviu:

— Então quer dizer que a mocinha dormiu e mesmo assim foi perturbar meu filho?

— Não posso explicar o que senti, só sei que não fui perturbar ninguém... Mas tenho a certeza de que vi o Alex!

— E qual lei pode explicar isso? — zombou Alessandra.

— Uma das leis de Deus — intercedeu o doutor Mário, acrescentando: fiquem sabendo que nós só ficamos sabendo lá em nossa cidade que o Alex precisava de sangue porque a Lina teve um transe igual a esse que diz ter tido agora...

Aláide, respeitosa, buscou tranquilizá-los:

— Não conhecemos todas as leis... Principalmente as de Deus...

Palavras simples mas de profunda filosofia. Como tal, invariavelmente colocam o homem diante da Sabedoria do Grande Escultor da Vida, existente não para mostrar a pequenez humana, mas sim, a grandeza divina.

Aborrecida com aquela conversa Alessandra fez meia volta e foi até a UTI para ver o filho e "tirar a prova" das mentiras de Lina. Pelo visor viu uma enfermeira entregando um copo de água ao filho. Aguardou a auxiliar sair com o copo vazio e interrogou-a:

— Como está o meu filho? Reagiu bem à transfusão?

— Muito bem! A senhora precisa ver como recobrou a cor.

Gentil, buscou agradecer à mãe:

— Seu filho voltou a ficar bonito, tão bonito como sempre foi. Logo estará de volta à televisão, deixando as meninas bem animadas. Lá em casa não perdemos um capítulo da *novela dele*.

— A água que ele acaba de beber... Tinha remédio?

— Não senhora, ele apenas disse que estava com muita sede.

— Só disse isso?

— Na verdade... falou que tinha visto uma jovem ao seu lado... a quem ele pediu a água... mas que ela saiu e não voltara. com a água que ele lhe pedira...

— Meu Deus!

— Não se assuste, senhora: os pacientes, em momentos delicados como o que o Alex está passando, por vezes deliram.

Alessandra estava surpresa. Ia já saindo quando ocorreu-lhe fazer uma última pergunta à enfermeira:

— Por um acaso você se lembra do meu filho ter dito como se chamava essa tal moça a quem ele pediu água?

— Já que a senhora perguntou, ele disse que ela se chamava Turmalina e eu guardei esse nome porque é de uma pedra preciosa que eu gosto muito.

Ante o espanto da mulher a enfermeira contemporizou:

— Deve ser *uma* das namoradas dele.

Com tontura súbita, Alessandra foi amparada pela enfermeira para não cair. Contudo, logo se refez. Antes de deixar a UTI, pelo visor olhou novamente ao filho, que dormia tranquilo.

Afastou-se mergulhada em reflexões e dúvidas: "Positivamente: ou Alex, ou Lina, ou essa enfermeira, ou eu, cada um a seu modo, estamos sendo vítimas de um processo delirante coletivo". Raciocinou: "Mas, como pode ser: quatro pessoas?"

Alessandra, confusa, encontrou-se com o grupo no corredor. Sem meios termos, inquiriu Lina:

— Você esteve com o Alex lá na UTI?

— Sim... — respondeu Lina, também de pronto.

Alessandra olhava à jovem com estranha sensação. Na sua mente, os fatos não se coadunavam. A menos que estivesse ficando louca, alguma coisa extraordinária estava acontecendo ali. Lina subtraiu-a à perigosa reflexão da loucura, complementando sua lacônica resposta:

— ... em sonho: sonhei que fui até à UTI, estava invisível para todos, menos para o Alex; conversei com ele e pedi-me água.

— O quê... exatamente... conversaram?

O momento tornou-se tenso.

Todos captaram que um grande embaraço apossou-se de Lina. Duas solitárias lágrimas emergiram espontâneas, sem qualquer contração dos olhos ou da face, trazendo à tona o drama que se passava na alma da jovem.

De fato, julgando-se culpada do acontecido com Alex, desde então Lina não tivera ainda um minuto de paz na consciência.

4. LEVITAÇÃO



Alaíde, médium estudiosa e ativa, entendera que o estado psíquico de exacerbação predispusera Lina à eclosão da *mediunidade de efeitos físicos*, até então latente. A levitação constituía uma das várias manifestações externas possíveis dessa mediunidade.

O fato de Lina ter "visitado" Alex no hospital, antes da transfusão e essa "outra visita", de há pouco, quando viu-o com sede, bem demonstrava uma segunda vertente mediúnica, denominada "desdobramento semi-inconsciente".

Talvez possamos inferir que o desdobramento, no caso de Lina, representasse uma variante da levitação, se é que assim nos seja permitido exprimir. Isso porque com a jovem não mais ocorreria a levitação, sendo que os desdobramentos espirituais, esses sim, poderiam se multiplicar, dependendo do seu livre-arbítrio...

Lina não tinha consciência de "como" sua alma saíra do corpo, mas sabia onde tinha ido, com quem tinha conversado e sobre o que falaram, ela e o visitado.

Desde a primeira vez que vira Lina levitando Alaíde procurou estudar quais as características dessas manifestações mediúnicas, vindo a alcançar entendimento de algumas.

Com acerto, buscou luzes nas obras básicas (cinco livros de Allan Kardec, que constituem a chamada "codificação do Espiritismo"), tendo apurado:

- quanto à levitação, estudou o "O Livro dos Médiuns", na 2ª Parte, "Das manifestações espíritas", do capítulo I ao V e muito particularmente o nº 189 do Cap XVI, na parte dos *médiuns de translações e de suspensões*;

- já para entender as "viagens" de Lina, fenômeno espírita denominado "desdobramento", estudou em o "O Livro dos Espíritos"

as questões 413 a 415, complementando as reflexões com o livro "Obras Póstumas" (contendo anotações de Allan Kardec, não publicadas em vida), 1ª parte, nºs 24 a 28.

Considerando ainda que ela própria sentia uma sensação diferente, a cada vez que Lina estivera nesses insólitos tranSES mediúnicos, Alaíde intuiu que seus fluidos, de alguma forma, eram neles empregados pelo Plano Espiritual.

Não se envaideceu por isso. Ao contrário, sentia-se responsável indireta pelo equilíbrio psíquico da jovem, que poderia desarranjar-se caso a levitação ou o desdobramento enveredassem para o sensacionalismo.

Alaíde sabia muito bem como é fortuito o interesse de muitas pessoas pelo Espiritismo, se motivadas pela fenomenologia. E como tal é prejudicial aos médiuns que a isso se prestam...

Compreendeu que da segunda vez que Lina levitou e ela não estava por perto, ainda assim tinha doado seus fluidos para a manifestação do fenômeno, pois estava distraída em sua casa e de repente passou a pensar só na jovem, sentindo compulsão para dirigir-se à Capela, o que de fato fez, onde encontrou-a levitando.

Nos estudos mediúnicos que frequentara aprendera que os médiuns fornecem sua cooperação, por vezes, de forma inconsciente e até mesmo à distância.

Ante as lágrimas e o silêncio de Lina, as duas famílias ficaram reciprocamente constrangidas. Para Alessandra, não bastassem as consequências desencadeadas pelo problema que a jovem causara ao seu filho, agora mais essa dela provocar delírios nele...

Os pais de Alex, ao tempo que nutriam surdo ódio por Lina, em contraposição eram gratos pela doação sanguínea feita pela pai dela.

Para desanuviar o clima o doutor Mário convidou o grupo para irem para o jardim. Foram. Ao chegar, Alessandra, lívida, olhou Lina com olhar percuciente, como que buscando sondar a alma daquela jovem, a quem imputava culpa plena pelo acidente com seu filho.

Por outro lado, refletindo sobre o que conversara com a enfermeira da UTI imaginava se estava diante de alguém "com poderes estranhos"... alguém eleito por Deus...

Vendo-a tão pálida, o marido socorreu-a:

— Querida, tudo bem?

— Sim, sim... Fui ver o Alex...

— E como ele está?

— Dormindo.

Nisso, o doutor Gérson aproximou-se do grupo e em tom alegre, noticiou:

— Nosso Alex reagiu bem à transfusão e agora seu estado geral passou de "risco grave" para "em recuperação".

— Graças a Deus! — pronunciaram a uma só voz quase todos. Doutor Mário houve por bem decidir:

— De minha parte e imagino que também da parte de Alaíde, o trabalho nos chama, em nossa cidade. Como o Alex está bem estou voltando aos meus afazeres e vou tranquilo, confiante em Deus, certo de que nosso paciente logo estará plenamente recuperado.

— Volto sim com o senhor — confirmou Alaíde.

Lina olhou para os pais, adivinhando que já iam dizer que também retornariam. De forma quase impositiva, destacou:

— "Nós" vamos ficar mais um dia aqui.

Felício e Elenise entreolharam-se, algo constrangidos. Não querendo expor desavenças familiares ante os presentes, Elenise argumentou:

— Nossa presença é perfeitamente dispensável, até porque seu pai não poderia socorrer novamente o Alex...

— É isso mesmo, minha filha — atalhou Felício, complementando o raciocínio da esposa: o que "podíamos" fazer, já fizemos. Agora é com Deus e com os médicos.

— Há uma coisa... — murmurou Lina — que eu preciso saber.

Se os demais nem desconfiaram do que poderia ser, Alessandra captou o que se passava na mente de Lina. Interferindo na conversa familiar, perguntou à jovem, justificando-se:

— Se for referente ao meu filho e você, o que seria?

Alessandra estava certa. A intuição feminina, no geral tão pródiga, mais uma vez não falhara ali. Era mesmo sobre Alex e ela que Lina trazia no coração uma ardente questão. Ante o olhar inquisidor, agora de todos, Lina respondeu:

— Quero ouvir do Alex que ele não guarda mágoa de mim.

— Ah, é?! Meu filho quase morreu por sua causa e você quer que ele diga que adorou tudo que está acontecendo? Ou... que gosta de você? Por favor, menina, vê se cresce. Falando por mim e perdoem-me seus pais, acho bom você voltar para sua cidade e ficar por lá, na certeza de que meu filho jamais voltará a pisar aquele chão.

Demonstrando personalidade forte e destemor, Lina rebateu:

— A senhora pode "achar" o que quiser, mas em mim quem manda são meus pais. Eu falarei com o Alex, ao menos mais uma vez, a senhora queira ou não.

— Você está me desafiando?

Elenise, até então passiva, aproximou-se algo irritada e face a face com Alessandra, defendeu a filha:

— Minha filha não é mal-educada, ao contrário, é uma jovem muito bem criada e de modos corretos. O que aconteceu com seu filho, na verdade, foi resultado da atitude de várias pessoas, inclusive dele próprio...

— Só falta a senhora dizer que ele foi o culpado...

— Culpado indireto, sim. Nada disso teria acontecido se ao invés de ficar bebendo sem parar ele estivesse dançando com as debutantes, que aliás para isso estava sendo pago.

Essa verdade, contundente, dita assim, patinou na grosseria, pois até então estivera velada de tudo aquilo. Ninguém a pronunciara, por respeito à vida de Alex, que ainda corria sério risco. Elenise, vendo a filha ser ofendida, defendeu-a, pondo para fora, o que todos sabiam mas que ninguém tivera a coragem de fazer: Alex, o mais festejado galã da TV em âmbito nacional, apesar da pouca idade, demonstrava já ser um alcoólatra.

O silêncio envolveu a todos.

A acusação de Elenise, conquanto verdadeira, era grave.

Verdades tais, sobre filhos, quando expostas em público, doem muito no coração dos pais. Disse alguém que "três coisas não retornam jamais: a pedra atirada, o minuto que passou e a palavra proferida...".

Quem pudesse ver o clima astral que se estabeleceu naquele grupo, veria um verdadeiro céu de nuvens negras, com ventos sibilantes, prenunciando com certeza tempestade iminente.

Quase a ponto de partir para a agressão física contra Elenise, que expusera em alto som o drama da família, Alessandra foi surpreendentemente subtraída de tal explosão de cólera, pois um enfermeiro chegou, dizendo:

— Pessoal: a TV está aqui e quer fazer uma reportagem sobre o Alex, entrevistando as duas famílias...

Muitas são as faces da vaidade, manifestas ou não. Ali, pelo menos três se faziam representar:

- beleza, a primeira, enaltecida pelos pais de Alex, quanto ao filho, fazendo coro à voz geral dele ser "o homem mais bonito do mundo";

- fortuna, a segunda, pois Elenise sendo herdeira de consideráveis bens materiais, julgava-se importante por isso;

- poder, o de Felício, pelo cargo de prefeito.

A beleza e a fortuna são provas humanas das mais difíceis, pelo que possibilitam aos seus detentores. O poder advindo do desempenho na política, não menos... Essas três condições povoam o dia-a-dia de ovações aos seus detentores, gerando vaidade sobre vaidade.

Vaidade é a palavra menos pronunciada por pessoas famosas (ou as que se julgam poderosas) mas é a característica mais presente em suas vidas. Praticamente todos aqueles que são festejados pelo mundo têm na vaidade um dos mais contagiosos vírus psíquicos, que uma vez abrigados na mente, anestesiaram-lhes as possíveis virtudes.

Muitas das pessoas muito belas, ou muito ricas, ou políticos poderosos, julgam-se com "três metros de altura", isto é, veem os outros de cima.

Parece-nos que foi ainda ontem que o Eclesiastes³ ("o pregador") proclamava como filosofia de vida: *vaidade... tudo é vaidade, mas tudo vem da mão de Deus.*

Adriano e Alessandra, na hora, vislumbraram a chance de mais ainda descartar a beleza do filho, apelando inclusive para chantagem emocional, fixando-se no fato dele estar ferido, "por descontrolo das fãs". Esqueceram a raiva que Elenise provocara.

Elenise, como sempre, julgava que seu dinheiro lhe daria a primazia na entrevista da TV.

Felício, por sua vez, que até poucos dias atrás só pensava na reeleição, súbito sentiu um clarão na mente, pela ideia de um voo mais alto, cujo impulso inicial a TV lhe daria: ser deputado estadual. Pensou: "serei visto em cadeia nacional...".

Quando a equipe da TV convidou-os à entrevista, encontrou-os todos "fraternais".

As perfumadas rosas que davam graça incomum ao jardim, em contraste permanente com o cheiro de remédios, ficaram até mais coradas diante da instantânea delicadeza com que os pais de Alex receberam a equipe de TV:

— Oh, graças a Deus — exclamou Alessandra —, que bom que vocês chegaram justamente agora, quando eu e meu marido estávamos agradecendo ao senhor Felício a generosidade em doar seu precioso sangue para salvar nosso filho!

O repórter, famoso em todo o país, cumprimentou-os:

— Sou Andrade Silva e gostaria de conversar com todos sobre o problema do Alex, começando pelos pais dele.

Alessandra deu um passo à frente e ajeitando o cabelo e a blusa, praticamente determinou que ela seria a primeira.

³ ECLESIASTES: Livro do Eclesiastes (do grego = "o pregador") é um dos livros sapienciais do Antigo Testamento - (Nota da Editora)

Demonstrando "como eram educados" Adriano e Felício, odiando no íntimo o quanto Alessandra fora oferecida, atropelando-os, pois bem que gostariam daquela primazia, despejaram cortesia:

— Oh, claro — disse Adriano — primeiro as damas...

— Sim, sim — concordou Felício, ocultando desapontamento.

Elenise engoliu em seco que aquele "as damas" significava "a dama", isto é, Alessandra.

O repórter, ignorando a sequência desejada pelos entrevistados, organizou ele próprio o grupo, num círculo e disse:

— Nossa entrevista será coletiva e assim todos participarão. Farei perguntas e peço que as respostas sejam breves.

A seguir, abriu a gravação anunciando onde e com quem estava, anunciando que a finalidade seria uma reportagem sobre Alex. Dirigiu-se a Adriano:

— O senhor Adriano, o pai de Alex, vai nos dizer como está o galã mais querido deste país.

— Graças a Deus, fora de perigo...

Ia dizer algo, mas o repórter cortou, dirigindo-se a Alessandra:

— E como está o coração da mãe do "nosso" maior ídolo?

— Senhores telespectadores — disse Alessandra, com estudado ar de suspense — meu filho quase morreu, por culpa de uns irresponsáveis, mas felizmente, graças ao doutor Gérson, agora está em recuperação, na UTI...

O cinegrafista, bem esperto, filmou o ar de espanto e ódio de Elenise, dirigido a Alessandra.

O repórter atalhou:

— Que bom, recuperando-se.

A seguir, dirigiu-se ao doutor Mário:

— É verdade que o Alex quase morreu? Como foram os primeiros cuidados médicos?

— O "acidente" — respondeu o doutor Mário — foi mesmo grave, mas atendemos o jovem Alex de forma que ele ficasse fora de perigo, até ser encaminhado aqui para a Capital.

Nesse momento, Lina percebeu que diante das câmeras de TV os entrevistados estavam como que hipnotizados e considerou que aquela, talvez, fosse a única chance de poder ver o Alex. Estando ele na UTI certamente lá seria vedada a presença de todos, a menos que...

Valendo-se de o fato da reportagem estar sendo "ao vivo", deixou o grupo, imaginando que não seria seguida e dirigiu-se à UTI. À entrada, disse ao médico plantonista que veio atendê-la:

— A TV vem vindo para aqui, filmar o Alex...

O médico ficou algo confuso. Lina disse-lhe:

— A TV está no hospital para fazer uma rápida filmagem do Alex. O doutor Gérson autorizou que quando a TV viesse na UTI eu ficasse por dez segundos ao lado do Alex. Só por dez segundos...

Nisso, a equipe de TV, de fato, vinha chegando...

Vendo o repórter e a equipe de filmagem aproximar-se, o médico determinou a um enfermeiro auxiliar:

— Rápido, dê uma máscara para essa jovem.

Embora ali estivessem três pacientes, além de Alex, Lina não teve a menor dificuldade em dirigir-se para o leito em que ele estava, qual se já tivesse estado ali... Aliás, já estivera mesmo, por duas vezes, em desdobramento espiritual.

E, coisa incrível: no instante em que Lina acercou-se do leito, nesse preciso momento, Alex, até então de olhos fechados, em sono profundo, abriu os olhos. E viu-a!

Aquela era a primeira vez que o jovem ator ficava "frente a frente" com a debutante que lhe pregara tão amarga peça. No torpor das cirurgias, seguidas de medicação sedante, vira-a em sonhos turbulentos. Mas agora, ali, despertou de vez, mente e memória com plena noção de tempo e espaço — lembrou-se do ocorrido e sabia-se hospitalizado. Foi com os olhos que se expressou: "Você?! Aqui?!".

Sem se perturbar, como se fosse experiente profissional de UTI, Lina murmurou:

— Alex: perdoe-me!

Foi ainda pelos olhos e movimentos enérgicos da cabeça que o paciente respondeu: "Não, não e não!".

Irrompendo em choro Lina não ouviu o doutor Gérson, contrariadíssimo, repreender o plantonista e determinar a um enfermeiro que conduzisse para fora da UTI aquela jovem imprudente.

O "cameraman" da TV captou algumas cenas, que iriam ao ar logo mais, pois a reportagem até então feita no jardim e transmitida "ao vivo", terminara tão logo deram pela falta de Lina, que aliás, seria a principal entrevistada.

Os pais de Alex, perplexos e revoltados, foram rudes com Felício:

— Bem se vê que sua filha é mesmo uma irresponsável!

Novamente Elenise contestou, em defesa da filha:

— Irresponsáveis são vocês que dão mau exemplo para seu filho, sendo uma família de alcoólatras...

Alessandra dirigiu-se ao doutor Gérson:

— Por favor, mande esses estranhos saírem daqui e se possível, que nunca mais se aproximem do meu filho.

Com autoridade própria do seu caráter e da sua função, o médico reduziu os termos:

— Não foi lícito a jovem adentrar na UTI, mas também não foi um crime. Considerando que há exaltação de ânimos, que pode prejudicar meu paciente, solicito que todos deixem este local e a ele só retornem com minha permissão.

Submissos, obedeceram.

Aproximando-se de Alex o doutor Gérson confortou-o:

— Percebo que você recuperou a consciência e estou feliz por isso. O nervosismo das pessoas é normal, pois elas querem o seu bem, cada uma a seu modo.

Alex anuiu, movimentando as pálpebras.

— Amanhã — informou-lhe o doutor Gérson — você irá para um belo apartamento, depois dos cuidados de hoje ainda aqui.

Alex sorriu.

Chegando no saguão do hospital, os dois casais, a equipe de TV e mais o doutor Mário e Alaíde, tiveram um instante de indecisão, sem saber o que fazer. Em menos de dez segundos aquele grupo vivenciara as seguintes circunstâncias:

- Adriano e Alessandra não pretendiam sequer despedirem-se dos pais de Lina;

- Lina, amargurada, chorava baixinho com a alma recolhida a uma dolorida solidão;

- Felício e Elenise, cientes que a filha agira de forma inconveniente, sentiam-se enfraquecidos por não terem ao seu lado a força da razão.

A equipe de TV não sabia se deveria prosseguir a reportagem ou encerrá-la. Doutor Mário e Alaíde apenas esperavam...

Foi Alaíde quem tomou a providência mais feliz: orar! Em pensamento, pedia a Jesus: "Mestre e Amigo, precisamos um pouquinho da paz que nos destes e que deixastes neste mundo". A enfermeira referia-se à pungente passagem evangélica na qual Jesus, falando aos Apóstolos, mas em verdade dirigindo-se a toda a humanidade, de todos os tempos, assegurou: "Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou. Não a dou a vós do modo como o mundo a dá"⁴.

Doutor Mário, sempre pacificador, propôs:

- Vamos aguardar as instruções do doutor Gérson.

À falta de alternativa mais sensata, todo o grupo anuiu.

E de fato, logo o doutor Gérson veio em direção a eles:

- O Alex recuperou a consciência. Amanhã vou transferi-lo para um apartamento. Lá vocês todos poderão conversar melhor com ele, embora não se demorando nas visitas.

Captando a ansiedade e mais ainda a manifesta animosidade entre os dois casais, doutor Gérson advertiu-lhes:

- Ninguém queria que tudo isso tivesse acontecido. Mas aconteceu e não há como reverter o dia de ontem, para modificá-lo. Contudo, como o presente constrói o futuro, administrando o passado, sugiro que o *agora* seja de reconstrução.

⁴ João 14:27 - Nota da Editora)

Sábias palavras! Não ouvidas de imediato senão por doutor Mário e Alaíde.

A equipe de TV, sorrateiramente, prosseguia filmando...

Sem assimilar o conselho do doutor Gérson, Alessandra festejou:

— Graças a Deus meu filho vai ficar bom!

Adriano começou a soluçar, impedido de dizer qualquer palavra. Doutor Gérson reforçou o alerta à conciliação entre os dois casais:

— Sim, graças a Deus, que inclusive encaminhou-nos o doador certo na hora precisa.

Isso dizendo dirigiu-se a Felício e segurando-lhe as mãos agradeceu:

— Somo-lhe imensamente gratos!

— Vamos para casa — ordenou Alessandra em tom rude, dirigindo-se a Adriano.

Ela e o marido retiraram-se, despedindo-se apenas dos dois médicos, ignorando ostensivamente Felício e sua família. Quanto a Alaíde, desde que a viram, não lhe haviam dispensado sequer um olhar ou um único momento de atenção.

A equipe de TV também foi embora.

A sós com o doutor Gérson Felício perguntou:

— E quanto a nós? Podemos voltar para nossa cidade?

— Creio que sim. Estejam certos que o Alex está bem. Se houver qualquer novidade informarei.

Despediram-se e deixaram o hospital no carro do Prefeito.

Lina, com os olhos toldados por lágrimas ia amargurada. Olhando o hospital que cada vez ficava mais distante a jovem deu-se conta, por inteiro, de forma definitiva e plena, irrecorrível, inquestionável, que amava Alex. Teve ímpetos de saltar do carro e voltar célere à UTI para declarar todo o seu ardente amor pelo astro que "tinha milhares de fãs mas nenhuma que o amasse tanto", segundo pensava...

Tão súbitos irromperam-lhe tais ímpetos, quanto maior certeza cresceu em sua mente, dando-lhe conta da impossibilidade daquele

amor prosperar em união de almas: a sua com a de Alex. Assim, não era só o hospital que ia se distanciando: era mesmo a possibilidade de ao menos uma nova aproximação com "seu amor".

No retorno, com o doutor Mário à direção e Felício ao seu lado, assustaram-se todos no momento em que Lina irrompeu em abrupto choro, sendo amparada pela mãe e por Alaíde, que a ladeavam.

— Alex! — bradou a jovem, em ligeiro desvario, desejando que ele a ouvisse e imaginando que de alguma forma milagrosa conseguisse vir ao seu encontro, para apertá-la nos braços, beijando-a apaixonado.

Delirantes amores juvenis... que adulto não os teve?

Costumam ser doces e amargos, ao mesmo tempo: o adolescente apaixonado perde-se por alguém e com isso sua alma se incendia do fogo sagrado do amor, mas não é raro que a pessoa amada sequer desconfie disso. Aí, a esse fogo sagrado sobrepõe-se o frio cruel da não-correspondência, fazendo sofrer aquele que ama e que cresce seu amor.

A Vida — talvez com dó de quem passa por tal experiência, mais no plural do que no singular das vezes — buscando amenizar tal tristeza convoca o Tempo para dar um jeito, e ele, sempre providencial, traz um novo amor, novos amores...

Tanto quanto os que um dia se entristecem por amarem e não serem amados, muitos de nós — quase que maioria absoluta —, num paralelo imaginário, à chegada da primavera juvenil física inauguramos verão de emoções prazerosas, que a breve espaço se transformarão em vazio outonal, cercado de invernosas tristezas espirituais.

A fé e a crença em Deus, vindas da infância, vão embora.

O tempo passa...

À frente, a Engenharia Divina aciona mecanismos os mais diversos para que, de uma forma ou outra, reacenda-se em nós o fulgor do Espírito na busca da evolução, rumo ao encontro definitivo da

felicidade, que afinal de contas, é a razão de termos sido criados. Essa busca é infinita e nela o ser percorre incessantes jornadas.

Quando chegar o tempo em que os valores espirituais sobrepujarem os terrenos, a cada vitória sobre nós mesmos seremos qual peregrino que conquista uma virtude, que se transforma em pérola. Quando as pérolas formarem um colar de luz esse peregrino não irá desfilar nos páramos celestiais, mas, sim, pô-lo a iluminar caminhos de irmãos que, passos atrás— como nós, hoje —, estamos com dificuldades para trilhar a estrada que ele próprio já percorreu.

No estado de coisas em que a frustração assemelha-se a um petardo prestes a explodir, para tanto bastando apenas uma fagulha no rastilho de pólvora já lançado, há sempre a hipótese de uma invisível intervenção, ignorada pelos envolvidos em tal processo. Citada participação, à revelia do frustrado, mas por ele dinamizada, flui do Plano Espiritual, com enérgica atuação sobre o quadro material. Pode ser boa ou má. Será boa esse alguém se lembrar de Deus, ou dos ensinamentos de Jesus ou ainda se em sua vivência, computadas a presente existência e as anteriores, houver saldo positivo no bem, caracterizando merecimento. Do contrário, tal intervenção será má, por sincronicidade mental.

Tudo isso porque neste mundo em que vivemos, independentemente do conceito astronômico, mas sim com inferência própria do Espírito, é do senso comum, por grande parte das pessoas, que há um outro mundo paralelo, semelhante ao nosso em tudo, exclusiva a visibilidade e a tangibilidade. Mas até mesmo tais propriedades sensoriais muitas vezes se equiparam, nas ocorrências mediúnicas da *vidência* e da *materialização*.

Segundo lecionam inúmeros Espíritos elevados, em registros psicografados por médiuns de toda parte do mundo, há sim um outro mundo, de outra dimensão — pátria de todos os espíritos da Humanidade, na qual a organização não se rege pelo social, mas sim, pelo moral. Ali, seus habitantes são situados compulsoriamente por Leis Divinas em áreas consentâneas com seu patrimônio espiri-

tual, resultante de suas realizações no bem, ou infelizmente para eles próprios, no mal.

Não saberíamos dizer quantas são tais áreas e como fazem fronteira entre si, compreendidas que estão desde as furnas, grutas e cavernas, começando, pois, a partir da crosta e terminando num imaginário teto espacial de influência atmosférica da Terra. Não obstante, podemos considerar que nelas convivem todos aqueles Espíritos que, de iguais pensamentos, gostos e atitudes, pela lei de atração e sintonia aproximam-se, convivem e unem-se uns aos outros, por fortes elos.

A essas regiões de moradia espiritual o Espiritismo denomina de "esferas superiores ou inferiores " e delas dá incontáveis quanto úteis detalhes. Úteis porque tais informações assemelham-se a notícias de uma terra estranha para a qual mais dia menos dia todos os encarnados viajarão, nela demorando-se por ignorado tempo...

Aqui, o conceito de "terra estranha" que estamos dando ao Plano Espiritual é meramente subjetivo, pois foi de lá que originalmente viemos. Igualmente, será para lá que estaremos retornando, em incontáveis viagens de ida e volta até que, mercê de méritos, não mais precisemos vir para a Terra — a ela só retornando por livre-arbítrio (em missão, por exemplo).

Nas esferas superiores sobressai a luz, ao passo que nas inferiores rareiam claridade e calor. Conforto ou desconforto, assim, são resultantes de conquista dos seus habitantes, pois cada um teve, tem e sempre terá a liberdade de conectar-se ao ponto cardeal de suas inclinações espirituais, boas ou más.

Espíritos de moral elevada poderão percorrer várias esferas, indo às inferiores para ajudar-nos. Quanto a nós, ainda de frágeis práticas evangélicas, só poderemos transitar na dimensão da linha curva que traçamos por pontos do bem e do mal, dimensão essa a qual talvez possamos denominar *antimeridiano do merecimento*.

Resumindo: alegria ou tristeza, amor ou ódio, felicidade ou angústia, paz ou guerra, luz ou trevas — são resultantes da opção de

cada ser, fixada em sua alma, a traduzir-se por pensamentos e ações. No bem ou no mal, repetimos.

É do consenso espírita que qualquer pessoa interessada em conhecer seu passado — suas vidas — para entender o presente, dispõe de infalível método: olhar para dentro de si mesma e ser sincera. Sim: se conseguirmos analisar nossas tendências, nossas predileções, nossos pensamentos, recordando o maior número possível das nossas reações ante as diversas situações-limite ou comezinhas a que estivemos expostos, é certo que esboçaremos um espectro bem aproximado *do que fomos*. Mais que isso: tal análise, na proporção direta da nossa sinceridade possibilitará a projeção do nosso futuro. Compreenderemos afinal que para colher felicidade, primeiro precisaremos plantá-la. Foi exatamente isso que Jesus lecionou ao sugerir que não amontoássemos tesouros na Terra e sim no Céu...

Foi penosa a viagem de volta da família de Felício à sua cidade. Não surtiram efeito nem mesmo algumas tentativas de diálogo por parte do doutor Mário e de Alaíde para melhorar o clima astral. Chegando, Lina trancou-se em seu quarto. Por dois dias dali não sairia. Sem se alimentar, congelou as lembranças na alma, elegendo a tristeza como companhia...

Os pais, embora preocupados, sentiram-se constrangidos a solicitar apoio do doutor Mário. Desnorteados ante o procedimento da filha mostraram-se irritadiços, impacientes e também eles perderam o apetite. Entre acusações recíprocas de culpa, marido e mulher deixaram de se falar, mal suportando, um, a presença do outro.

Naquele lar logo estabeleceu-se negativa conexão espiritual encarnados-desencarnados. A família, mergulhada em seus mundos interiores, criando multiplicadas ideias, ora coléricas, ora egoístas, como não poderia deixar de acontecer, passou a ser visitada por espíritos afins, perturbados também, que afluíram em bando.

Elenise: mergulhada em rancor contra a mãe de Alex, além de profunda mágoa ante as acusações do marido, que a culpava pela má educação da filha, atraiu para junto de si alguém que não muito

distante no tempo fora vítima de sua tirania mental. Esse alguém — encarnado —, mesmo vivendo em outro continente (!), todas as noites, ao dormir, passou a ir compulsoriamente à sua presença, qual se fosse limalha a milímetros de um ímã⁵. Distantes entre si, com a diferença dos fusos horários, o que sofrera, antes do alvorecer encontrava o desafeto (no caso, Elenise), no horário que ia dormir... Tal vítima lembrava-se vagamente das torturas mentais que lhe foram impingidas e agora só pensava em "retribuí-las". Por quase uma hora, de cinco em cinco minutos, batia palmas e dizia ao ouvido de Elenise: "mulher má, mulher má, mulher má... cuidado com o fogo purificador!" O insólito e invisível vingador, ao despedir-se, em se aproximando a hora de despertar, gritava: "fogo, fogo, fogo!"

Elenise, sem nada ouvir com o sentido físico, a pouco e pouco passou a ouvir mentalmente as palmas e aquelas palavras. O mistério de não explicar como conseguia ouvir sons inexistentes, cada vez mais frequentes e claros, acabou por provocar-lhe sério distúrbio mental, com graves reflexos físicos. Não conseguindo dormir, levantava-se, caminhava pelas dependências da casa, ia para o jardim e lá ficava a olhar para o céu, às vezes por até três horas após deitar-se. E aí, ao invés de admirar a beleza das estrelas, amaldiçoava a noite. Não demorou e contraiu dupla pneumonia, acompanhada de intensa dor de ouvidos.

Uma agravante do seu quadro mórbido foi o fato do marido pouco ou nenhum apoio prestar-lhe.

Prostrada ao leito, febril e convulsa, dele não mais querendo sair, passou a ter espasmos repetidos durante os quais, em estertores de dor e medo gritava: "... fora daqui, seu vadio! Já não chega a

⁵ Esclarece o Espiritismo que quando a pessoa dorme o Espírito se desprende parcialmente e revestido do Perispírito (este ligado ao corpo físico por um cordão fluídico) vai ao endereço onde seus pensamentos sintonizam ou no qual estão fixados. Num caso de vingança, a vítima buscará quem a prejudicou e se esse "algoz" não estiver moralmente vigilante, a imantação entre ambos se processará, com graves riscos ao bem-estar de ambos. (Nota do Médium)

lição que lhe dei? Nunca deixaria você me tocar, quanto mais dar-lhe meu amor!" E no mínimo três vezes por dia, sob reflexo retardado da obsessão que abrigara, gritava: "fogo, fogo, fogo!"

De início, o doutor Mário, que a tratou, diagnosticou a pneumonia e a dor de ouvido. Ministrou medicamentos que curaram a pneumonia mas não a dor de ouvido. Quanto ao comportamento de Elenise, intuindo tratar-se de um caso de obsessão espiritual, com muito tato recomendou-lhe que se submetesse a um tratamento espiritual, sugerindo que buscasse auxílio num Centro Espírita, indicando o que ele próprio frequentava.

Além de não aceitar nem uma coisa nem outra, Elenise, às escondidas, procurou um "consultor" de problemas matrimoniais, que obviamente, nada resolveu. Passou então a consumir tranquilizantes, com o que também não logrou êxito, isto é, mais e mais se mostrou perturbada.

Felício, que deveria protegê-la, após o rebuliço inicial das primeiras "crises obsessivas", embora chateado, deixou de chamar socorro médico, acostumando-se com a repetência delas. Logo substituiu cuidado por simples desprezo, não muito distante de um pensamento geral de que ela enlouquecera...

Falando-se de obsessão, a bem da verdade, é bom que se diga que do ponto de vista técnico, pouco diferem os conceitos emitidos pela Medicina (Psicologia Clínica) e o Espiritismo. Ambos — Ciência e Doutrina dos Espíritos — definem tal estado mórbido como sendo resultante de fixação mental num objeto (pessoa, atividade ou lembrança) com tamanha intensidade que disso decorre danosa saturação emocional, advindo distúrbios psíquicos, com prejudiciais reflexos orgânicos.

O ponto capital da obsessão em que o Espiritismo avança em relação à Ciência e dela difere é quanto ao fato de que alicerça o problema no Plano Espiritual e em vida(s) passada(s). A inferência espírita é que a perturbação de hoje, via de regra, decorre de infeliz quão eficiente atividade participativa de Espíritos, geralmente desencarnados e vingadores, a cobrar prejuízos sofridos, quase sem-

pre em outras vidas. Em outras palavras: o encarnado afastado da Caridade e do Amor de Deus, se tornará presa fácil de quem magoou, que o procurará cedo (nesta vida mesmo) ou tarde (numa vida futura).

Assim, a obsessão pode ocorrer entre encarnados... sendo que nesse caso o obsessor estará desligado do corpo pelo sono e seu alvo poderá estar também dormindo ou na vigília. Quase sempre, na insônia...

— O que acontece então?

— O Espírito que se sente prejudicado se aproximará do inimigo de antanho para vingar-se. De todas as formas possíveis. Uma delas, eficientíssima, será por indução mental: assoprar interminavelmente ao ouvido ideias perturbadoras, resultando em problemas sem solução. O processo é subliminar. O obsedado não viu nem ouviu nada, no plano das percepções terrenas. Contudo, na psicossfera individual que lhe é própria, de forma subconsciente registrará com extrema fidelidade todas as sugestões que lhe são dirigidas.

Fácil deduzir que o desespero logo tomará conta da "vítima", que assim se considera por complexo de culpa, anotado no arquivo espiritual do seu passado, mas oculto no presente. E como o desespero é o pior dos conselheiros, aquele que já está perturbado ser-lhe-á dócil hospedeiro e maiores dificuldades terá para encontrar a solução que o aliviaria.

Aí, fragilizado espiritualmente, começará a proceder de forma equivocada, qual se fosse um motorista que elege a contramão e que, à direção, curvado por um peso nas costas, aumenta cada vez mais a velocidade.

Crimes, quase todos, são cometidos nesse patamar astral.

Suicídios, que expressam o maior de todos os desrespeitos a Deus, não raro são resultado desse infeliz consórcio entre encarnados com culposas dificuldades e desencarnados com ideias de vingança.

Será raro, senão impossível, encontrar um ato de violência sendo praticado no planeta Terra sem acompanhamento do Plano Terreno ou do Plano Espiritual — geralmente, de ambos...

De qualquer forma, aquele que se aprisiona à obsessão, quase sempre somente com ajuda externa dela poderá livrar-se. Como? Em duas vertentes: recorrendo à Medicina, para eventuais males físicos e ao Amor a Deus, para os males espirituais. Nada objetiva, que simultaneamente. Se o tratamento médico é eficaz apoio nessa situação, o tratamento espiritual o é ainda maior. Emerge, nesse quadro, a figura modesta e humilde do Centro Espírita, como local ideal à segunda e mais importante fase do tratamento. Ali captará recursos fluidoterápicos (passes e água fluidificada) e assimilará esclarecimentos evangélicos e doutrinários, nos quais pontificam os ensinamentos de Jesus e a Bondade de Deus, a expressarem-se em incomparável justiça. Entenderá a breve tempo que o fruto amargo de hoje é resultante da equivocada plantação de ontem. Reconhecerá, enfim, que não há erros nem culpas para sempre, mas sim, infinitas oportunidades de reconstrução, cuja argamassa é o perdão.

Perdoar, de forma integral, exige alta filantropia de alma.

Pedir perdão não será mais fácil: exige reconhecimento dos erros praticados e efetiva humildade nessa petição, resignação diante das adversidades que o visitarão, alentada decisão de recompor o que haja destruído e finalmente, inarredável ideal de jamais retornar a tais descaminhos.

Difícilmente será encontrado em todo o Universo momento mais festejado do que aquele em que almas adversárias alijam mágoas e unem seus infinitos em pródiga amizade.

Felício: vendo na televisão, em cadeia nacional, a entrevista na qual ele era apresentado como o salvador de Alex, algo assim como o anjo encarnado do festejado ídolo, decidiu pôr em prática seu projeto de tirar proveito daquilo. Proveito político...

Se antes do baile das debutantes sua pretensão era a reeleição, reforçou agora a ideia que tinha de conquistar um assento na as-

sembleia legislativa estadual. Intimamente perguntava-se: "Por que ser prefeito de uma cidadezinha inexpressiva se tenho cacife para ser deputado?"

Esse pensamento passou a ser vivido em tempo integral.

Não deu outra: não poucos auxiliares e conhecidos, com os quais tocou de leve no assunto, passaram a alimentar-lhe o ego — faminto ego. Mais por bajulação do que por convicção encorajaram-no a partir para aquela "certeira conquista", fazendo com que a breves dias Felício publicamente manifestasse tal pretensão ao comitê do seu partido político. Onde, recebida a proposta, de início com reservas, pelas poucas chances reais de vitória — perspectiva que sequer alguém ali comentou —, ele próprio ajudou o comitê a homologar sua desistência da reeleição à prefeitura, para lançar-se à busca de assento no legislativo estadual. Obteve a indicação partidária pelo argumento definitivo da expressiva soma de dinheiro que se comprometeu a dar para sua campanha. Não tendo toda verba prometida, fez empréstimos...

O que Felício ignorava era que, nos bastidores, os dirigentes do Partido deliberaram empregar a verba que ele doara para divulgar, mais a plataforma política partidária do que o currículo de eventuais candidatos.

Tom, ele próprio candidato ao cargo de prefeito, acumpliciou-se com os dois vereadores não convidados no "*baile das fadas*", aos quais prometeu nomear secretários municipais se ele fosse eleito. Para tanto, falsamente, até aproximou os dois desafetos políticos de Felício, os quais prometeram-lhe apoio, o que na realidade acabaram não fazendo.

Quando Felício afastou-se do cargo de prefeito, para lançar-se candidato a deputado, custou um pouco a perceber que fora traído, eis que praticamente inexistiu campanha política a seu favor.

Aliás, houve sim campanha sobre ele, mas negativa: a TV acabou mostrando alguns dos aspectos negativos entre as duas famílias, quando foi realizada a entrevista no hospital...

Revoltado com a traição dos correligionários e com o que considerou difamação familiar pela TV, tentou reagir, mas destituído de quaisquer poderes, nada conseguiu...

Seu sonho resultou num grande fiasco, ao receber poucos votos.

Endividado e sem horizontes, envergonhado pela humilhação sofrida, enclausurou-se em casa, ele também...

Lina: também ela passava a maior parte do tempo enclausurada no lar, desde que vira Alex pela última vez: recolhera-se a um imaginário esconderijo que outro não era senão o seu quarto. O "diário" que vinha escrevendo foi-lhe a única táboa de salvação, naquele tormentoso oceano em que naufragara sua ilusão, desde o preciso instante do estampido do tiro que atingira Alex. Começou por escrever pequenas frases, como que historiando sua vida, que era uma até o tal tiro, e outra, desde então.

Por dias e dias de introspecção e clausura, a cada três dias, numa autoflagelação psicológica, escrevia apenas uma frase:

- Diário querido, único amigo... é com tintas de intenso amargor que escrevo estas palavras, as primeiras desde a minha estreia na sociedade. Vou escrever uma frase a cada três dias, para pensar bem...

- Eu, criança feliz, adolescente sonhadora, jovem que o destino resolveu maltratar...

- Sim, diário meu, fui feliz, até encontrá-lo...

- Quem? Ora, quem poderia ser? O Alex!

- Não sei responder: ora odeio-o, ora...

- Por que Deus deixou isso acontecer? Logo comigo?

- Alex, Alex, não morra, meu querido... Não morra, eu preciso de você outra vez... Bonito e cheio de vida...

- Ninguém me compreende, só você. Quer ver? Mamãe, papai, os pais de Alex... Acho que nem ele mesmo sabe... Nem eu... Meu Deus! Estou confusa, o que sinto? Não sei...

- Alex, Alex, por favor: não venha mais me visitar, nesses sonhos horríveis... Você fica feio quando me ameaça e me xinga de guria idiota. Não sou assim.

- Já fazem tantos dias... mas parecem anos... e cada vez mais tenho medo... Por que alguém não me conta se ele sarou?

- Se ele morrer... Eu morro também. Engraçado, se ele não vem me ver, sou eu que vou, tenho a impressão que sou uma andorinha... Como é que consigo voar? E como fiquei sabendo que ele precisava de sangue e da outra vez que estava com sede?

- Até parece que sou duas: a "número um" fica no meu quarto dormindo e a "número dois" (a andorinha) vai até ele, já não é mais no hospital... não sei onde. Quando ele vê a número dois logo começa a ameaçar a "número um"

- E como é que também vi os pais do Alex se embriagando?

- Vou procurar alguém para me explicar essas visões estranhas. Já sei: vou falar com a Alaíde.

5. LUZ E SOMBRA



No perigoso patamar no qual Lina se encontrava, seu Espírito guardião, procedendo ele próprio qual enfermeiro particular que conduz o paciente ao sol matinal, intuiu-a a procurar Alaíde, objetivando que o sol do Evangelho lhe aquecesse a mente, derretendo assim a tristeza que trazia congelada na alma.

De fato, Lina procurou Alaíde, visitando-a na casa dela:

— Oi, Alaíde, gostaria que você me explicasse umas coisas estranhas que aconteceram...

— Você se refere a...

— Aos sonhos que tive em seguida ao "acidente" com o Alex. Não consigo explicar como é que fiquei sabendo, daqui de casa, que ele precisava de sangue, estando lá no hospital da Capital. E entendendo menos ainda como é que quando fomos até lá, de repente senti um sono irresistível e logo me vi na UTI, ao lado dele. Conversei então com ele e pedi-me água, pois estava com muita sede...

Alaíde respirou fundo e com um singelo pensamento em Deus, sem qualquer tom de professora, mas sim de amiga, disse:

— Sabe, Lina, sou espírita há muitos anos e sou médium passista, isto é, dedico-me de coração a doar as minhas energias às pessoas que precisam e querem recebê-las. Exerço essa atividade praticamente só no Centro Espírita que frequento. Gosto muito de estudar o Espiritismo, mas nunca tinha ouvido falar de pessoas que conseguem sair do chão e pairar no alto por alguns instantes.

— Espere um pouco Alaíde: o que você quer dizer com isso? Está se referindo a mim?! Antes de mais nada gostaria que você soubesse que nada entendo do Espiritismo e até mesmo duvido que depois que morremos a vida continua. Para mim, não existe nada além do que posso ver, tocar e sentir. E nunca vi um espírito...

— Sim, Lina, refiro-me a você. Por duas vezes, lá na Capela, vi você no ar, qual se fosse uma pluma, imóvel. Fui pesquisar o que é esse fato e aprendi algumas coisas que gostaria de repassar para você. Isso mesmo já aconteceu com alguns santos e foi tido à conta de milagres. Mas na verdade é um fenômeno explicado pela Doutrina dos Espíritos e se chama levitação.

— Tenho medo! Não consigo deixar de imaginar como isso é perigoso. Só de pensar que fico no alto tenho medo de cair...

— Justamente por isso é que você fica inconsciente nesses momentos, pois do contrário poderia mesmo se ferir.

— Como assim, inconsciente?

— Se você tiver noção do que está acontecendo, sua descrença nos Espíritos, além da falta de entendimento da mediunidade e principalmente falta de fé, poderão causar mesmo um acidente grave. Mas a bondade de Deus é tanta que você fica inconsciente. Não há dúvida que você é médium de efeitos físicos, pois a levitação, no seu caso independente da sua vontade, caracteriza intervenção e auxílio espiritual.

— Você quer dizer que... Espíritos...?

— Claro, minha amiga: bons Espíritos!

— Como você sabe que são bons?

— Nas vezes em que você levitou estava em momento de prece. Mas, sobretudo, analisando as consequências podemos deduzir que os efeitos foram para o bem. Logo...

— Como assim, "para o bem"?

— Foram para o mal? Você sentiu mal-estar? As lembranças dessa hora do que você chama "sonho" são boas ou ruins?

— Foram boas! De Alex...

— Então é isso: com toda certeza seu anjo da guarda está tentando mostrar-lhe uma realidade até agora desconhecida por você, ou pior, rejeitada...

— Por favor, Alaíde, que realidade seria essa?

— Em primeiro lugar, Lina, você não tem mais o direito de duvidar da existência dos Espíritos e que há um outro mundo — o Pla-

no Espiritual — ao qual estamos intimamente interligados. Mais até do que podemos supor...

— Tenho medo dessas coisas, por isso evito pensar nelas...

— Pois não deveria. Todos nós vivemos muitas vezes. A morte, tão temida, na verdade nada mais é do que uma viagem de volta ao Plano Espiritual, de onde viemos quando nascemos. E aqui, a maior de todas as revelações: nascemos e morremos muitas vezes!

— Está vendo porque tenho muito medo dessas coisas?

— De morrer... ou de nascer?

— Por favor, Alaíde, não brinque com isso!

— Não estou brincando. O que você deduz de ter essa maravilhosa faculdade mediúnica de levitar?

— Não faço a menor ideia. Para dizer a verdade custou muito a acreditar que me ergui nos ares... Desculpe-me, mas acho isso impossível.

— Para Deus não há o impossível e a levitação é uma manifestação da bondade divina. Será que foi por acaso que Ele "resolveu" dá-la de presente a você? Mas nesse caso todos os que não a têm podem, com razão, julgarem-se injustiçados, pois quem não gostaria de "voar"? Mas não, minha querida, Deus é a Justiça Suprema e se você consegue levitar e nada fez nesta vida para consegui-lo é evidente que o merecimento vem de outras vidas, que só pode estar no passado. Percebe a lógica da reencarnação e das vidas sucessivas?

— Quais as provas que existem da reencarnação?

— Como foi medida a distância da Terra ao Sol? Se a Astronomia é uma Ciência que se vale de cálculos de comprovada veracidade, da mesma forma a Razão e a crença na Justiça de Deus afirmam à nossa inteligência, com certeza plena, que somente as vidas sucessivas explicam vários fatos da realidade humana.

Fazendo pausa Alaíde arrematou:

— Se a criatura humana tiver apenas uma vida, como justificar que alguém nasça cego, mongolóide ou aidético? Na favela ou no lar do dono de uma empresa multinacional? Na Suécia ou em Ango-

la? E como explicar que nasçam pessoas física ou mentalmente superdotadas? Raciocine, Lina: Deus é o Senhor da Vida, a Bondade Absoluta, Amor na plenitude, logo não cometeria injustiça nem concederia privilégios, a nenhum dos Seus filhos.

Dando nova pausa, para Lina pensar, Alaíde prosseguiu:

— Quanto aos que nascem em tristes condições a razão nos indica que estão em difícilíssimo processo de resgate, expiando faltas, necessariamente cometidas em existências passadas. Não nos cabe o direito de julgar, mas a lógica encaminha-nos para o entendimento que em todas as dificuldades da vida o que há é a expressão pura da Lei Divina de ação e reação.

— Começo a perceber como há lógica no Espiritismo... contudo, no meu caso, supondo que levitar seja mesmo uma conquista, só serve para fazer-me crer no mundo dos Espíritos?

— Você acha pouco? É claro que não apenas para isso. Essa seria apenas uma primeira fase, qual um despertar. O importante será como você irá empregar tal faculdade.

— Eu?! Empregar essa faculdade? Sair por aí voando?...

— Os médicos *saem por aí* curando? Os mestres *saem por aí* lecionando? Os músicos *saem por aí* tocando? Os engenheiros *saem por aí* construindo? Os padres *saem por aí* rezando? Ou, cada um, por profissão ou vocação administra da melhor maneira o que sabe e executa suas tarefas de forma equilibrada, ajuizando tempo e espaço?

— Mas eu não tenho nenhuma dessas profissões nem sou religiosa.

— Contudo, como a maioria das pessoas, senão todas, é médium. E os médiuns que estudam o Espiritismo percebem que o exercício mediúnicos só traz benefícios, primeiro para eles próprios e depois para encarnados ou desencarnados em estado de necessidade.

— Que benefícios podem resultar para mim ou para outrem se eu "boiar" no espaço?

— Lina, Lina: você mesma já esqueceu que foi nesses transe mediúnicos que ajudou ao Alex? E ademais não estamos justamente falando de que existe o Plano Espiritual e que nele habitam Espíritos? Será que são todos ditosos, felizes? Por exemplo: quando uma pessoa morre numa briga, ou num assalto, ou por suicídio, ou por causa de vícios, será que esse Espírito chega bem equilibrado no Plano Espiritual?

— E como é que eu vou saber? Ou quem é que sabe?

— O bom senso responde...

— É... só podem ser infelizes... "do lado de lá"...

— Isso mesmo. E se para os doentes do corpo existem médicos e hospitais, para os doentes do Espírito existem igualmente médiuns e Centros Espíritas. Assim como os médicos atendem os pacientes nos hospitais também os médiuns devem atender aos Espíritos necessitados no Centro Espírita. Entendeu?

— Mais ou menos... O que não entendo é porque esse Espírito que morreu e está em mau estado não é atendido lá mesmo no Céu, ou no *Plano Espiritual* como você diz? Lá não existem Espíritos bons? Então por que precisam dos vivos? O que é que tem aqui que não tem "lá"?

— Em primeiro lugar, volto a repetir que ninguém morre: o que há é mudança de Plano, isto é, do Material para o Espiritual e vice-versa. Quanto ao atendimento de Espíritos necessitados nos Centros Espíritas isso acontece porque tudo no Universo é vibração, tudo é energia. E acontece que os encarnados têm uma vitalidade específica para a vida terrena e é essa energia que os médiuns doam aos visitantes espirituais carentes, porque estes, após a morte do corpo físico, continuam com a mente arraigada no nosso Plano. Por causa dessa sintonia, os Protetores espirituais os conduzem à reunião mediúcnica, para um primeiro atendimento, algo assim como uma transfusão de energias.

— Entendi um pouco mais com esse exemplo da transfusão, porque me lembro que foi mais ou menos isso que aconteceu com o Alex: só papai tinha o sangue que ele precisava...

— Fora da reunião mediúnica, quando há uma emergência espiritual, esteja o médium onde estiver, será procurado pelos Mensageiros de Jesus para que doe suas energias, às vezes de forma inconsciente. Isso equivale, por exemplo, ao caso de um paciente que passa mal na rua e que quando chega a ambulância nela vem o médico que, dependendo da urgência, ministra-lhe ali mesmo os primeiros socorros, até que seja transferido para o hospital. Tanto para os encarnados quando para os desencarnados, atendida as urgências, o prosseguimento se dará, respectivamente no hospital ou no Centro Espírita.

— Onde você quer chegar?

— Quer mesmo saber?

— Claro!

— Sua mediunidade, como aliás todas as mediunidades dos demais médiuns são poderosas ferramentas que Deus coloca nas mãos daqueles que precisam reajustar-se, sendo que a melhor forma de consegui-lo é buscando auxiliar ao próximo.

— Repito a pergunta: no meu caso, como posso auxiliar alguém estando a voar?

— Não é voando: é levitando!

— Qual a diferença?

— Vamos definir algumas palavras: voar é o que fazem os pássaros e mesmo as aeronaves e os praticantes de esportes aéreos, tais como a "asa delta". Levitar, por sua vez, é a suspensão de objetos ou pessoas que sem nenhuma explicação elevam-se nos ares, geralmente a pequena altura; nesse caso há sempre concurso de Espíritos, os quais, utilizando fluidos de algum médium aplicam os seus, fazendo com o que esse objeto ou pessoa ascendam a alguma altura de onde estão e parem no ar, sem qualquer sustentação. É um fenômeno de manifestação espontânea, com participação de médium e Espírito(s) desencarnado(s).

Dando um tempo para Lina pensar Alaíde complementou:

— Posso estar enganada, mas algo me diz que em você essas duas manifestações mediúnicas aconteceram como um aviso.

— Como assim, "aviso"?

— Algo como uma preparação, um primeiro passo, para tarefas que mais à frente você desempenhará...

— Embora entenda os exemplos que você citou sinto-me um pouco confusa...

— Com o tempo e com estudos você entenderá melhor. Por ora, vou acrescentar uma outra informação espírita: os Espíritos têm uma faculdade parecida, chamada volitação; a diferença é que os Espíritos evoluídos realizam deslocamentos aéreos quase que instantâneos, a grande velocidade, do Plano Espiritual ao Material, ou vice-versa.

— Que maravilha!

— É sim. Todos os seres humanos, um dia, quando por mérito estiverem estagiando em Planos Espirituais elevados, terão condições de voitar quando quiserem. Contudo, as informações que os bons Espíritos nos deram é que só voitam para tarefas no Bem, jamais por lazer.

— Pelo que entendi levitação só acontece com encarnados, ao passo que volitação só com desencarnados. É isso?

— Sim. Vou emprestar para você um livro que trata de parte desse assunto. Refiro-me ao "O Livro dos Médiuns", de Allan Kardec, editado em 1861, na França. Sugiro que você leia-o devagar, analisando cada capítulo. Quando chegar no capítulo quinto da segunda parte encontrará explicações detalhadas sobre os acontecimentos físicos espontâneos que nada têm de sobrenatural, mas que ocorrem na humanidade há milênios. Na Antiguidade foram considerados "manifestação dos deuses"; na Idade Média, quando com religiosos, eram "milagres", mas com pessoas comuns, "possessões diabólicas"; mais tarde, com o avanço da ciência, foram objeto de incontáveis pesquisas, que comprovando sua ocorrência, sem, contudo, poder explicá-los com as leis terrenas, foram relegados ao esquecimento.

— Esse livro trata de quais outros assuntos, além desse?

— De um modo geral, contém informações dos Espíritos sobre os meios de comunicação entre encarnados e desencarnados — a mediunidade —, mostrando seu melhor emprego e ensinando como evitar desvirtuações. Tratando-se da levitação, há referências diretas. Já quanto à volitação, existem breves citações no livro "O Céu e o Inferno", também de Allan Kardec, onde ele registra depoimentos de Espíritos felizes que se deslocam a grandes velocidades.

Lina pensou um pouco e perguntou:

— Quem foi esse escritor Allan Kardec?

— Era um eminente professor e pedagogo francês, nascido em 1804, que aos cinquenta anos viu mesas elevando-se no ar, de forma espontânea...

— Assim... como eu?...

— Exatamente! Passou a pesquisar tais fenômenos logo identificando participação de Espíritos para que isso acontecesse. Suas pesquisas evoluíram ao ponto de utilizar médiuns para fazer perguntas aos Espíritos e as respostas foram anotadas e compiladas no seu primeiro livro: "O Livro dos Espíritos".

— Posso lê-lo?

— Deve.

— Quando?

— Comece hoje... Aliás, pensando bem, você deve ler primeiro o "O Livro dos Espíritos" para depois ler o "O Livro dos Médiuns" para melhor assimilar os ensinamentos espíritas.

— Interessante: algumas colegas gostam de ler romances espíritas e me ofereceram emprestados, mas sempre repudiei. Agora começo a me interessar por eles...

— Ótimo. Meu conselho, porém, é que primeiro leia as obras de Allan Kardec, para depois ler os romances espíritas. Se você observar bem, verá que os romances espíritas na verdade trazem os mesmos ensinamentos, só que com muita leveza e poesia, sendo úteis a uma considerável multidão de leitores que não têm o pendor para os estudos, mas sim para essa outra forma de aprendizado, aliando lazer ao conhecimento.

Lina agradeceu tão preciosos esclarecimentos. Abraçando carinhosamente Alaíde despediu-se, prometendo que iria "estudar Allan Kardec".

Alaíde retirou da bolsa uma folha onde fizera anotações e entregou-a a Lina, recomendando que lesse em casa.

Atenta aos estudos, Lina acabou esquecendo o bilhete que Alaíde lhe dera. Dez dias após, arrumando seus pertences encontrou a folha dobrada, tal como recebera e ainda não lera. Abriu-a e como vida pela atenção da enfermeira leu:

"Para minha amiga Lina:

Estudei em várias obras espíritas as diferenças fundamentais entre volitação e levitação, que enumero abaixo:

- volitar é ação de espíritos desencarnados e levitar de espíritos encarnados

- objetos também podem levitar, contudo, sendo apenas matéria, movem-se por ação de fluidos combinados, de espíritos desencarnados e encarnados;

- volitar é ação que ocorre no Plano Espiritual e levitar no Plano Material ;

- volitação se dá por vontade própria e levitação de forma quase sempre inconsciente (no êxtase, por exemplo);

- volitar é ação individual e na levitação há sempre concurso de espíritos desencarnados e de médiuns, que doam seus fluidos; os espíritos que participam da realização do fenômeno não têm grande evolução moral, mas sim, grande energia (fluidos algo densos necessários à levitação), sendo comandados e orientados por espíritos protetores;

- volitação é atributo de espíritos bons e na levitação, quando de pessoas, nem sempre há tal atributo (registram-se, de fato, levitações de "santos", mas também de pessoas não propriamente missionárias);

- volitam também alguns espíritos não voltados para o bem, mas possuidores de vastos conhecimentos sobre algumas forças da

natureza; seus deslocamentos, contudo, restringem-se a áreas restritas, a pouca altura e baixa velocidade;

- volitando, bons Espíritos podem ir a grandes distâncias, inclusive às esferas inferiores, sempre em missão caridosa;

- volitar vencendo distâncias não é propriedade de Espíritos pouco evoluídos, os quais, em razão de seus fluidos pesados só conseguem volitações curtas e apenas no perímetro das densas esferas nas quais se localizam;

- volitam em velocidade vertiginosa os espíritos elevados, chegando alguns à velocidade do pensamento; já na levitação, os movimentos são lentos, havendo velocidade apenas nos casos de arremesso de objetos;

- levitação de pessoas e objetos, ao que tudo indica, tem por objetivo o despertar moral das pessoas envolvidas no processo (médiuns, participantes e testemunhas);

- volitar é conquista de elevação espiritual e levitar é um alerta para o grupo onde ocorre, comprovando a existência de outras verdades para a certeza da vida espiritual;

- volitação pode ocorrer simultaneamente com espíritos agrupados e levitação, ao que se sabe, até aqui tem se dado com apenas uma pessoa, às vezes sentada, geralmente numa reunião mediúnica, podendo essa pessoa ser erguida nos ares, com ou sem a cadeira;

- volitação é fenômeno rotineiro no plano espiritual mas da levitação duvidam até mesmo alguns pesquisadores de renome que testemunharam-na, os quais haviam se cercado dos mais rígidos cuidados contra fraudes;

- finalmente, até onde tenho condições de deduzir, o plano espiritual não está em absoluto interessado em fazer adeptos, mas sim, o que há, nas levitações, é mérito de algumas pessoas em levitar ou testemunhá-las, quando não seja para um despertar moral e/ou mediúnico, que seja merecida e inesquecível visão".

Lina leu e releu tão eloquentes informações.

Alguns meses depois procurou Alaíde. Encontrando-a, foi logo dizendo:

— Grata, mil vezes grata pela sua atenção para comigo. Hoje compreendo melhor tantas coisas... Imagine, por exemplo, o que aconteceria se uma pessoa internacionalmente conhecida comesse a levitar, durante uma recepção que estivesse sendo mostrada pela TV para o mundo todo?

Alaíde, algo tristonha, considerou:

— Pouca coisa mudaria no pensamento das pessoas. Quando o primeiro astronauta pisou na Lua, em exibição mundial, o que aconteceu? Todos acreditaram?...

— É: você tem razão. Parece que algumas pessoas só acreditam em certas coisas quando acontecem com elas...

— É isso mesmo. Os relatos de Jesus levitando sobre as águas e em outra ocasião acalmando o mar revoltado, por si só deveriam dispensar quaisquer outras provas do poder espiritual, no entretanto...

Lina abraçou a amiga e declarou:

— Depois de tudo que aconteceu comigo e graças ao que estou aprendendo com a leitura dos livros espíritas que você me recomendou, além das explicações que você me deu sobre mediunidade, mudei completamente meu pensamento sobre os valores da vida.

Pensativa e com olhar triste complementou:

— Inclusive tenho feito muitas preces pedindo a Deus pela paz na minha casa, pois meus pais quase nem se falam... Da minha parte, desde o problema no baile, nunca mais queria saber de amizade com ninguém. Mas quando eu comprei o "O Livro dos Espíritos", por feliz coincidência, na mesma livraria estava minha vizinha Ester, que me convidou a visitar um grupo de jovens ao qual ela pertence e que se reúne uma vez por semana num Centro Espírita, para estudar o Espiritismo.

— Graças a Deus — interferiu Alaíde, acrescentando: é claro que esse encontro não foi coincidência, mas uma feliz intervenção

do seu Espírito protetor. Mas, perdoe-me interrompê-la. Continue, por favor.

— Pois é: fui, gostei e até me inscrevi no grupo que se chama "Mocidade Espírita Vida Feliz". Hoje, graças a Deus, os jovens são todos meus amigos! Você nem imagina o quanto estou aprendendo com eles, pois quando comecei a ler o "O Livro dos Espíritos", sozinha, encontrei alguma dificuldade em entender várias respostas, mas eu anotei minhas dúvidas e os meus novos amigos têm me esclarecido.

- - -

Alex, desde que chegara à UTI, conquanto parcialmente imobilizado, vivenciava um verdadeiro turbilhão de ações mentais, preocupado com o prejuízo causado à sua imagem pela distância dos holofotes da fama. Pensava, aflito: "tudo por culpa daquela guria idiota".

Mais do que ninguém, sabia que *longe dos olhos, longe do coração*, ou melhor, no seu caso profissional, sem aparecer nos programas de televisão, teria rápido esquecimento das fãs. E pior: da mídia.

Desesperava-se com as luzes da UTI, tragicamente substituindo as da televisão. "Tudo por causa daquela maluca", repensava, lembrando-se da figura de Lina.

A "perda de audiência" até parecia aumentar-lhe as dores.

Atualmente a Medicina já começa a considerar como verdadeira a hipótese subjetiva segundo a qual dores físicas podem ser atenuadas pelo próprio paciente, desde que sua paisagem mental exclua revolta, indignação, inconformismo e desamor à vida.

E mais: a vontade de curar-se, aliada à fé em poderes transcendentes (de quaisquer credos), serão sempre condicionantes catalisadoras de produção própria de hormônios balsâmicos, os quais, embora não eliminando a dor, restringem-na.

Alex sofreu muitas dores, por aproximadamente três semanas desde o acontecido no baile das debutantes. Nesse tempo, dormia e acordava muitas vezes ao dia e nas noites. De tanto pensar em Lina, com ódio crescente, passou a ter sonhos recorrentes com ela. Sonhando com ela como a vira no baile, não a considerava nenhum paradigma de beleza, mas apenas uma jovem "bem produzida". *Bonitinha*. Apenas *bonitinha*. Xingava-a de "guria idiota". Mas, de outra feita, sonhava com Lina, vendo-a qual se fosse uma estátua de turmalina, reluzente, faiscante, sensual. Ele então corria para ela, mas a estátua se estilhaçava.

Uma ou outra vez sonhou que vivia lances apaixonados com ela, de beijos intensos entre carícias ardentes.

Mas o que o intrigava bastante eram os encontros nos quais Lina vinha visitá-lo... Parecia-lhe que ela chegava voando!

De todos esses repetidos minissonhos, pois eram de curta duração, alternando-se desordenadamente, acordava com o coração descompassado, fato demonstrado pela instrumentação médica da UTI, enquanto lá ele permaneceu.

Após a alta médica logo esqueceu Lina pois retornou às atividades artísticas, sendo muito mais admirado pelas fãs, isso porque ao invés de perder audiência, teve-a aumentada, por ter sobrevivido.

Com os pais de Alex a situação era igualmente de intensa perturbação. Adriano, que sempre fora um homem trabalhador, num modesto emprego, com o estrondoso sucesso do filho deixara o emprego, passando a ser "office-pai". Em troca de uma bonita casa e de mordomias — tudo pago pelo filho — tornou-se arrogante com as pessoas, julgando-se o único responsável pelo êxito dele. Por isso considerava que tinha direito a gastar o que quisesse do dinheiro que o filho ganhava. Passou a conviver com interesseiros, que usufruíam também de parte das mordomias que o alto salário de Alex garantia. Bebidas alcoólicas nunca faltavam... De alguns tragos em ocasiões sociais, quase sempre noturnas, a coisa desandou de tal forma, que logo Adriano passou a beber também durante o dia. Todos os dias. E pior: logo ao saltar da cama, pela manhã, antes

mesmo dos cuidados da higiene matinal rendia preito a Baco, o deus do vinho e da vinha, de quem, a título de brincadeira, se dizia "o servo mais fiel"...

Em pouco tempo Adriano já não mais conseguia realizar nem mesmo pequenas incumbências solicitadas pelo filho.

Não tardou e Alex deixou o lar, mudando-se para uma mansão, onde a primeira coisa que fez foi convidar a imprensa para conhecer a nova casa. Aos pais, passou a dar uma *mesada*.

O pai não se conformou e passou a exigir mais dinheiro, que Alex não deu. Aí, Adriano tornou-se inconveniente e agressivo, com tudo e com todos e em repetidos delírios alcoólicos culpava a esposa pela "miséria" a que foram reduzidos:

— Foi você, mulher, que andou falando mal de mim para o Alex...

— Eu?!

— Você mesma: foi contar para ele sobre "o montão de gente" que eu atendia. Eram meus amigos... e agora me abandonaram também...

— Adriano, Adriano, você não se enxerga? Aquelas pessoas só queriam lucrar alguma coisa, em razão da ajuda do nosso filho. Usavam você como simples menino de recado.

— Ajudei muitos... Todos gostavam de mim...

— Gostavam era da bebida que você lhes dava.

— Não me venha de novo falar desse jeito. Você sabe que eu só "bebo socialmente". E dentro dos limites. A hora que quiser parar, paro na hora...

— O que você chama "de limites"? Beber o dia inteiro, a ponto de quase desmaiar?

— Nunca desmaiei. O que tenho é pressão baixa.

— Você não se enxerga mesmo. Nem se dá conta que eu me tornei viúva...

— O quê? Você está louca? Perdeu o juízo? Então morri?

— Não, não estou louca nem perdi o juízo. Estou sem marido, isso sim...

— Ora, ora, como é que você pensa nessas coisas, quando nosso filho está entre a vida e a morte?

— Por Deus! Nosso filho não "está entre a vida e a morte": esteve! O problema do Alex aconteceu no fim do ano passado e você não liga para mim desde então.

De fato, há um considerável tempo que Adriano ignorava por completo a existência da esposa. Envolvido com amizades interesseiras, que o procuravam apenas com o intuito de obter algum favor do filho famoso, deixou-se levar pelas constantes bajulações. Sem maiores ocupações e preocupações, já que Alex sustentava esse viver inócuo, encontrou no álcool a parceria decorrente de uma vida sem objetivos.

E, como já foi dito, os vícios levam o viciado a se acumpliciar com sócios invisíveis — Espíritos que desencarnaram por (ou com) esses vícios e que por verdadeiro ato de vampirismo usufruem parte das sensações experimentadas pelo encarnado, induzindo-o a cada vez mais se chafurdar em tais práticas.

Alessandra, de sua parte, mantinha-se como boa dona de casa, cumpridora de todas as obrigações domésticas. Não se deixou envolver pelos desvarios do marido. Recusava, sistematicamente, participar das reuniões festivas, tanto as do filho, de caráter profissional, quanto as de Adriano, estas, mera desculpa para ele e seus amigos se embebedarem.

Contudo, a rotina dos afazeres no lar, com Adriano em permanente embriaguez e Alex morando em outro endereço, acabaram por causar-lhe sensação de dupla perda, do marido e do filho.

Mágoas e solidão são ingredientes para desencadear o estresse, entendido como tédio profundo. Desse tédio à frustração existencial, um passo. Tanto quanto o vício sempre tenta infiltrar-se na virtude é certo que só com o alicerce da vigilância evangélica a construção moral não desabará.

Como fuga de tal situação, buscando uma compensação para a falta que sentia da paz interior, Alessandra entregou-se aos remédios antidepressivos, deles se tornando cativa.

É sabido que a depressão visita a maioria dos seres vivos, com maior ou menor frequência, tornando-se companhia inevitável para os andarilhos carentes da rota evolutiva terrena, que têm por bagagem saldo negativo de investimentos no Bem.

Enquanto episódica, a depressão enquadra-se na paisagem individual de quem vive num mundo de provas e expiações. Mas — e aí reside seu devastador perigo — não pode ter abrigo demorado e menos ainda permanente, em nenhuma alma.

Se isso ocorrer, qualquer que seja o escoadouro tenderá a ser equivocado, porque o deprimido deixará de comandar o percurso, passando a ser negativamente tutelado por personagens descredenciadas para guiar para o Bem quem quer que seja.

— Quem ou quais seriam esses guias descredenciados?

Respondem uma advertência de Jesus e "O Livro dos Espíritos":

- Jesus: "Vigiai-vos dos falsos profetas que se chegam a vós em pele de ovelha, mas que por dentro são lobos vorazes" (Mateus, 7-15);

- Questão nº 459: "Os Espíritos (desencarnados) influem nos pensamentos e nos atos (dos encarnados) muito mais do que (estes) imaginam. Influem a tal ponto que, de ordinário, são eles (os desencarnados) que os dirigem".

Esse o grave perigo da depressão: perder o comando mental das ações! Passar a ser mero brinquedo nas mãos de outras mentes, majoritariamente infelizes, senão vingadoras...

Tudo isso sem adentrarmos no vasto campo das síndromes psíquicas, desde pequenas manias intermediando com neuroses, evoluindo perigosamente para as psicoses, cujo apogeu é a maníaco-depressiva, na qual a violência dá o tom das ações, gerando tragédias.

Alessandra, com o organismo prejudicado pelos medicamentos cada vez mais potentes e ensimesmada na solidão da qual se julgava inocente vítima, passou a arquitetar fuga desse quadrante existencial: suicídio... Refletindo que "se tudo acaba com a morte" pas-

sou a considerar o que teria a perder se pedisse demissão da vida — se é que era vida aquela que estava levando...

Alguns meses se arrastaram penosamente para os dois casais, não se entendendo ambos, intramuros.

Adriano e Alessandra: alcoólatra ele, hipocondríaca, ela. Com dificuldades financeiras e sem vida conjugal, sequer se falando um com o outro. Somente o pensamento do prejuízo que causaria ao filho evitou que Alessandra pusesse mesmo fim à vida.

Felício e Elenise: neurose de pânico, nele; desilusão, nela.

Ele, vítima de traição política, não sendo eleito deputado e perdendo o cargo de prefeito, elegeu-se derrotado pela vida... A vergonha de encarar seus conterrâneos, levaram-no a internar-se no lar, dali não saindo para nada.

Elenise, com dor de ouvido crônica e humilhada socialmente pela perda da posição de "primeira dama", não perdoava ao marido, o único culpado. Além do mais, teve que indenizar empréstimos financeiros dele para a malfadada escolha política, cuja campanha fora onerosa.

Em casa, sob o mesmo teto, conviviam mas não se suportavam. O relacionamento marido-mulher foi substituído por algo assim como o clima de dois boxeadores que antes do início do combate, olham-se com rancor, de leve tocam luvas e logo partem para, se possível, um massacrar o outro. E se no box o ataque é físico, entre o casal os ataques eram mentais, muito mais devastadores.

Viviam sem se olharem nos olhos, sempre resmungando algo em surdina, entre dentes. Só não se separaram porque Felício, calculadamente não quis, já que a esposa — filha única — era herdeira potencial de considerável fortuna. Com a desculpa de não traumatizar Lina, recusou o divórcio proposto por Elenise. Mas, incapaz de aceitar a derrota política, desde então, passou a não sair de casa, fato que culminou com a neurose de pânico. Não tardou e contraiu úlcera estomacal.

Quanto a Alex e Lina, normalizaram suas atividades, ele trabalhando muito e ela dedicando-se com afinco aos estudos.

Alguns jovens que quiseram namorar Lina desistiram pois sobre isso ela sequer concedia-lhes um minuto dobrado de atenção, não por desprezo, mas sim porque em sua alma era muito forte o ideal de se formar em Medicina. Para ela, ou namoro ou estudo. Optou pelo estudo. Frequentava semanalmente a Mocidade Espírita.

E assim, o tempo foi passando, passando...

Três anos transcorreram.

A pujança da vida, a energia impulsora do progresso e a destinação inexorável de todos evoluírem, sendo isso Lei Divina, fez com que aquelas pessoas, em partículas, se transferissem para outros patamares.

Os pais de Alex divorciaram-se. Sobreviviam com a ajuda financeira do filho, sempre muito cotado nos meios artísticos. Adriano sofria graves perturbações físicas e mentais. Alessandra também foi capturada nas teias do alcoolismo, tanto ou mais do que o marido, sendo ambos pacientes de repetidas internações hospitalares, para desintoxicação...

Sabendo a música que a orquestra tocava quando o filho foi ferido ("A Lagoa Adormecida"), tanto um quanto o outro, numa alusão depreciativa, culpavam Lina, os pais dela e "toda aquela cidadezinha de sapos" pela dolorida solidão e ruína existencial a que eles próprios se entregaram.

Alex, qual sol, brilhava intensamente no universo da televisão, teatro, cinema e filmes de propaganda. O fato de ter estado entre a vida e a morte, há três anos, desde então foi-lhe impulsor extraordinário na carreira artística, pois o ser humano, no recôndito da alma, sempre se fixa em tragédias. E aquela que alcançou Alex, no fatídico baile, deu-lhe mais atenção popular do que mil capítulos da mais famosa novela em que fosse ele o astro principal.

Assim, de alguma forma, parte de sua agora grande fama, devia-a a Lina.

- - -

Tendo a úlcera de Felício se agravado, doutor Mário indicou atendimento em hospital da Capital. Aliás, há tempos Elenise vinha também recebendo aconselhamento médico para tratamento de otorrinolaringologia especializado, inexistente na sua cidade. Felício usou tais argumentos para propor à esposa a mudança daquela cidade.

Porém, o que decidiu pela mudança da família foi o fato de Lina ter concluído o ensino médio, haver prestado o vestibular para Medicina e ter obtido aprovação, sendo que ali não havia tal faculdade.

Os pais de Elenise aprovaram a mudança, patrocinando-a.

Todos esses fatos, semelhantes ao raro alinhamento de planetas, levaram aquela família para a cidade grande.

De forma definitiva? Somente o tempo responderia...

Assim, da mesma forma como um dia os três voltaram da Capital, deixando-a para trás, agora faziam o percurso inverso.

No coração de Lina não havia angústia alguma e a sofrida afeição que um dia sentira por Alex, nesse tempo foi substituída por um alentado ideal de ser médica.

6. A TECELAGEM DIVINA



"O homem põe e Deus dispõe".

Esse provérbio, se analisado sob um dos focos espíritas — o filosófico, no caso — pode ser bem compreendido como comprovante de inquestionável elaboração dos roteiros existenciais de cada ser humano, antes de cada existência terrena.

É certeza espírita que o acaso não existe.

As chamadas "coincidências da vida" espelham inimaginável intervenção na fiação das teias da vida — corpórea, terrena — feita por meticulosos mestres, adequando textura, estampa e dimensões na peça que cada aluno está tecendo para si mesmo.

Os mestres visam apenas o progresso dos alunos...

À medida que a criatura vai acumulando experiências, resultantes de seus atos bons ou maus na vida presente, além do saldo nas anteriores, ela própria equipará o tear da vida com a lã que irá agasalhá-la na(s) vida(s) futura(s).

Tal é uma das regras da tecelagem divina dos processos reen-carnatórios, com seus respectivos programas: colocar cada pessoa no lar onde conviverá com pessoas indelevelmente ligadas a ela. Nesse convívio, ora como ascendente, ora descendente, encontrará multiplicadas oportunidades de substituir aridez por suavidade, acidez por doçura, indiferença por atenção, grosseria por delicadeza, maus tratos por proteção, débito por crédito — enfim: vingança por perdão, isto é, ódio por amor!

Esse, em linhas gerais, o esquema divino da finalidade de um lar: busca da felicidade, todos os espíritos ali reunidos apoiando-se e sendo apoiados, reciprocamente.

Por isso, a "cegonha" jamais erra de endereço: se as portas lhe são fechadas, ainda assim sempre haverá uma "entrada secreta"

que só elas (as cegonhas) conhecem, pela qual um espírito encarnado, longe da consanguinidade, irá aportar ali...

Jamais se diga que "ao acaso". Não! Compreenda-se, de uma vez por todas, que o caso dos filhos adotivos é fruto de extraordinária movimentação espiritual realizada para que prospere tal aporte. Dádiva que não deve nunca ser desperdiçada, eis que nova chance talvez demande séculos para se repetir...

Sim: são os Espíritos Siderais, prepostos de Jesus, os incumbidos pelo Criador de homologar os programas reencarnatórios de cada um de nós. Quando temos mérito para pedir, nossas petições, de início, são ajustadas às equilibradas sugestões de tutores espirituais mais próximos a nós. Estes, por sua vez, as encaminham a um escalão moral superior, de onde retornam homologadas por inteiro ou com uma que outra alteração.

O que irá suceder em cada vida física nossa, recebe benéfica dupla análise, cabendo a nós outros compreender que em tudo a Justiça Divina esteve, está e estará sempre presente.

Alterações de tais roteiros devem ser debitados tão somente ao nosso livre arbítrio...

Assim são formadas as famílias: com infalível discernimento!

- - -

A Universidade Estadual fervilhava, com tantos estudantes e professores circulando por ali, da secretaria à diretoria.

Ninguém no mundo saberá dizer quem ficou mais espantado, se ele ou ela. Há mais ou menos três anos não se viam. E nesse intervalo de tempo, como ambos mudaram de aparência!

Ela, de adolescente "meio sem graça" era agora bela mulher, na pujança dos dezoito anos, cujo porte, olhar e gestos, sintetizavam crescimento interior e exterior. Atraente, vivaz e exibindo saúde, que seu belo corpo avalizava, chamava mesmo a atenção, pois imprimira na face, embora juvenil, a serenidade da paz íntima, com

aqueles inesquecíveis olhos da cor de turmalina expressando um ar de mistério.

Ele, de pessoa simples, dessas que passam despercebidas quase sempre, agora trazia impresso no rosto algo de poderoso, assim como autoconfiança, resultando em atrativo certo para o sexo oposto... Também fisicamente o tempo lhe fora generoso, pois do jovem magro, transformara-se em homem forte, que seu traje esportivo deixava entrever.

Quando moravam na mesma cidade sequer tinham trocado uma única frase. Não por culpa dele, pois na verdade, o que mais desejava era poder conversar com ela, ficar perto dela ao menos mais alguns instantes, além daqueles em que ele a servia, em termos puramente profissionais. Quando tentara aproximar-se dela, nas horas "daquela crise" fora impedido, não apenas pelo pai, como também por ela própria, que sequer se dignara a agradecer-lhe a oferta incondicional do seu apoio. Jamais se esquecera que para ela e seus pais ele representava pouco mais de zero, na escala social... Isso o magoara muito. Tanto, que deixara aquela cidade dois meses após "o problema no baile", mudando-se para a Capital, onde foi trabalhar também num clube social.

Por vezes o tempo para...

Como ali, quando Lina encontrou-se com Daniel.

Como se vê, o "destino" dá voltas e mais voltas, às vezes até piraletas e cambalhotas para que os roteiros das pessoas sigam avante, nos termos previamente estabelecidos. ainda na Espiritualidade. Embora desconhecido, certamente haveria algum motivo para Daniel e Lina se aproximarem...

Seus olhares cruzaram e no mesmo instante Lina lembrou-se daquela fisionomia. Sabia que o conhecia. Mas de onde? Como ele a encarasse fixo, tomou a iniciativa, ganhando tempo para recordar-se quem era aquele rapaz:

— Oi, você aqui? Que coincidência...

Como que momentaneamente fora do contexto, Daniel mal podia articular qualquer coisa para responder. A figura de Lina, à sua

frente reacendeu a paixão que julgava morta, mas que despertava súbito, fazendo-lhe o sangue "ferver" nas veias, qual vulcão poucos segundos antes da erupção.

Lina, ante o deliberado mutismo do rapaz e sem conseguir que a memória a socorresse, foi direta:

— Seu nome... como é, mesmo?

"Por Deus", pensou Daniel, "nem meu nome ela sabe".

O rapaz estendeu-lhe a mão.

Mais por etiqueta que por vontade, Lina retribuiu.

Mão na mão, unindo auras, da simbiose do magnetismo de cada um resultaram sensações descontraídas: nele de paixão e nela de breve aturdimento, pois ele não largou sua mão...

Como ele apenas continuasse a segurar-lhe a mão, encarando-a com um envolvente olhar, entre matreiro e inocente, ela forçou-o a soltar-lhe. Disse-lhe, com cuidado:

— Não me leve a mal, mas de onde nos conhecemos? Ou não nos conhecemos?

O jovem sentiu, outra vez, decorridos três anos, aquela horrível sensação térmica do "frio Felício", como cognominara a forma infeliz pela qual fora tratado, quando então tentara aproximar-se dela.

Mas o tempo agora era outro. E ele também...

Com efeito, a duras penas e à custa de imensos sacrifícios, nesses três anos cuidara do corpo, ora atlético, utilizando seus momentos de folga, exercitando-se no próprio novo local de trabalho — um outro clube. E com o corpo em forma, o Espírito perdera o complexo de inferioridade. Portou-se como um gato brincalhão:

— Vamos ver se você acha a resposta na memória...

Lina não esperava essa reação, algo jocosa, algo provocativa. Sua ideia era ouvir-lhe a voz para com isso tentar lembrar-se de onde o conhecia. Mas não se lembrava daquela voz. Disse:

— Conheço tanta gente...

Tomou um fôlego para oxigenar um pouco mais o cérebro e assim ganhar mais algum tempo. O cérebro, contudo, trabalhava "a mil por hora", mas a memória não atendia, teimando em não cola-

borar. Lina não se lembrava do nome dele porque, na verdade, nunca o soubera.

De dez mulheres em situação igual, dez agem ou agirão sempre assim: com charmosa e instintiva cautela.

Daniel, por sua vez, já não mais se considerava "no andar de baixo", por isso, também ele não se deixou enredar nem numa hipotética superioridade social de Lina, menos ainda na manha feminina. Desafiou:

— Linda "fada", dou-lhe um sorvete, se você se lembrar de onde nos conhecemos.

A alusão "fada" acionou a memória que finalmente liberou a lembrança:

— No Clube... Você era...

Interrompeu, pois se continuasse, completaria algo assim como: "o *empregadinho* que recolhia os pratos e copos usados".

Daniel, com a personalidade solidamente instalada no presente, não permitiu que o passado sequer ameaçasse sua aproximação com aquela que um dia habitou sua mente dias e noites sem conta. E que agora se apresentava como apetitoso fruto a ser colhido por ele...

Provocou:

— ... eu era...?

— Você... trabalhava lá...

— Meu nome?

— Deixe-me ver... deixe-me ver...

Num gesto espontâneo, tanto educado quanto facilmente interpretado como um pedido de desculpas, Lina estendeu as mãos e pegando a mão direita de Daniel rendeu-se:

— Não se ofenda, mas não me lembro do seu nome.

"Será que um dia ela soube meu nome, para ter esquecido? É claro que não sabe. Por que, aliás, deveria saber?" Com essas reflexões Daniel pousou suavemente a esquerda nas mãos que lhe seguravam a direita. Olhando Lina, sempre de forma envolvente, agora foi ele que, mãos nas mãos e olhos nos olhos, rendeu-se:

— Não me peça desculpas, Lina...

— Você sabe meu nome!

— Como esqueceria?

Para ela as aproximações anteriores com ele foram insignificantes e mesmo inexistentes em sua atenção. Mas, à lembrança do baile em que debutou, passados três anos, sendo agora focalizada com ardor não mais do que por três minutos, teve a sensação de estar revivendo aqueles momentos do passado... Só que, então, ela é que olhava alguém do mesmo jeito que agora era olhada... Alguém para quem ela nada representava, tanto quanto era-lhe sem significado a pessoa com a qual ora conversava.

Capitulou:

— Perdoe-me, mas não consigo mesmo me lembrar do seu nome.

— Daniel...

— Oh, Daniel, como você está mudado!

— Você também, Lina! Mas há algo que não mudou em mim...

Captando que algo, bastante pessoal da parte de Daniel estava por vir, Lina soltou as mãos, num gesto ao mesmo tempo de prudência e de contenção a alguma investida intimista. De fato, ele não concluiu a frase. Apenas brincou:

— Como você só acertou uma parte sobre mim vou deixá-la tomar só metade de um sorvete.

Lina não procurou saber qual seria a "outra parte" sobre Daniel. Dirigiram-se à cantina, pegaram seus sorvetes e foram degustá-los, à sombra de uma sibipiruna em festa, de tantas flores. Descontraído agora, Daniel narrou sua vida, informando que estudava Direito. Seus olhos brilharam quando falou dos seus sonhos para o futuro:

— Se Deus quiser, quando eu me formar, terei minha própria banca e vou ter muito sucesso!

De repente Lina deu-se conta de que estava a ouvir um estranho falar de ideais. Estranho sim, pois aquele moço nunca estivera em seus pensamentos e somente há poucos minutos conversava com ele, pela primeira vez. O que mais intrigava-a era o fato de que

o que ele dizia, por oculta magia, parecia colocá-la no centro de gravidade dos acontecimentos passados, presentes e até futuros, da vida dele...

Positivamente, aquilo era anormal: não era prudente dedicar "tanta atenção" a um estranho. Levantando-se, bruscamente, interrompeu-lhe o devaneio:

— Preciso ir.

— Mas... nem sei o que você está fazendo aqui...

Lina teve vontade de responder: "o que você tem com isso?", mas disse apenas que viera formalizar sua matrícula na Faculdade de Medicina. Daniel disparou:

— Então nos veremos todos os dias?

Novamente Lina captou inconveniência nas palavras do jovem, contudo, algo manhosa, deixou em suspenso:

— Quem sabe... quem sabe...

Ao se despedirem alguma coisa havia mudado em ambos.

Nele, o presente felicitara-o com aquele encontro que um passado não tão distante assim fizera questão de negar-lhe. Com o sangue acelerado nas veias, o futuro projetou-se-lhe promissor, ante a expectativa de estar perto de Lina, todos os dias.

Nela, um turbilhão visitava-lhe a mente, despejando tumulto na alma, ante sentimentos fortes na controvérsia — atração, seguida de repulsão; vontade de voltar à presença dele, gerando medo; esperança de um quinhão de felicidade, logo nublada por intuição de perigo...

Lina ficou pensando muito nele.

Mas, se ele até ali inexistira em qualquer ângulo de sua vida, por mais insignificante que fosse, como é que surgia de repente, vindo praticamente "do nada", para ocupar-lhe pensamentos que não deixavam dia e noite, noite e dia?

Foram tormentosas, para ambos, as três semanas seguintes. Por mais que se esforçassem, a lembrança de um não saía da mente do outro, em permanente reciprocidade.

Lina fixou a ideia em Daniel sem definir o que estava sentindo desde que o vira, nessa nova fase: perspectiva de um romance ou um encontro com o próprio passado, no qual ele não tinha a menor expressão em sua vida? Sua indefinição era fruto de indecifráveis avisos que vinham da sua alma alertando-a sobre um oculto perigo rondando tal aproximação...

Quanto a Daniel, a bordo do amor-próprio que justificava como sendo prudência, continha o ímpeto de procurar Lina. Queria vê-la. Queria estar com ela. Precisava, com urgência, ficar perto dela ao menos um minuto. Ou... quem sabe?... Até mesmo para sempre! Mas, como procurá-la? Como seria recebido pelos pais dela? Eles eram ricos e ele pobre... Atrever-se a combater o "frio Felício", com a chama candente dos seus sentimentos, talvez a afastasse dele para sempre. Não podia correr tal risco.

Lina, ante o inesperado e ao mesmo tempo tão perturbador encontro com Daniel, não conseguiu evitar que sua alma desse um mergulho no passado, voltando três anos. Esse mergulho sufocou-a, pois não conseguia subir à tona, isto é, à realidade do presente. As lembranças da noite triste, na qual debutara, atropelaram sua paz, como se ficasse sob uma avalanche de neve...

Revivendo os fatos subseqüentes ao "baile das "fadas", Lina recordou-se de como sofrera por um ano, até livrar-se do perigosíssimo vírus do ciúme. Sim do ciúme... de Alex, pois desde o primeiro instante que o vira, imaginando — apenas imaginando — que ele viesse a ser seu namorado, sequer admitira que ele dançasse com cada uma das debutantes. Isso foi causa de imediato tormento, pois quando o interpelou, não fora por ele estar bebendo, mas sim, por não estar dançando... com ela.

Depois, com todo aquele conflito que eclodiu por sua causa, não se conformava em assistir televisão e vê-lo derretendo-se de paixão, amores, desejos e carinhos com outras jovens, esquecendo-se de que aquilo tudo eram apenas cenas teatrais. E que as jovens eram apenas profissionais da TV. Lembrou-se de que não namorou ninguém desde então.

Tanto sofreu pela "traição" do "seu" Alex que o tempo fez-lhe desvanecer na alma as equivocadas esperanças de que um dia ele fosse dela. Custou um ano para que a imagem dele fosse se apagando, até eclipsar-se.

Por isso, ao pensar agora em Daniel surpreendeu-se perguntando a si mesma: "que direito tem Alex de vir de tão longe no tempo e invadir minha mente, trazendo-me lembranças de um amor que não prosperou, porque desde o início foi unilateral, isto é, só meu? Que direito tem de perturbar-me agora, mesmo que involuntariamente?"

Mas seu coração teimava em perguntar: "Alex... Alex... onde estaria agora? Como estaria?..."

Quando conseguiu emergir de tais reminiscências, tinha a impressão de equilibrar-se no meio de uma corda bamba, com Alex numa ponta e Daniel na outra. Deparou-se com a absurda impressão de que das cinzas do passado duas tênues chamas, uma em cada ponta dessa imaginária corda bamba, vindo em sua direção, ameaçavam incendiar-lhe o presente.

Nessas três semanas, desde que vira Daniel, em um ou outro momento, românticos anseios até então ocultos surgiram. "Mas — pensava —, como, se ele não passa de 'um ilustre ninguém' em sua vida?"

7. OS TAMBORINS DA ESTRELA D'ALVA



Certa noite, ao deitar-se, imersa em tantas dúvidas, ocorreu-lhe então buscar respostas em providencial solução: orar! De fato, pediu a Deus que a ajudasse a clarear os sentimentos. Aí, a prece foi atendida por intermédio de um dos supervisores dos "tecelões do destino" (Espíritos elevados, os mesmos que haviam homologado o planejamento reencarnatório dela, dos seus familiares e de várias pessoas ligadas à sua existência).

Esse supervisor, como todo Espírito protetor, respeitando o livre-arbítrio individual, mas com vistas ao bem coletivo, usou de sua meritória e fraternal autoridade, delegando a Espíritos auxiliares maior aproximação. Logo, iriam acontecer várias "coincidências" na vida daquele grupo de pessoas...

De imediato, Lina, sob influências benéficas, sentiu sono.

Logo adormeceu, tendo a impressão de ouvir um delicado toque de tambor.

Sonhou, um sonho diferente: dois desconhecidos acercaram-se dela, um de cada lado. Não os identificava mas sabia-os amigos. Cada um pegou-lhe a mão e de forma suave e agradável, iniciaram um deslocamento rumo ao teto, sendo que sem poder explicar como, ela sabia, no íntimo, que o trespassaria, com facilidade! E foi o que de fato aconteceu: o forro do seu quarto e logo o telhado, pareceram de fumaça, pois passou por eles e logo deslumbrou-se com o céu estrelado. Jamais tivera semelhante visão! Continuou subindo, subindo... Sempre amparada pelos dois desconhecidos, que não largavam das suas mãos, naquele magnífico passeio aéreo. Um deles olhou-a com carinho e sem abrir a boca, apenas mentalmente, explicou:

— *Confie em Jesus! Sua visão está aumentada porque agora está momentaneamente livre do corpo físico. Logo retornará a ele...*

Lina, intuindo que podia se comunicar pelo pensamento, dessa mesma forma perguntou:

— *Mas... para onde estamos indo?*

O outro guardião espiritual envolveu-a num terno olhar e, ainda pelo pensamento, tranquilizou-a:

— *Antes da resposta, agradeça esta sublime oportunidade.*

— *Agradecer?! A quem?*

— *A Jesus!*

— *Jesus?!?*

— *Sim: é Ele que nos permite a bênção de amparar doentes da alma e do corpo.*

— *Quem são vocês?*

— *Para todos os efeitos nos tratamos por "tamborins". Sou o tamborim Joel e ele é o tamborim Rodrigues. Essa qualificação vem de uma observação sobre os tambores que deixam de tocar, quando os soldados estão despertos...⁶ Fazemos parte de uma equipe de voluntários que atende pessoas necessitadas, quase sempre até o amanhecer. Você está sendo convidada a fazer parte dessa equipe.*

— *Eu?! Mas nem entrei na Faculdade de Medicina...*

— *O atendimento que podemos prestar independe de diplomas, mas sim de boa vontade, de perseverança e principalmente do sentimento de caridade para com o próximo — disse Joel.*

— *Vocês falaram em equipe. Quem são os outros?*

— *Somos um grupo de vinte pessoas. Por vezes existem mais, às vezes menos — continuou Joel a responder.*

— *E onde estão os outros?*

— *Bem... no momento, somos oito desencarnados e doze encarnados.*

⁶ *Tambores despertando soldados*: referência ao "O Livro dos Médiuns", 2ª Parte, Cap V, nº 86, onde o autor, Allan Kardec, comenta que "Não se bate mais o tambor para despertar os soldados uma vez que já estejam de pé", numa alusão aos médiuns que ainda não "despertaram" para seus compromissos com a mediunidade.

— *Meu Deus! Vocês estão querendo me dizer que... estão... mortos?!*

— *Se você se refere ao corpo físico, sim, nem eu nem Rodrigues temos mais nosso corpo físico, que morreu. Mas como vê, estamos bem vivos, tanto quanto você. Nós, em Espírito e você em Espírito revestido do organismo físico. E Espíritos são imortais, por obra e graça de Deus!*

— *Mas como encarnados podem fazer parte do seu grupo?*

— *Da mesma forma como você está agora aqui: em Espírito, sendo que seu corpo permanece em repouso. Eu e Rodrigues somos responsáveis pela segurança dos trabalhadores encarnados. Quando eles estão dispostos — porque nem sempre estão em condições de ajudar — nós dois vamos até onde eles moram e tocamos o tambor. Se nos atendem, logo juntam-se a nós, em Espírito e aí os conduzimos até os locais onde estão os doentes.*

— *E onde ficam os doentes?*

— *Atendemos a encarnados e principalmente a desencarnados, todos necessitados. Quanto aos encarnados, esperamos que durmam para que em Espírito nos vejam e com eles possamos dialogar. Já quanto aos desencarnados, quase sempre estão em regiões de pouca luz, pouco ar, mas muita angústia, muito sofrimento... Vamos até eles e se aceitarem, prestamos um primeiro socorro, prometendo retornar para conduzi-los a locais adequados a um melhor atendimento...*

— *Como assim, "locais de atendimento"?*

— *Referimo-nos aos ambientes religiosos de caridade, como por exemplo os Centros Espíritas.*

— *Nesse caso, por que não levam logo o enfermo?*

— *Porque a hora é sempre a da madrugada e o atendimento nos Centros Espíritas é feito geralmente à noite, em reuniões médicas de assistência aos desencarnados necessitados. Feito o primeiro contato, na noite possível, o atendente encarnado, que é mé-*

dium de transporte⁷, é auxiliado por nós a realizar um desdobramento⁸ e juntos vamos até aquele local já visitado, onde o atendido já nos conhece e sem demora concorda em se deslocar, ocasião em que os socorristas o conduzem ao Centro Espírita. Ali, através da mediunidade da psicofonia⁹, um médium emprestará para ele a voz e contando seus problemas e manifestando suas dores, será atendido pela equipe encarnada dos médiuns, com esclarecimentos evangélicos e transfusão de energias renovadoras.

— E eu... Como é que poderia... fazer parte disso tudo?

No seu caso, tivemos permissão para ir buscá-la no seu leito pois de outras vezes o tambor não foi escutado por você... Por estarmos em Espírito agora, nós e você, é que pudemos atravessar paredes.

— Quando... vocês tocaram tambor perto de mim?!

— Pois já se esqueceu das duas vezes que até foi preciso erguê-la com corpo e Espírito, lá na Capela?

— Então... foram vocês que fizeram aquilo?! Até hoje custo a acreditar que aconteceu comigo...

— Participamos sim. Alaíde colaborou também, emprestando energias especiais. Aliás, se você quer mesmo saber, igualmente ela colaborou conosco quando levamos você até o hospital, no dia em

⁷ Médium de transporte: o que tem a faculdade de espiritualmente (em estado sonambúlico) deslocar-se a outro local, geralmente onde há um Espírito necessitado, ao qual leva auxílio espiritual ou ajuda-o a ser removido para a reunião mediúnica, onde o médium está exercendo tal atividade. Os médiuns de transporte podem ainda proporcionar fluidos aos Espíritos para que sejam transportados objetos, de um local a outro, independente das distâncias.

⁸ Desdobramento: Denominado sonambulismo, por Allan Kardec (Livro dos Médiuns, 2ª Parte, Cap XIV, n°s 172 a 174). É o ato do Espírito desprender-se do corpo físico e ir a outros locais, do Plano Espiritual ou do Plano Material. Quando em tarefas assistenciais, de estudos ou trabalhos orientados por Espíritos protetores, estará sempre sob proteção de guardião espiritual. O corpo físico permanece praticamente imóvel.

⁹ Psicofonia: Mediunidade em que o médium empresta sua voz ao Espírito comunicante. Quase sempre o médium não tem consciência do que diz, discorre sobre assuntos estranhos aos seus conhecimentos e guarda pouca lembrança do que falou. Não obstante, o médium estudioso, pelo subconsci-

que o Alex estava precisando de sangue e depois daquela vez quando ele sentiu sede. Lembra-se de como em todas essas vezes seu corpo ficou em ligeiro torpor, como num breve cochilo?

— Tudo aquilo foi sonho, como neste momento. Devo estar sonhando... Não consigo acreditar em tudo isso.

— E o que está acontecendo agora? Também não acredita? Pois então daqui a instantes vamos provar-lhe que tudo isso é real.

Rodrigues olhou-a com imensa ternura e disse:

— Caso aceite o convite que trazemos para você, em breve voltaremos a nos encontrar, como agora, e então teremos condições de repassar instruções.

— Vocês dizem que trazem um convite para mim... De quem?

— De Jesus!

A seguir, os "tamborins" reconduziram Lina ao seu quarto e com enorme espanto ela viu seu corpo dormindo. No mesmo instante sentiu-se "entrando" nele e despertou, ainda ouvindo a última palavra de Rodrigues.

Na memória espiritual o "sonho" estava integral, mas na física, era vaga recordação apenas. A lembrança do "passeio astral", dos dois "tamborins" e do que conversara com eles.

Lembrava-se de haver passeado na companhia de dois jovens, pelos quais sentira grande simpatia.

Sentindo-se calma, em paz e com raro bem-estar, dirigiu o pensamento a Jesus e murmurou: "Oh, meu bom Jesus, como eu agradeço ao senhor esse maravilhoso sonho. Quando eu me formar quero muito trabalhar pelos doentes".

Adormeceu novamente.

Por mais algumas manhãs acordou bem-disposta, com vagas lembranças de haver se encontrado com outras pessoas, formando uma equipe que levava ajuda a pessoas hospitalizadas. Sempre que se desligava do corpo físico era recepcionada pelos dois guardiães. No começo, em alguns desses "passeios astrais" (agora apenas du-

ente, tem condições de filtrar as palavras, de forma a não proferir impropriedades.

rante o sono) Lina só observava o que faziam os demais componentes da equipe socorrista, geralmente em hospitais, poucas vezes em residências. Em pouco tempo pediu para também ela participar da assistência prestada aos enfermos, "mesmo ainda ser médica". Os tamborins, então, ensinaram-na a orar um "Pai Nosso" pelos doentes, impondo as mãos rentes à cabeça deles. Com indescritível júbilo no coração, verificou que os doentes apresentavam melhoras! E ela não era médica!...

Numa noite, inesquecível, logo após adormecer, Joel e Rodrigues, com ar mais feliz do que de costume, prometeram-lhe uma grande surpresa: Lina iria conhecer a responsável pelos "Tamborins da Estrela d'Alva", como se denominava aquela equipe na qual ela atuava.

De fato, Joel apresentou-a à responsável:

— Lina, esta é nossa chefe, a "samaritana número dois".

Belíssima senhora, aparentando quarenta anos, abraçou Lina carinhosamente, dando-lhe boas-vindas:

— Estamos felizes, muito felizes, com sua participação.

Lina gostou dela no mesmo instante, logo percebendo que a simples presença daquela mulher energizava toda a equipe, demonstrando liderança. Como sempre, fizeram uma oração e partiram em caravana caridosa. Lina teve curiosidade de saber porquê a chefe era tratada de "samaritana número dois". Mal teve esse pensamento, Joel veio em seu auxílio, respondendo: "Nossa chefe, em respeito ao Evangelho, pediu-nos para cognominá-la de "samaritana número dois", em humilde homenagem à mulher que ela tanto admira e à qual Jesus, junto ao Poço de Samaria, pediu água, ofertando também a *água viva*. Não foi sem razão que Jesus disse àquela mulher que da água que ele ofertava (seus ensinamentos), quem a bebesse, jamais sentiria sede. Tendo ela aceitado a recomendação do Mestre, em autêntica conversão, tornou-se para sempre a "número um"¹⁰.

¹⁰ João 4.1-42

Tal pedido de nossa chefe deixa entrever que ela também terá se convertido, em alguma perdida esquina do tempo...

Dessa vez, com a presença da admirável mulher, um fato, sobre todos, impressionou Lina: ao terminar a oração desenhou-se sobre o grupo um letreiro luminoso, à feição de uma flâmula drapejante, na cor verde esmeralda, com os dizeres:

TAMBORINS DA ESTRELA D'ALVA

Essa flâmula deslocava-se à frente do grupo e enquanto o auxílio se processava, num quarto de hospital ou numa casa, fixava-se sobre o telhado, expelindo faíscas também na cor verde-esmeralda.

Certa noite Lina foi dormir pensando em Alex e em Daniel, sem definir ao certo o que sentia por um ou por ou. Sentia-se atraída por ambos mas algo lhe dizia que não era amor. Era o quê então? E por que ao pensar em Daniel logo vago temor a assaltava?

Assim que se desprende pelo sono os dois guardiães a recepcionaram. Rodrigues disse-lhe:

— O amor é belo, indispensável, mas quando a paixão é maior que ele, isso não é bom...

— Você... está se referindo a...

— Exatamente, cara amiga, estou me referindo aos seus pensamentos fixos naqueles dois.

— Não sei qual deles eu...

— Lina, Lina, nessas coisas do coração, Deus sempre ampara aos que amam de verdade.

— Mas eu nem sei se amo de verdade... a um ou outro...

— Podemos, realmente, amar muitas pessoas. Não é o seu caso quanto a Alex e Daniel. No embalo das emoções que explodem na adolescência e na juventude, quase todos nós "pensamos" que estamos diante do "amor de nossas vidas". E isso, muitas vezes...

— Como adivinhar qual o verdadeiro?

— Não se trata de adivinhação. Os planos de Deus para o nosso bem são elaborados com tanta sabedoria e amor que a união de dois seres que se amam ocorre em circunstâncias quase que inescapáveis, favorecendo seu futuro no convívio em um lar próprio e formando ambos uma família. E família é uma instituição divina.

— Então... eu...

— Sim... deixe o coração resolver. Na hora certa ele grita tão alto para a alma que faz calarem quaisquer outros sentimentos com endereço errado.

O guardião olhou Lina profundamente e encerrou:

— Com você não será diferente. Quando menos esperar, sem estar com os pés no chão, o amor baterá à porta do seu coração. E não se esqueça de agradecer ao seu Espírito protetor o quanto ele tem ajudado você.

— Você quer dizer... Meu anjo da guarda?

— Chame-o como quiser, mas pense nele como um amparador nas horas difíceis. Aliás, nós temos nos aproximado de você sempre a pedido dele, considerado sobretudo seu merecimento. Ele está permanentemente sintonizado com você, ao passo que com nós dois só de vez em quando, como agora.

Joel, com os olhos brilhando, falou para Lina:

— Quando Deus permitir, Rodrigues e eu gostaríamos de ficar mais tempo juntos com você e mais alguém.

Enigmático, Rodrigues confirmou:

— Muito mais tempo...

Quando Lina acordou só se lembrava que estivera com dois amigos e que de alguma forma eles a acalmaram, dissipando a dúvida que martelava seus sentimentos.

No domingo seguinte, quando o ônibus no qual Lina retornava de um passeio ao Jardim Botânico parou, ela avistou Alaíde, que entrou no coletivo. Sem conter a emoção, exclamou:

— Alaíde!

— Lina! — respondeu a enfermeira, surpresa também em ver a amiga, depois de quase três anos. Abraçaram-se efusivamente, à vista dos demais passageiros.

— Oh, Alaíde, quanto tempo! O que você está fazendo aqui na Capital? Para onde está indo agora? Meu Deus, que bom encontrá-la.

— Lina: como você está mais bonita! Estou feliz em vê-la. Vim fazer um estágio de enfermagem num hospital desta cidade e hospedei-me perto daquele ponto de ônibus. Estou indo agora ao hospital, pois é meu dia de fazer plantão noturno. Este ônibus pára bem em frente ao hospital.

— E na nossa cidade, como vai o pessoal do meu tempo?

— Ora, ora, até parece que faz um século que você mudou. Está tudo do mesmo jeito.

— Há quanto tempo você está nesse estágio?

— Duas semanas. O estágio completo dura três meses.

— E nem para nos procurar?

— É verdade, Lina. Nunca me esqueci, nem de você nem dos seus pais. Só que meu estágio é muito puxado. Como vê, até nos domingos tenho compromissos. Mas não retornaria à *nossa* cidade sem antes fazer uma visita a vocês. Mas, diga-me: e você, o que tem feito? Estudando muito?

— É verdade, estou aprendendo inglês. Passei no vestibular para Medicina e em breve começam as aulas.

— Louvado seja Deus! Você tem...

Alaíde interrompeu bruscamente a frase. Lina assustou-se:

— Por Deus, Alaíde, o que você ia dizer?!

— Oh, nada, nada...

— De jeito nenhum: agora você vai ter que me dizer o que é que eu tenho...

Alaíde refletiu por alguns instantes. A seguir, disse:

— Era apenas uma impressão. Não estou certa.

— Por favor, diga o que é.

— Não é assunto para ser tratado aqui. Estou indo para o hospital e num outro dia nós conversaremos.

— De jeito nenhum! Você vai me falar sobre isso hoje mesmo, senão eu não durmo. Só desistirei se você não for mais minha amiga...

A ameaça, conquanto carinhosa, funcionou:

— Está bem — falou Alaíde —, vamos conversar. Mas não aqui.

— Vou descer no ponto do hospital junto com você...

Lina notou desconforto em Alaíde. Desculpou-se no ato:

— Se vou atrapalhar indo ao hospital, fica para outro dia.

— Não é isso... é que... estarei muito ocupada no plantão de hoje.

— Está certo, não vou insistir. Quando você quiser e puder ligue para mim e vá nos visitar ou então marcamos um encontro.

Lina passou seu endereço e telefone para a amiga.

— Bem, Lina, já estamos chegando. Fiquei muito feliz com nosso encontro. Aguarde que irei visitar sua família. Prometo!

O "destino" tem mesmo suas fibras entrelaçando vidas...

Quando Alaíde já tinha descido e o ônibus começara a movimentar-se Lina viu Alex saindo de um veículo, no estacionamento de visitantes do hospital. A emoção foi grande. Agindo por puro impulso, numa dimensão infinitesimal de tempo, associou a presença dele ali à de Alaíde, tudo como algum reflexo do passado... do "bale das fadas"... dos seus desdobramentos...

— Pare — gritou para o motorista, que obedeceu. Saltando o veículo, antes mesmo dele parar completamente, Lina correu em direção a Alaíde que se distanciava. Alcançou-a, ofegante. Apontou na direção de Alex, que acabava de adentrar no hospital, sem vé-las. Exclamou:

— Olhe lá o Alex!

Mesmo de relance Alaíde viu-o. Embaraçada, murmurou:

— É. É ele.

— Você por acaso sabe o que ele está fazendo aqui?...

A expressão algo assustada de Alaíde foi a resposta.

— Você sabe — afirmou Lina, exigindo: diga-me por favor, tem algo a ver com aquilo que aconteceu? Ando sonhando com os pais dele e que estão doentes e com raiva de mim, culpando-me pela doença que têm. Nesses sonhos quis ajudá-los, mas alguém sempre me diz "que ainda não era a hora".

Aláide surpreendeu-se, mas logo refez-se:

— Calma Lina. Vamos conversar, mas com calma, está bem?

A suave reprimenda surtiu efeito.

— Desculpe-me — disse Lina, mais controlada, acrescentando: não pude conter a surpresa de ver o Alex...

— Seus sonhos estão certos. Os pais dele estão internados aqui. Quase não acreditei quando cheguei para o estágio e encontrei-os em tratamento intensivo. E se não bastasse encontrá-los, estão justamente na minha ala...

— Mas... mas... o que eles têm? Qual o problema deles?

— Ambos passam por tratamento de desintoxicação. O senhor Adriano tornou-se alcoólatra e está seriamente enfermo. Já a mãe do Alex, primeiro passou a tomar tantos remédios, sem receita médica, que também está com a saúde comprometida. Ultimamente ela também vivia embriagando-se. Imagino que há algo acima da nossa compreensão entre eles, pois estando divorciados, vieram parar aqui no mesmo lugar e ao mesmo tempo. E, mais: surpreendentemente, com o mesmo mal: cirrose hepática!

— Então... é por isso que o Alex está aqui: visitando-os.

— Sim, hoje é dia de visita e este é o horário.

— Quero vê-los!

— O quê?! Nem pensar!

— Sinto-me um pouco culpada. Preciso visitá-los. Por favor! Quem sabe se não é chegada a hora de ajudá-los?

— Você não é culpada, nem pela separação deles, nem pela doença que eles atraíram para si, por causa da bebida, da hipocondria e principalmente da intolerância recíproca. Quanto ao acontecido no baile, há três anos, aquilo jamais poderia gerar as consequências havidas, pois o Alex está curado. O Milton, que atirou no

Alex, foi julgado, pegou uma pena leve, isto é, prestação de serviços à Santa Casa, já tendo cumprido essa sentença judiciária. Aliás, se você não sabe, ele casou com a Catarina e têm uma linda filhinha. No julgamento o Milton pediu desculpas ao Alex...

— E ele o perdoou?

— Sim. Foi um momento lindo quando o advogado do Milton recebeu a carta do Alex, dando o caso por encerrado e aceitando as desculpas. O Tom... o prefeito que sucedeu ao seu pai... sugeriu e conseguiu que a justiça aplicasse uma pena de ajuda comunitária, lá na Santa Casa.

Lina dirigiu-se à entrada do hospital e Alaíde não teve como impedi-la. Pediu que a esperasse até ir às dependências dos funcionários, para colocar uniforme.

Os pais de Alex estavam internados às expensas do filho, que recomendara à administração proporcionar-lhes o melhor atendimento e conforto.

Alaíde vestiu o uniforme e conduziu Lina à visita.

Chegando à porta do apartamento, Alaíde advertiu:

— Você está preparada? Devo avisá-la que o clima entre os pais de Alex é difícil... muito difícil. Estão muito doentes, não se falam e vivem dirigindo ofensas e indiretas um ao outro.

Lina teve um momento de incerteza, pensando em desistir daquela situação. Contudo, de forma inexplicável para ela sentiu-se invadida por uma indômita vontade de ajudar o casal. Como que extraída de sua memória profunda, nos domínios do inconsciente, visitou-lhe nebulosa lembrança de um grupo de amigos, em tarefas socorristas a enfermos. Pronunciou:

— *Tamborins da Estrela d'Alva...*

— O quê? — perguntou Alaíde, desentendendo aquilo.

— Não foi nada. Nem eu sei por que disse essas palavras.

Resoluta, sem qualquer temor, seguiu Alaíde e com ela adentrou no apartamento.

Alessandra dormia.

Alex, ajoelhado junto ao leito do pai, com a cabeça mergulhada no peito dele, soluçava.

Lina aproximou-se do astro da TV. Sob um impulso piedoso, consciente do que fazia, Lina tocou o ombro de Alex, com suavidade.

Bem devagar, Alex voltou-se e viu-a.

Três anos haviam modificado bastante Lina, contemplando-a com magnetismo e encanto, próprios das pessoas determinadas, além de aformosear-lhe o perfil, traduzindo tudo pela imagem de uma bela mulher. Alex vacilou. Balbuciou:

— Você ... será que me engano? Há três anos...

— Sim, Alex, sou eu, Lina.

— O que quer de nós?!

— Gostaria de poder ajudar seus pais.

— Mas... você é médica?

Não havia ironia na pergunta. Lina não se perturbou:

— Não, não sou médica, porém, há casos em que qualquer pessoa pode ajudar aos doentes...

— Perdoe-me, não quero ofendê-la, mas meus pais estão enfermos há já algum tempo e estão sendo atendidos pelos melhores médicos. Nesta hora, longe de prestar-lhes alguma ajuda, sua presença poderá até trazer-lhes mais complicações.

Nesse instante, como que se refazendo de estado anestésico, Adriano abriu os olhos. Viu Lina. Perguntou:

— Quem é essa moça? O que faz aqui?

Logo despertando por completo da sonolência, murmurou:

— Parece... que a conheço...

— Sim, papai, nós a conhecemos...

— Sou Lina, senhor Adriano. Vim até aqui para...

— Não acredito em tanta petulância — esbravejou Adriano, emendando: depois de tudo que nos fez de mal... Vá embora!

Alaíde ia dizer alguma coisa quando Alessandra também despertou e foi logo ordenando, em tom ríspido:

— Parem com esses gritos.

Viu o filho, Alaíde e Lina. Inquiriu Alex:

— Quem é essa aí?

— Ela é... — titubeou. Não julgou prudente dizer a verdade, contudo Lina adiantou-se e respondeu:

— Sou Lina, dona Alessandra. Vim visitá-los.

— Sua pedante! Veio ver o quê? Nossa morte?

Alaíde agiu com senso, tanto profissional quanto pacificador: tomou a mão de Lina e conduziu-a para fora do apartamento. Mesmo do lado de fora, ambas ouviam os impropérios do casal, contra Lina.

Alex também saiu e vendo-as, desculpou-se:

— Perdoem meus pais, pois não estão bem.

Duas silenciosas lágrimas de Lina testemunharam ao astro de TV que a Lina estava sensibilizada e o que a trouxera ali fora de fato o desejo sincero de ajudar aos pais dele. Num gesto que a alma comandou, Alex tomou-lhe as mãos e beijou-as, com inexcusável ternura e reconhecimento, cuja sinceridade proibiu a quem quer que visse aquilo outra interpretação ou que fosse simples repetição de alguma encenação do famoso galã.

A gratidão de Alex, reconhecendo a bondade de Lina, agiu sobre a alma dela qual sol que de repente despontasse no horizonte, em alvorada festiva. De fato, naquele preciso instante, de magia e ternura, certeza inabalável visitou o coração da jovem, clareando por completo as brumas nas quais escondia-se seu verdadeiro sentimento por Alex. Sim! Ele era-lhe caro à lembrança, mas apenas como um belo sonho, no qual ela, então uma jovem debutante, diante do formoso paraninfo, se portara qual flor que ao desabrochar pretendesse capturar o Sol.

— Perdoe-me você, Alex — disse Lina, acrescentando: desta vez só quero ajudar...

Os três sorriram, desanuviando eventual constrangimento.

— Sei, sei — confirmou Alex, logo explicando: meus pais estão de um jeito que ninguém consegue sequer trocar uma palavra com

eles, sem surgir discussão. Estão mais doentes da alma do que do próprio corpo...

— É isso mesmo — atalhou Alaíde, completando: são nervosos, impacientes. Poderiam até se curar, caso...

A enfermeira julgou prudente não prosseguir. Mas Alex incitou-a a completar o pensamento, afinal ela acenara com alguma forma de cura.

— Diga! — pediu Alex, reforçando: diga o que eles podem ou devem fazer?

— Em primeiro lugar, reconciliarem-se. A seguir, orar a Deus, com resignação pelos infortúnios, pedindo força para vencê-los, pois se a carne é fraca e se rende aos vícios, o Espírito é forte e a vontade refreia as más tendências ao mesmo tempo que induz ao equilíbrio.

— Considero que isso é tão pouco e ao mesmo tempo tanto... contudo, não vejo como eles poderiam fazer essas duas coisas — disse Alex, algo desanimado.

— Deixe-me ajudá-los! — exclamou Lina, de repente.

— Mas como você faria isso? — perguntou-lhe Alaíde.

Lina decidiu, resoluta:

— Deem-me quinze minutos a sós com eles.

— Quando? — perguntou Alex.

— Agora mesmo! Tenho fé em Deus que dará tudo certo!

Alex e Alaíde entreolharam-se, surpresos. Alex cedeu:

— Está bem. Ficarei aqui do lado de fora com Alaíde. Se precisar ou acontecer algo imprevisto, chame-nos. Aliás, outras pessoas virão visitar papai e mamãe...

Sem demora Lina abriu a porta, adentrou e fechou-a novamente. Ela própria não saberia dizer o que faria. Pensou nos amigos com os quais sonhava (os "tamborins da estrela d'alva"). Pensou em Jesus.

Em voz alta, mas pensando no casal fazendo as pazes, reconquistando a saúde, festejando, orou, em menos de um segundo, talvez *a prece mais rápida do mundo*.

— "Deus!"

O casal, ainda vociferando e blasfemando, poderia esperar tudo menos que naquele momento Lina retornasse. A presença dela, instantes após ter sido praticamente escorraçada por eles, causou-lhes forte impacto emocional, mais pela calma que a jovem demonstrava do que por ela, em si.

Ao ouvirem a palavra "Deus" Adriano e Alessandra emudeceram os impropérios.

Nem um, nem outro, conseguiu articular palavra.

Foi Lina quem comandou: tomou uma cadeira, colocou-a no meio das duas camas, sentou-se nela de costas para a parede e disse:

— Deem-me as mãos!

A ordem fora incisiva. Sem reação pronta, o casal não se mexeu. Porém o olhar firme de Lina, ora em um, ora no outro, indicava que "a ordem" estava vigorando e tinha que ser cumprida por eles. Juntando ação à palavra, Lina abriu os braços, estendendo as mãos convidativamente, para que Adriano e Alessandra dessem-lhe mesmo as mãos. E foi o que fizeram, pois naquele momento a jovem irradiava forte magnetismo.

Segurando-lhe as mãos, Lina fechou os olhos.

Imbuída do sentimento de caridade seu corpo se apresentava, naquele momento, qual turbina geradora de bons fluidos que foram transferidos para os dois enfermos. Boquiabertos, ouviram a jovem pronunciar uma sentida prece: "Amigo Jesus, médico das nossas almas, Sublime Pastor, recebe-nos em seu rebanho, nós que por vezes nos comportamos quais ovelhas desgarradas. Sei que o senhor conhece nossos limites e é por isso que estamos em preces rogando forças celestiais, vindas do seu amor, para nos ensinar a superá-los. Abençoa-nos, Divino Amigo!"

À medida de Lina orava, marido e mulher começaram a perceber que de forma muito agradável uma corrente elétrica percorria-lhes todo o ser. Há anos não sentiam tal sensação, de bem-estar e até de felicidade. Também eles fecharam os olhos.

Não existe na face da Terra — e talvez no Universo todo — força espiritual superior à que promana do Amor. No dizer poético de arrependidos sinceros, "as migalhas do banquete celestial" quando ofertadas por Deus (e sempre o são, não em migalhas mas às mancheias) aos famintos de Amor, assemelham-se ao riacho de águas cristalinas encontrado pelo sedento peregrino, após longa jornada de desacertos pelos desertos da Vida.

Abalados, mas de forma positiva, pela súbita energização espiritual recebida, Alessandra e Adriano, bem como a própria Lina, nada viam, mas o quarto se encheu de luz astral. Três Espíritos protetores ali compareceram, em deferimento instantâneo à prece que, afinal, os três acabavam de fazer, a jovem em voz alta e o casal, acompanhando-a pelo pensamento.

Os três amigos do Plano Maior eram a "samaritana número dois" e os dois guardiões pelos quais Lina, espiritualmente, sentia carinho cada vez maior — Joel e Rodrigues.

Do lado de fora, Alaíde também mantinha o pensamento sintonizado em Jesus.

Lina soltou as mãos dos pais de Alex.

— Santo Deus! — murmurou Alessandra, ao abrir os olhos e ver Lina elevando-se no ar, lentamente, com cadeira e tudo.

Ao que sabia, pelo aprendizado no catecismo, só os santos conseguiam "pairar sobre o mundo". Vieram-lhe à lembrança as lições do padre Matoso, citando tais êxtases aéreos com que foram agraciados São Pedro Alcântara, São Francisco Xavier, São José do Cupertino, e outros santos.

— Por Cristo! — bradou agora Adriano, estupefato.

Nada disso perturbou a ascensão da jovem que de olhos fechados sinalizava serenidade, elevando-se a quase um metro, onde estabilizou.

Em reação instintiva, Alessandra e Adriano puseram a mão nos pés da cadeira e puxaram para baixo, a princípio com cuidado e logo a seguir com toda a força de que dispunham. Imaginavam ambos que estavam salvando a jovem de enorme perigo...

Sequer conseguiram fazê-la baixar um milímetro!

Aláide e Alex, ouvindo algo diferente no interior do quarto abriram a porta a tempo de também eles verem Lina suspensa no ar, a meia altura.

Aí, da mesma forma suave como subira, Lina desceu.

Quando a cadeira tocou o chão abriu os olhos.

Agora foi ela quem se assustou ao ver diante de si quatro pessoas de boca aberta, com os olhos esbugalhados. Inquiriu:

— Gente: o que foi?

Ninguém lhe respondeu.

Com delicadeza pegou as mãos dos pais de Alex e insistiu:

— Ninguém vai me dizer o que está acontecendo aqui?

Aláide disse-lhe uma palavra "em código":

— Você teve outra manifestação "daquelas"...

— Oh!, eu pensei que nunca mais isso iria acontecer.

— Nem sempre nós controlamos essas coisas... Quem decide são os amigos "lá de cima". Tocam os tambores para despertar aqueles que ainda dormem...

— Eu... só queria...

Dizendo isso Lina uniu as mãos de Adriano e Alessandra num gesto que só os pacificadores são capazes de impulsionar, pela força inaudita de paz que lhes move e que deles irradia.

Há anos que o casal não se tocava.

O momento psicológico foi palco ideal, de tempo certo, para retornar a ligação de sentimentos entre ambos. Vinham, há tantos anos, muitos e muitos (antes mesmo daquele problema do filho), de mágoas e ofensas recíprocas, a ponto de adoecerem e perder o sentido da vida.

A "samaritana número dois" e os guardiães, também de mãos interligadas formavam uma corrente pela qual transitavam energias restauradores que, em transfusão de amor, fluíam deles para o casal, via Lina, isto é, num *passé misto* (energias espirituais mais o magnetismo da médium).

Adriano, algo trôpego, ergueu-se da cama, foi até à de Alessandra, debruçou-se sobre a esposa, abraçou-a. Trêmulos ambos.

— Perdoe-me, perdoe-me... — murmurou, ternamente.

As lágrimas sufocavam-no.

Alessandra envolveu-se no abraço, aninhou a cabeça do marido no peito e com voz que mal a obedecia proclamou:

— Perdoar de quê, meu Deus? De quê?

Chorando como não fazia há perda memória, beijou com suavidade aquela boca que no passado distante tantas e tantas emoções proporcionara-lhe...

É mesmo impressionante como há sabedoria inalcançável na marcha incessante do Tempo: emerge ali, para quem tivesse vontade de aprender e algo filosofar, como é que infância, juventude e maturidade se interpenetram, desde que vivenciadas sempre com amor, tendo início com orientação moral sadia e no depois, equilíbrio e comunhão de ideais.

Lábios, por exemplo, são maravilhas da engenharia divina: do nascimento à morte, constituem porta abençoada de entrada aos alimentos, tanto quanto entrada e saída do ar, além de fazerem parte do mecanismo universal para a bênção da palavra.

E mais:

- na infância, são ferramenta para descobrir os "porquês" do mundo, na forma de perguntas;

- na juventude, para fazer amizades e trocar experiências infindas com aqueles que têm algo a ensinar, ou a aprender, em todos os setores da atividade humana;

- no namoro e no noivado, com o coração na carruagem do amor, puxada esta por doces sentimentos, são os lábios os cocheiros que a conduzem, com os apaixonados aos devaneios e em declarações arrebatadas, quais o "eu te amo", sendo os beijos o selo testemunhal;

- no casamento, com o célebre "sim" abrem-se as cortinas do Tempo, rumo ao futuro, podendo ou não chegar a paternidade/maternidade, sendo desejável que a convivência seja a soma de

vários decênios nos quais existam mais "sins" do que "nãos"... e beijos sempre;

- nos beijos: criam momentos que podem percorrer todos os degraus da escada dos sentimentos, indo da amizade à paixão e da fraternidade ao amor em todas as suas nuances, sublimando na mais elevada das suas expressões, que é o amor universal;

- na maturidade, quando o verbo deve exalar experiência e a vida companheirismo, adequando a intensidade da paixão que outrora foi ardente, são os lábios que, por palavras amigas e carícias suaves proclamam a plenitude da existência a dois que erraram, perdoaram-se, sofreram, alegraram-se, mas sobretudo cresceram e amaram-se.

— Vovô!

Entrando pelo quarto que estava com a porta entreaberta, um garotinho de mais ou menos dois anos correu para Adriano, tomou-lhe a mão e beijou-a, fazendo força para subir na cama.

— Sidney, o vovô não pode te pegar... Ele está doente... — repreendeu-o levemente uma bela jovem que logo também adentrou no quarto: era a mãe do guri.

Sidney olhou para a mãe e fez cara de desapontamento, mas não largou a mão do avô. Alessandra interpelou-o:

— Você não vai beijar a "vó" também?

— Vou... — dizendo isso o guri foi até ela e deu-lhe um amoroso duplo beijo, na mão e na face.

A mãe de Sidney beijou Alex no rosto e cumprimentou o casal:

— Então, senhora Alessandra e senhor Adriano, estão melhores? Tinha combinado com o Alex nos encontrarmos aqui pois ele estava gravando e viria direto para cá. Desculpem o atraso, mas foi difícil conseguir um táxi.

A esposa de Alex dirigiu-se a Alaíde:

— Como vai? Sou-lhe grata pelos cuidados com meus sogros.

— Essa é Clarissa — adiantou-se Alex, apresentando a esposa a Lina, aduzindo: Clarissa, esta é Lina...

Dispensável a apresentação: Lina já deduzira que "as visitas" a que há pouco Alex se referira eram a esposa e o filho.

— Muito prazer — disseram ambas em uníssono.

Clarissa, algo ressabiada, buscava na memória onde já ouvira referências sobre aquele nome... Lina... Lina...

Alessandra, captando a ligeira dúvida da nora, esclareceu:

— Lina é amiga nossa de alguns anos, trazida por Deus até nós, por caminhos estranhos, de difícil começo, mas agora, de bênçãos!

Mesmo desentendendo Clarissa nada disse.

Adriano, empolgado com os instantes há pouco vividos, foi explícito:

— Esta menina é uma "fada" que quando conhecemos pensamos que era uma diabinha...

Como os pais falassem por metáforas, Alex esclareceu de vez:

— Lina é a debutante de quem já falamos e em cujo baile eu me acidentei. Depois, o pai dela me salvou. Um pouquinho antes de vocês chegarem ela realizou um milagre aqui...

Na tentativa de explicitar as metáforas paternas, Alex, na verdade, lançou outra, mais intrigante. Alessandra entrevistou:

— Mostrou para mim que Adriano sempre foi o grande amor da minha vida. Nós...

Outra metáfora, posto que as lágrimas impediram-na de prosseguir. Clarissa estava completamente confusa. Adriano:

— Vou explicar tudo: eu e Alessandra, após tantos e tantos anos, meu Deus, nem sequer nos tocávamos! Graças à Lina, nunca mais nos magoaremos... Já perdemos muito tempo e agora é tempo de esquecermos as mágoas e viver em paz!

Dirigiu terno olhar à esposa e declarou:

— Amo você Alessandra! Sempre a amei! Sempre a amarei!

Bem, de qualquer forma, para Clarissa detalhes ficaram dispensados. Ela e Alex mal podiam crer no que viam e ouviam. Em gesto espontâneo, sob a bandeira da amizade, ambos envolveram Lina num carinhoso abraço, em gratidão pelo retorno da paz ao casal de idosos. Lina espantava-se, intimamente, com a calma que experi-

mentava em saber que Alex era casado e pai. Isso destravou algo em sua alma, que há tempos vinha emperrando os sentimentos. Foi humilde:

— Nada fiz, nada fiz... O amor sim... O Amor de Deus e o amor que eles sentem, um pelo outro...

A frase, referente aos pais de Alex, também tinha relação ao amor que notou nos olhos de Clarissa, quando ela entrou e olhou para Alex, cujos olhos brilharam ao vê-la chegar.

— Ela... voou... — balbuciou Alessandra.

Alex beijou suavemente a fronte da mãe e sugeriu:

— Vamos deixar vocês repousarem.

— Alex: ela voou! — repetiu Alessandra, algo exaltada.

— É verdade! — confirmou Adriano.

— Muito bem — anuiu Alex, dizendo: amanhã voltaremos.

Alex beijou os pais e retirou-se com Sidney no colo, sendo seguido por Clarissa. Alguns instantes após, Lina e Alaíde despediram-se dos enfermos e saíram.

Do lado de fora do quarto, a sós com Lina, Alaíde desculpou-se:

— Não queria que você se encontrasse com o Alex antes de contar-lhe que ele se casou... Não tive tempo.

— Quer saber? — inquiriu Lina, brincando: foi melhor assim. Dentro de mim, de algum lugar escondido na minha alma, uma janela se abriu para a vida, deixando entrar a luz do Sol. Nem sei explicar, mas a verdade é que meu coração ficou aliviado ante a lembrança do Alex, que sabe Deus por qual razão ali estava prisioneira.

— Coisas do primeiro amor... Coisas do primeiro amor... — murmurou Alaíde, em devaneio que a levou ao passado, de lá trazendo-lhe apagadas lembranças, mas vivas ainda...

8. MODIFICANDO CÓDIGOS



Elenise e Felício não se falavam nem após a mudança para a Capital. Ele foi operado da úlcera, ficou curado e arranhou um emprego como assessor de um político do seu antigo partido. Ela foi submetida aos mais especializados exames, não sendo encontrada a causa da dor de ouvidos crônica.

Isso de não se falarem magoava Lina.

Quando o telefone tocou e Elenise atendeu quem ligou desligou, sem nada dizer. Horas mais tarde, voltando a atender ao telefone, Felício passou pelo mesmo desconforto, pois ao identificar-se, a pessoa do outro lado da linha desligou, muda também. Outras vezes isso aconteceu, sem que nem um dos dois comentasse nada a respeito.

E num lar, quando o diálogo rareia, as coisas não vão bem.

Quando são os filhos que nada dizem em casa é obrigação dos pais identificarem o porquê e os ajudarem, com tato e amizade. Via de regra, aquele filho que faz do silêncio o seu companheiro, tem muito a falar. O que o impede é falta de confiança naqueles que o cercam, com ou sem motivo para isso. Quase sempre, porém, há um componente espiritual negativo amordaçando aquele que pouco fala e insuflando impaciência e suspeita nos que gostariam de ouvir, irritando-os. Mais do que nunca é hora da prece, partindo do coração daqueles que já têm mais vivência, ou melhor, mais fé em Deus.

Ali era o inverso: Lina, em preces fervorosas, vinha pedindo aos Espíritos protetores que com a bênção de Deus fizessem com que seus pais se harmonizassem. Não sendo prontamente atendida, nem por isso deixou de continuar orando, ao contrário: passou a mentalizar com maior frequência uma imaginária visita de Jesus ao

seu lar, envolvendo seus pais num ato de perdão recíproco e definitivo. Esse quadro mental fazia-lhe enorme bem. Cada vez que assim procedia estava orando, com isso atraindo benéficas influências espirituais para o convívio familiar. Por vezes, no mesmo clima de mentalização, gerava quadros do pai e da mãe num alegre diálogo, trocando carinhos e beijos afetuosos.

Estando os três à mesa, no jantar, o telefone tocou...

Elenise fez menção de atender, mas retraiu-se.

Felício teve impulso de levantar-se, contudo nada fez.

Captando a manifesta desconfiança dos pais Lina inquiriu-os:

— Ué, vocês não atendem, por quê?

— Eu não — resmungou a mãe, ironizando: quem está ligando não quer falar comigo... Está com jeito de ser alguma sirigaita... E isso é culpa de quem dá trela para essas mocinhas melosas que estão sempre oferecendo planos econômicos ou então pedindo dinheiro, sabe Deus para quê...

Sentindo a alfinetada, pois Elenise falou olhando para ele, Felício defendeu-se, devolvendo velada acusação:

— Engraçado: hoje alguém telefonou umas duas ou três vezes e quando atendi ele desligou... Também estou imaginando quem seja... Deve ser homem... Querendo falar com alguém... Se não é comigo e se não for com você, Lina...

Elenise ficou irritadíssima pois o marido, em contra-ofensiva, falou olhando-a. Suspeitas... Suspeitas...

Sem alimentar a cena de ciúme explícito dos pais Lina atendeu, antes que o telefonema não se completasse, pois já estava no limite dos chamados:

— Alô, Lina falando...

— Oi, Lina, sou eu... Não se lembra de mim?

De onde conhecia aquela voz? Buscando ajuda urgente na memória Lina não a encontrou. Rendeu-se:

— Não estou reconhecendo. Perdoe-me.

— Ora, Lina, faça uma forcinha. Vou ajudá-la: devo meio sorvete para você.

Na mesma hora Lina reconheceu a voz: de Daniel.

— Oi, Daniel, como vai?

— Só respondo pessoalmente. Quero tanto ver você!

— Quando as aulas começarem nos veremos na Faculdade.

— Não é isso, Lina. Não consigo tirar sua imagem da minha lembrança. Por favor, vamos nos encontrar, nem que seja por poucos minutos. Onde você quiser...

— Tenho estado muito ocupada...

— O dia todo? A semana inteira?

Enquanto dialogava com Daniel Lina sentiu que em um "outro cantinho escondido de sua alma" um indefinido calor se libertava e começava a invadir-lhe as veias... Sem identificar direito aquela estranha sensação, sentida agora pela primeira vez, a jovem condescendeu:

— Está bem, está bem: sábado próximo, às vinte horas, venha até aqui e daremos um breve passeio na praça daqui pertinho.

— Que bom, Lina, que você me atendeu. Só que... será que seus pais vão me aceitar?

— Meus pais?! Ora, Daniel, eles não irão no passeio...

— Não brinque comigo, Lina. Seu pai, pelo que me lembro, não gosta de mim. Nem sua mãe.

— Está bem, vamos nos encontrar lá na praça. Fica a dois quarteirões daqui de casa, em direção ao centro da cidade.

— Um beijo...

— Outro.

Ao desligar Lina captou que seus pais ficaram tensos.

— Era o Daniel — tentou acalmá-los, logo acrescentando: aquele que trabalhava lá no clube. Agora está estudando na Faculdade, onde nos encontramos há algumas semanas.

— Mas, filha — interrompeu-a Elenise, "decretando": ela não passa de um serviçal.

Felício, dessa vez, foi solidário à esposa:

— Isso mesmo, é um pobre coitado, que não tem nem onde cair morto. Ao que me lembro, é meio bobo e atrevido.

— Não falem assim — retrucou Lina, contestando: ser pobre não é defeito. Aliás, se querem saber, o Daniel mudou muito... Está tão bonito, tão forte, bem-educado...

Não houve como prosseguir a conversa. Os pais se retiraram do jantar, antes mesmo de completá-lo.

E se o mutismo era quase sempre hóspede naquele lar, não convidado mas aceito, a partir do telefonema de Daniel "mudou-se" de vez para lá, eis que ninguém mais daquela pequena família conseguia dizer nada, uns para os outros.

Até chegar a hora do encontro Lina tinha a sensação de uma crescente ansiedade invadindo-lhe a alma, sem, contudo, identificar exatamente que sentimento era aquele.

No sábado, à hora marcada, foi à praça. Daniel lá estava.

Cumprimentaram-se e Lina propôs que se sentassem num dos bancos do jardim. Algo coquete, provocou-o:

— Então, o que é de tão importante que você tem para me dizer?

Tomando a mão de Lina, Daniel liberou os sentimentos que há tanto tempo trazia aprisionados no coração:

— E precisa falar? Não vê que eu gosto de você? Que sempre gostei?

Agora Lina sentiu um forte arrepio percorrer-lhe da cabeça aos pés. Não sabia o que dizer, diante da confissão de amor tão direta, quanto inesperada. Ao fazer a pergunta, imaginara que ouviria apenas respostas vagas, gentis, nunca aquelas palavras confessionais que, mais súbito ainda, foram acompanhadas de uma ardente tentativa de beijo.

Beijos entre namorados sabem a mel.

Não foi o que sentiu Lina, que não correspondeu, embora tenha sido beijada. Tomada de surpresa, não houve como impedir o gesto impulsivo de Daniel, mas em um milésimo de segundo foi senhora da situação, rechaçando com energia o sensualismo de que era alvo, pois com firmeza, desvencilhou-se do contato físico.

Os olhos de Daniel, excessivamente brilhantes, diziam que seu íntimo estava em exaltadas emoções. Anormais emoções... Lina não conseguia identificar o porquê do instantâneo mal-estar que nela substituiu o também desconhecido calor que vinha sentindo desde que passou a pensar naquele encontro.

— Vou para casa — disse bruscamente.

— Você... ficou com raiva de mim?

— Por que ficaria?

— Você não gosta de mim?

— Essa é uma pergunta que agora não vou responder.

— Por favor: apenas uma palavra, para me acalmar...

— Fique com Deus!

Em Daniel o impacto foi fortíssimo. Tamanha carga de sinceridade tinham as palavras de Lina que no entrelaço com as sensualizadas vibrações que o dominavam, ele desgovernou-se:

— Quero ficar é com você! E quando digo ficar, não é como se diz por aí: quero-a para mim e para sempre!

— Tenho que ir!

Vendo Lina levantar-se Daniel tentou abraçá-la forçando-a a permanecer ao seu lado. Exagerou na força empregada, magoando Lina que o olhou com grande energia, sem nada dizer. Pela mente dela, num rasgo de memória, perpassou a imagem dos dois "tambo-rins", seus amigos. Foi o suficiente. Daniel teve a sensação de ter sentido um choque elétrico. Teve que soltá-la. Quase em desespero implorou:

— Perdoe-me Lina, amo-a tanto!

— Fique com Deus, Daniel.

Lina foi para casa, deixando-o solitário no banco de jardim, que se pudesse falar, talvez recriminasse o jovem tempestuoso que não respeitara a "história" daquele mesmo local, onde tantas e tantas juras de amor foram trocadas. E sempre em clima de almas apaixonadas, às vezes à luz do Sol, outras, sob o testemunho cintilante das estrelas.

Antes mesmo de chegar à sua casa Lina decidiu retornar, pois a consciência lhe recomendava não deixar aquele encontro selado com desavenças. Ouviu a consciência! Retornou...

Essa atitude, por si só manteve ao seu lado os dois Espíritos amigos, que há pouco haviam "desarmado" Daniel do seu intempestivo descontrole da libido. Lina não os via mas no íntimo sentia-se protegida.

Sem qualquer receio, Lina retornou à praça, pensando: "Não está direito deixar o Daniel assim, sem mais nem menos; vou dizer a ele que somos de personalidades diferentes e que uma união entre nós jamais daria certo. Se ele compreender, será bom. Se não, pelo menos eu não trarei na consciência o peso de havê-lo desprezado, como a minha retirada de há pouco pode ter dado a impressão".

Chegando à praça foi até o banco do jardim e não viu Daniel, de pronto. Examinou bem o logradouro e já se dispunha a voltar para casa quando, sem motivo, deu a volta no quarteirão e num canto mais escuro, em meio a uns arbustos de azaleia, por um segundo viu o brilho de cigarro aceso... Nisso, como que impulsionada por desconhecida força, aproximou-se para mais de perto verificar quem estava ali. Um odor característico agrediu seu olfato: maconha! No mesmo instante intuiu quem fumava e célere fez meia volta, afastando-se dali.

— Lina! Lina! — ouviu Daniel chamando-a.

Era ele mesmo que estava fumando, escondido pelo arbusto. Algo desconcertado, deixou o improvisado esconderijo, apagou o cigarro e alcançou-a, em regozijo:

— Que bom que você voltou! É sinal que me ama!

Mesmo atordoada ante a descoberta de que Daniel era toxicômano Lina não se deixou envolver:

— Não, Daniel, não: você está enganado. Voltei para dizer-lhe que não me procure mais, pois sinto que somos pessoas de diferentes destinos...

— Você quer dizer que somos de diferentes classes sociais, não é mesmo? Pode dizer, pode humilhar-me! Não será a primeira vez que sou ofendido, por amá-la tanto. Seu pai, no dia seguinte daquele problema no seu baile de debutante, já me "varreu para debaixo do tapete".

— Não sabia disso, mas sou-lhe grata. Uma coisa não tem nada a ver com outra. Éramos muito jovens e vejo que você não percebeu que por vezes as coisas mudam: guardou no subconsciente uma frustração a meu respeito e agora considera que pode resgatá-la. Considere que papai, naquele momento, estava muito nervoso pelos acontecimentos lá no clube.

Fez pausa que Daniel respeitou, calado. Acrescentou:

— Saiba que guardar frustrações não aconteceu só com você. Eu também guardei mágoa na alma, por causa daquele baile... Só que compreendi que quando sonhamos na adolescência, precisamos acordar na juventude. O mesmo acontece na fase infantil: a criança tem ideais que na infância se materializam ou não, sendo que estes últimos não podem ir para a adolescência. De qualquer forma, numa e noutra fase da vida, o futuro traz o amadurecimento da personalidade.

Referindo-se a eles próprios, arrematou:

— Quando nossa alma entra na posse completa do raciocínio e do livre-arbítrio é que os objetivos se definem, mente e coração emparelhados, em simbiose de emoções, sentimentos e razão. Eu, por exemplo, voltei para hipotecar-lhe amizade...

— A mágoa que você guardou... foi por causa daquele ator?

— E por quem mais poderia ter sido? Só que me encontrei com ele não faz muito tempo e fiquei feliz ao conhecer a esposa e o filhinho...

— Dê-me uma chance...

— Mais que isso: dou minha amizade!

— Não quero amizade, Lina: será que você não compreende que eu quero é somar nossas vidas? Preciso ser mais claro?

— Você é jovem, saudável e o futuro o aguarda. Querendo ou não, vou ser sua amiga, desde já: deixe a maconha!

— Oh, então é isso... Você já experimentou, hein? Parece que sim...

— Não experimentei e nunca o farei! Mas, infelizmente, tive colegas na escola que eram viciadas e muitas vezes me ofereceram. Surpreendi-as se drogando, algumas vezes. É por isso que identifiquei o cheiro, ainda há pouco, quando você estava ali.

— Vai me denunciar?

— Você não me conhece mesmo, Daniel! Da mesma forma como apenas aconselhei aquelas amigas estou agora aconselhando-o.

— Não quero seus conselhos. Você é mulher, eu sou homem. O que podemos esperar, um do outro?

— Antes de sermos mulher e homem, somos espíritos imortais.

— Por favor, não prossiga com esses sermões...

— Está bem: quero o seu bem, a sua felicidade e vou orar por você, para encontrar-se a si mesmo. Jesus está de braços abertos para toda a Humanidade. Se não quer minha ajuda, não dispense a d'Ele! Adeus, Daniel.

Sempre amparada pelos dois amigos invisíveis, que não a haviam deixado um só segundo, Lina retornou ao lar, agora com a consciência em paz.

Quanto a Daniel, cujos pensamentos há tanto tempo estavam fixados nela, surpreendeu-se, ele próprio, ao sentir-se de repente como que liberto de pesadas algemas sentimentais. Pensava: "Se ela não me quer, isso pouco importa, pois tenho amigos sinceros que compartilham comigo dos êxtases da droga". Saiu dali e foi procurar esses tais amigos, enfasiado com o que ouvira daquela, agora, "riquinha pedante". Com ele, invisíveis também, assim como os "tamborins" que acompanhavam Lina, ia uma chusma de espíritos desencarnados, toxicômanos, todos.

Daniel e seus "amigos sinceros" (encarnados), quando se drogavam, faziam-no mais para esses infelizes seres do Plano Espiritual.

Esclarece o Espiritismo que os encarnados, ao darem vazão aos vícios transformam-se em hospedeiros de espíritos desencarnados, transferindo-lhes a maior parte das sensações da toxicomania, por sintonia e simbiose. Estes, são parasitas daqueles, transformados por equivocada opção em filtros-escravos.

A essa triste comunhão consagrados autores espirituais denominam de *vampirismo*.

Depois desse encontro Lina não mais viu Daniel. Não obstante, sempre o incluiu em suas orações. Aliás, por falar em orações, após ter lido as obras básicas do Espiritismo, Lina, que já alcançara a maioridade, além dos encontros dominicais de estudos na Mocidade Espírita, passou a frequentar reunião mediúnica, aos sábados, no mesmo Centro Espírita próximo à sua residência.

No Centro Espírita exercitava com dedicação e boa vontade a preciosa mediunidade de desdobramento, possibilitando atendimento a desencarnados em difíceis condições de acesso, aos quais conduzia à reunião mediúnica, onde eram atendidos.

Seus pais, que continuavam a pouco se falar, viam com desinteresse as atividades espíritas da filha, não obstante ela convidá-los a pelo menos conhecer a Doutrina dos Espíritos, o que invariavelmente recusavam.

E assim, o primeiro ano escolar de Lina na Faculdade de Medicina chegou ao fim.

Em uma semana seria comemorado o Natal.

Agradável surpresa estava reservada para a família de Lina: receberam a visita de Alex, com a esposa, o filho e os pais.

Lina não estava em casa quando chegaram.

Recebidos com manifesta frieza, o mal-estar beirava ao insuportável quando Adriano tomou corajosa atitude:

— Como o mais velho aqui desejo expressar que viemos em paz, para fazer-lhes dois convites: um, para que vocês venham passar o Natal em nossa casa...

Alessandra ratificou:

— Gostaríamos sinceramente da companhia de vocês!

Felício e Elenise entreolharam-se, desacreditando do que ouviram. Alex complementou o convite dos pais:

— O segundo convite é para que vocês sejam padrinhos do meu filho.

Antes que o casal saísse do estupor, Alex, olhando para Felício, brincou:

— Afinal, ele é quase neto de vocês, pois nas minhas veias corre um pouco do generoso sangue do senhor.

Unindo palavra a gesto Alex tomou a mão de Felício e beijou-a. Todos ficaram emocionados.

Adriano veio até Felício e abraçou-o, ambos soluçantes.

Alessandra, quebrando todos os códigos que o orgulho há tanto tempo lhe dera foi até Elenise e com os olhos molhados nem precisou dizer nada. O forte abraço que deu e que foi correspondido transfundiu as duas mulheres em amigas para sempre.

Com Adriano e Felício abraçados, sem se largar e com as duas mulheres solidamente entrelaçadas pelo calor da paz, as duas duplas se aproximaram. Numa atitude que vinha da parte mais profunda da alma, Adriano, embevecido, deixou Felício, tocou sua mulher, que então interrompeu o abraço em Elenise, olhou-o com ternura e se beijou-a, sendo correspondido.

Contagiados pela magia do amor, ali tão expressiva, Alex, mesmo com Sidney no colo abraçou a esposa e beijou-a também, demoradamente.

Felício e Elenise, tontos de emoção, mergulhados ambos em clima de sentimentos puros, acabaram ficando frente a frente, muito próximos... Há anos isso não acontecia... Vinham, ambos, de carências profundas...

Falando-se da profundidade de almas, na verdade amavam-se, mas o orgulho, a intolerância e o amor-próprio haviam-lhes inculcado multiplicados melindres. E melindres são o fruto amargo da invigilância, essa infeliz companhia dos peregrinos que caminham descalços na pedregosa estrada das provações terrenas. Só a árvore da humildade substitui tais frutos pela paz!

E ali, naquele momento, essa benfazeja árvore a todos acolhia. Felício e Elenise, algo tateantes de início, logo se abraçaram. Aura com aura, explodiu o fogo sagrado do amor que um gostoso beijo não se acanhou de proclamar.

Nisso, Lina entrou.

O que viu foi todo mundo beijando todo mundo!

"Decididamente", pensou: "devo estar sonhando".

— Han... han... han... — tossiu levemente, de propósito.

Alex cumprimentou-a, gentil. Clarissa também.

Os olhos de Adriano e Alessandra "quase pegaram fogo" de tanto brilho ao verem-na. Correram para ela e abraçaram-na.

Só aí Felício e Elenise "retornaram" do sensacional beijo. Algo encabulados, de pronto justificaram-se, a uma só voz:

— Fazia tanto tempo...

Todos riram.

Alex então contou para Felício e Elenise que Lina, há cerca de um ano, fora a "salvadora" de seus pais, que agora estavam com a saúde reequilibrada, conquanto em tratamento médico permanente.

Acertados os detalhes para o Natal na casa dos pais de Alex, retiraram-se, levando na alma o bem-estar da reconciliação, o mesmo bem-estar que deixaram com os pais de Lina.

Desde a reconciliação com o marido e com a família de Alex, Elenise nunca mais sonhou com fogo e a dor de ouvido desapareceu. Jamais saberia que naquela mesma noite, num Centro Espírita distante de onde ela morava, um Espírito vingativo, ainda encarnado, ao dormir foi fraternalmente recepcionado. Após diálogo fraternal com um médium doutrinador acalmaria o ímpeto de vingança, com o que também ele se livraria de uma pertinaz afta que há tempos fazia ele viver reclamando: "fogo, fogo, fogo... parece que tenho fogo na boca"...

Transbordante de felicidade Lina telefonou para Alaíde no dia seguinte, para contar tudo. Afinal de contas a enfermeira participara dos fatos, desde o início...

Na Santa Casa da cidade onde Alaíde trabalhava informaram a Lina que ela havia sido convidada a trabalhar num hospital da Capital e aceitara, tendo se mudado naquela semana. Lina deduziu como encontrar Alaíde: no hospital onde os pais de Alex foram tratados.

Foi até lá e de fato encontrou-se com Alaíde que lamentou não poder fazer a surpresa que pretendia: visitar Lina por aqueles dias para contar que se mudara para a Capital.

Estavam conversando quando viram chegar os pais de Alex que ali compareciam para exames médicos de rotina, como acompanhamento do longo tratamento de um ano a que vinham se submetendo e em razão do qual lograram estabilizar a saúde, pois erradicaram o alcoolismo e a hipocondria.

Alaíde adiantou-se:

— Lina, Lina, nem queira saber como estou feliz: o senhor Adriano e a senhora Alessandra estão bem de saúde e vivem em paz.

— Também estou feliz, pois meus pais igualmente se reconciliaram de umas desavenças bobas que os separavam. Inclusive, estamos convidados para passar o Natal na casa do senhor Adriano. E Alex e sua família estará conosco.

— Está faltando apenas convidar mais uma pessoa importante — brincou Adriano, olhando para Alaíde: você!

Antes de Alaíde aceitar foram interrompidos pelo doutor Gérson que vinha acompanhado do doutor Mário e de um rapaz.

Cumprimentaram-se em clima fraternal e logo o doutor Mário informou:

— O doutor Gérson convidou-me para integrar o corpo clínico do seu hospital, mas nossa cidadezinha ainda precisa de mim; vim agradecer-lhe o convite e apresentar-lhe meu sobrinho Leopoldo. Por bondade do doutor Gérson, Leopoldo fará residência neste hospital, pois acaba de se formar.

O rapaz cumprimentou a todos, um por um.

Quando olhou para Lina teve a impressão que já a conhecia. Mas, de onde?

Ela também imaginou reconhecê-lo. Só que não fazia a menor ideia de quando nem onde já o havia visto...

Aláide perguntou ao doutor Mário:

— Quando o senhor volta?

— Ficarei alguns dias aqui, visitando alguns laboratórios e indústrias médicas, para comprar remédios e alguns instrumentos cirúrgicos. O Natal aqui, mas o Ano Novo lá "na roça".

Adriano interferiu:

— Seu Natal desse ano será em meu lar, se o senhor conceder-me a alegria da sua presença. Nunca nos esqueceremos de que o nosso Alex deve sua vida em parte ao senhor, que o atendeu naquela coisa boba, que até já esquecemos...

Adriano abraçou o doutor Mário e complementou:

— Mas não esquecemos a gratidão!

Falador, mas atencioso, Adriano adjuntou:

— E seu sobrinho vem com o senhor, se ele quiser e não tiver outro compromisso...

O silêncio e o sorriso franco do doutor Mário significaram aceitação. Leopoldo, algo embaraçado, apenas agradeceu.

— Mas você vai também, não vai? — forçou Adriano.

— Tenho que estudar...

— Estudar — atalhou o tio — isso sempre você terá que fazer. Mas um Natal com tantos amigos...

Quase que sem se dar conta do que fazia, Lina entrou forte na conversa, solidária com o doutor Mário:

— Também tenho que estudar, pois estou concluindo inglês e espanhol. Mas vou passar o Natal com eles...

Leopoldo, surpreso com a espontaneidade daquela bonita moça, "sua conhecida de não sei onde", mas de olhos inesquecíveis de tão lindos, aquiesceu, agindo mais por impulso do que de caso pensado:

— Está bem, está bem. Estarei feliz com vocês. Sinto-me honrado, muito mais do que mereço.

Adriano olhou para o doutor Gérson e brincou:

— Quanto ao "chefe" é lógico que nem é preciso convidá-lo.

— Agradeço sensibilizado — respondeu o doutor Gérson, acrescentando: mas minha mulher, os três filhos menores e eu estamos de viagem marcada para a cidade da minha filha casada.

Despediram-se.

Quando Leopoldo dirigiu-se a Lina ele elogiou:

— Parabéns por estar concluindo inglês e espanhol, justamente as duas línguas que quase estão dominando o mundo... Há tempos quero aprender esses idiomas. Um pouco até já sei porque a maioria dos livros pedagógicos estão escritos nesses dois idiomas.

Lina, vivenciando clima íntimo de grande paz, fruto da presença daquele moço "com o qual já conversara, mas onde?", foi atenciosa:

— Pode me chamar de Lina...

— Pode me chamar de Léo...

Riram, descontraídos. Leopoldo esticou a conversa:

— Gostaria de já saber inglês e espanhol...

— Gostaria de já ter concluído a faculdade...

Leopoldo raciocinou em voz alta:

— Que coincidência: você pouco adiante do começo de Medicina e eu terminando, mas em compensação, você concluindo inglês e espanhol e eu iniciando...

— Vidas cruzadas? — filosofou Lina, com humor.

Leopoldo olhou Lina com intensa e súbita emoção, pensando: "Meu Deus! Onde já ouvi isso? Onde? Onde?...".

Tropeçando nas palavras Leopoldo apenas disse:

— Já ouvi essas mesmas palavras de alguém, só que não me lembro nem onde nem de quem. Parece até que estou com os pés fora do chão...

Agora foi Lina quem se emocionou, pois igualmente já ouvira algo relativo a "pés fora do chão", sem se lembrar onde.

— Vamos até o jardim? — convidou Leopoldo.

Quando Lina sinalizou concordância Leopoldo tomou delicadamente a mão dela e dirigiram-se ao florido jardim do hospital.

Indisfarçável a ambos, estavam trêmulos.

Lina confessou:

— Até parece que já o conheço.

— Eu também, tenho a impressão de que já a vi.

Naquele instante, sem que nenhum dos dois percebesse, de pronto, o amor, sem pedir licença e impondo reciprocidade, visitava-lhes a alma.

Os dois "tamborins" espirituais com os quais Lina se encontrava quando em desdobramento durante o sono, procuraram Angélica (nome real da "samaritana número dois"), exclamando exultantes, a uma só voz:

— Louvado seja Deus!

— Sim — respondeu a mentora, aduzindo: para sempre!

Logo olhou aos dois assistentes, aguardando o que tinham para contar. Sempre em coro, eles informaram:

— Nossos amigos Léo e Lina estão apaixonados!

— Jesus os abençoe — refletiu Angélica, comentando: agradecemos ao Mestre a bênção de confiar-nos as atividades socorristas, pois isso, além do alívio proporcionado a tantos irmãos sofredores, ainda oferta tais alegrias aos nossos corações. É sempre um acréscimo de felicidade vermos dois Espíritos, nossos companheiros, unirem seus ideais, com e por amor.

Joel perguntou:

— Algum dia eles ficarão sabendo daquele encontro que tiveram quando dormiam?

— Algum dia sim, mas bem distante no futuro. Por ora, tal conhecimento poderia trazer-lhes desequilíbrio na existência terrena. Léo não entende, por enquanto, como ocorrem desdobramentos.

Fazendo ligeira pausa consolidou a explicação:

—Lina foi estagiária na nossa equipe até capacitar-se a realizar atendimentos quase que iguais lá no Centro Espírita... Por precaução, resguardando-lhes o livre-arbítrio, só estiveram juntos, desdobrados, aquela vez.

Agora foi Rodrigues que insistiu:

— E no encontro eles traçaram planos para suas vidas terrenas?

— Sim, isso aconteceu e foi acréscimo da Bondade de Deus, diante da boa vontade de ambos, pois Lina estava com o coração perturbado. Mas não podemos nos esquecer que, anterior aos planos que ali houvessem traçado havia um plano maior, consubstanciado antes mesmo deles reencarnarem.

— Planejamento reencarnatório?

— Sim: não é isso mesmo que o Espiritismo nos leciona sobre a família? Que ela é de inspiração divina? Que o amor é o único elo válido para unir corações, num primeiro passo, familiar, entre homem e mulher e seus filhos? Para depois, gradativamente, esse mesmo amor espriar-se na alma por tudo e por todos, até atingir as culminâncias celestiais do amor universal?

— Mas... tantos são os conflitos familiares de casais que juraram amor eterno... Depois... Tantas separações... Por quê?

— Conflitos acontecem por falta de sintonia, sendo pedregosa a estrada a ser palmilhada a dois, mesmo com as sandálias da paciência, tolerância e perdão. Se com tal calçado é difícil, imaginem sem ele... Já quanto às separações, quando alguém causa prejuízo a outrem urge repará-lo e a omissão, pela fuga, nesse caso, constitui desprezo à bênção da reencarnação, que aproximou devedor do credor; nas uniões de interesse as separações acontecem pela perda de substância, tão logo a paixão seja satisfeita ou os bens materiais conquistados.

Após pequena pausa Angélica completou:

— O respeito ao livre-arbítrio é diretriz divina, seja em associações ou dissociações. Porém, nos casos em que o devedor não quita seu débito, ou apenas parte dele, apenas transfere a dívida para uma outra oportunidade, quase sempre em uma outra etapa terrena, com maiores dificuldades.

Joel questionou:

— Sem me tornar insistente, mas apenas refletindo, imagino que quando nascem filhos aí está uma família. E como família é instituição divina, por que tantas desavenças?

— Há diferença entre família física e família espiritual, entre lar e residência. Há família se os verdadeiros laços são os do Espírito, de duração eterna, com ou sem laços corporais. Havendo apenas estes o que temos é também uma família, mas quase sempre de duração episódica, isto é, só naquela existência física. Quando há um grupo de pessoas unidas por parentesco e por vivências anteriores, há um lar. Já numa casa que abrigue familiares, se não houver tais laços o que há é acomodação (residência), geralmente de duração efêmera, podendo desfazer-se o conjunto antes mesmo da morte física de um ou de todos.

Angélica considerou válido o silêncio.

Pensativo, Joel logo inquiriu:

— Como progredir entre atritos, desavenças, brigas?

— A humanidade terrena não é formada por anjos. Assim, há discordâncias permanentes e nem sempre o veículo é a delicadeza, ou no mínimo a educação... Mas, infelizmente, é assim que o progresso por enquanto tem chegado aos homens: com agressões individuais ou coletivas, guerras nos próprios países ou de país contra país.

A mentora refletiu e com os olhos brilhando sentenciou:

— Sendo a paz a meta traçada por Deus, cedo ou tarde, sem agressão, sem inveja, sem indiferença, mas com ternura, admiração sincera pelos êxitos do próximo e mais que tudo, com amor, então a paz será plena, para todos — pessoas, famílias, sociedades.

O Natal na casa de Adriano foi muito feliz, tendo comparecido todos os convidados. O anfitrião pediu a Lina para proferir uma prece e enquanto ela orava Léo ficou impressionado com a profundidade filosófica das palavras que ouvia. Mais tarde, vivamente interessado, procurou saber dela qual o real significado dos termos proferidos na prece: agradecimentos "pela bênção das vidas sucessivas"; "intercâmbio dos dois planos, material e espiritual" e sobretudo "a oferta no altar que ali estava sendo feita, após a reconciliação"...

Com muito gosto Lina explicou a Léo os fundamentos espíritas sobre o que dissera, isto é: *reencarnação, mediunidade e perdão*.

A partir daquela noite mais um coração se abria para receber ensinamentos de Jesus, fazendo com que a mente buscasse aprendizados evangélicos com a embalagem da razão abraçada à fé.

Antes do fim do ano Lina foi até a faculdade, tratar de pequenas providências. Resolvidas estas, sentiu vontade de dar um passeio pelo campus. Teve enorme surpresa: viu Daniel à beira da piscina, com uniforme de salva-vidas, conversando com uma jovem. Continuou seu passo, não evitando aproximar-se deles. Vendo-a, Daniel ficou embaraçado, mas Lina foi amigável:

— Olá, Daniel. Como tem passado?

— Bem — gaguejou Daniel, acrescentando: esta é Elvira, minha noiva...

— Oi, Elvira, sou Lina. Prazer em conhecê-la.

A moça captou o embaraço do noivo, mas ante a espontaneidade de Lina foi simples também:

— Oi, Lina. O prazer é meu.

Lina logo desanuviou o clima:

— Daniel e eu nos conhecemos na cidade em que nasci. É amigo da minha família. Estou contente em saber que vocês estão noivos. Cuide bem dele e não se esqueçam de nos convidar para o casamento.

Daniel, constrangido, num gesto de fluiu da gratidão, declarou:

— Lina, a Elvira sabe de tudo. Graças aos conselhos que você me deu mas principalmente ao amor dela, que confiou em mim e me apoiou, liberei-me daquilo...

— Louvado seja Deus! — exclamou Lina, abraçando os dois.

Com os olhos marejados de lágrimas Daniel "confessou":

— Nunca fui aluno desta faculdade, nem de faculdade nenhuma. Como você pode ver, sou um simples salva-vidas.

— Que bom! Quem salva vidas tem uma profissão abençoada, pois o patrão é Deus! — redarguiu Lina, conquistando de vez a amizade dos noivos, dos quais despediu-se.

Quando à noite Lina encontrou-se com Léo comentou com ele o caso de Daniel. Aproveitou a oportunidade e narrou-lhe os acontecimentos relativos ao seu "baile dos quinze anos". Dessa forma, Léo ficou sabendo os detalhes relativos às duas famílias — à de Lina e a de Alex — bem como sobre Daniel.

Foi com incontida e muda alegria que Léo ouviu Lina, pois seu tio havia contado alguns fatos que não assimilara bem, principalmente sobre Alex, mas que agora se encadeavam. Mais uma vez a verdade lançava luzes fortes, definitivas, sobre a realidade.

Lina, sem nenhuma vaidade, aproveitou e contou também sobre suas atividades mediúnicas exercidas no Centro Espírita:

— Você nem imagina a minha felicidade em poder ajudar pessoas "do lado de lá", enquanto espero me formar para ajudar também as "do lado de cá"...

Léo ficou vivamente interessado em saber mais sobre o Espiritismo. Lina, então, surpreendeu-o dando-lhe uma coleção de cinco livros — as obras básicas do Espiritismo, de Allan Kardec.

— Outro presente? Mas não é Natal e nem meu aniversário...

— Esse é para o Espírito — brincou Lina.

— E para o corpo?

Ao dizer isso, quase que em ato reflexo, Léo corou.

Lina também.

Um abraço com muito amor, seguido de um terno e longo beijo prenunciou a família que em breve formariam, unindo corpos e almas.

Tomado de grande admiração pelo nobre coração de Lina o jovem médico segurou-lhe as mãos e sem que tivesse planejado, num impulso de grande afeto e carinho, abraçou-a.

Os dois corações, unidos, batiam acelerados.

— Lina: você é tão importante na minha vida! Só penso em você! Desde o Natal, quase não consigo me alimentar, quase não con-

sigo respirar, quase não consigo dormir... Só pensando em você! Sabe por quê? Porque eu a amo de toda a minha alma!

— Léó, meu amor! Você também tem causado tudo isso em mim. Não tenho a menor dúvida: eu o amo, como jamais alguém amou outro alguém!

Beijaram-se, terna e demoradamente.

Em júbilo, Angélica e os dois "tamborins espirituais" olharam para o céu onde estrelas refulgentes pareciam despejar raios celestes em direção aos dois apaixonados. Disseram, em uníssono:

— Louvado seja Deus!

Angélica vaticinou:

— Estamos assistindo a uma feliz alvorada de duas almas que unidas iniciam passos como alunas da vida e sócias no amor. Depois serão professoras...

Os dois tamborins não entenderam. Ela explicou:

— Ele, além dos estudos doutrinários individuais, aprenderá com ela muitas coisas da Doutrina dos Espíritos, retribuindo com ensinamentos da medicina, que irão se somar aos que ela estará aprendendo na faculdade.

Tendo os auxiliares compreendido, Angélica arrematou:

— Mais tarde, juntos, poderão exercitar ambas as bênçãos, nas inúmeras oportunidades que a vida oferece para o auxílio ao próximo, a partir dos filhos que desde já aguardam a sublime oportunidade do retorno à continuidade do aprendizado na melhor de todas as escolas, que é um lar.

Olhando significativamente para os dois *tamborins* a "samaritana número dois" não conseguiu esconder uma lágrima ao informá-los:

— Pela Bondade de Deus não tardará que vocês voltem, a breve intervalo um do outro, a sentir a carícia do Sol na pele, a umidade agradável da relva nos pés, mas sobretudo o amor paternal e maternal de um casal de médicos...

Em delicado pranto de saudade antecipada, concluiu:

— É quase certo que quando completarem o primeiro ano da próxima existência terrena, seus pais, por inexplicável intuição, lhes deem pequenos tambores de presente.

*

*

*